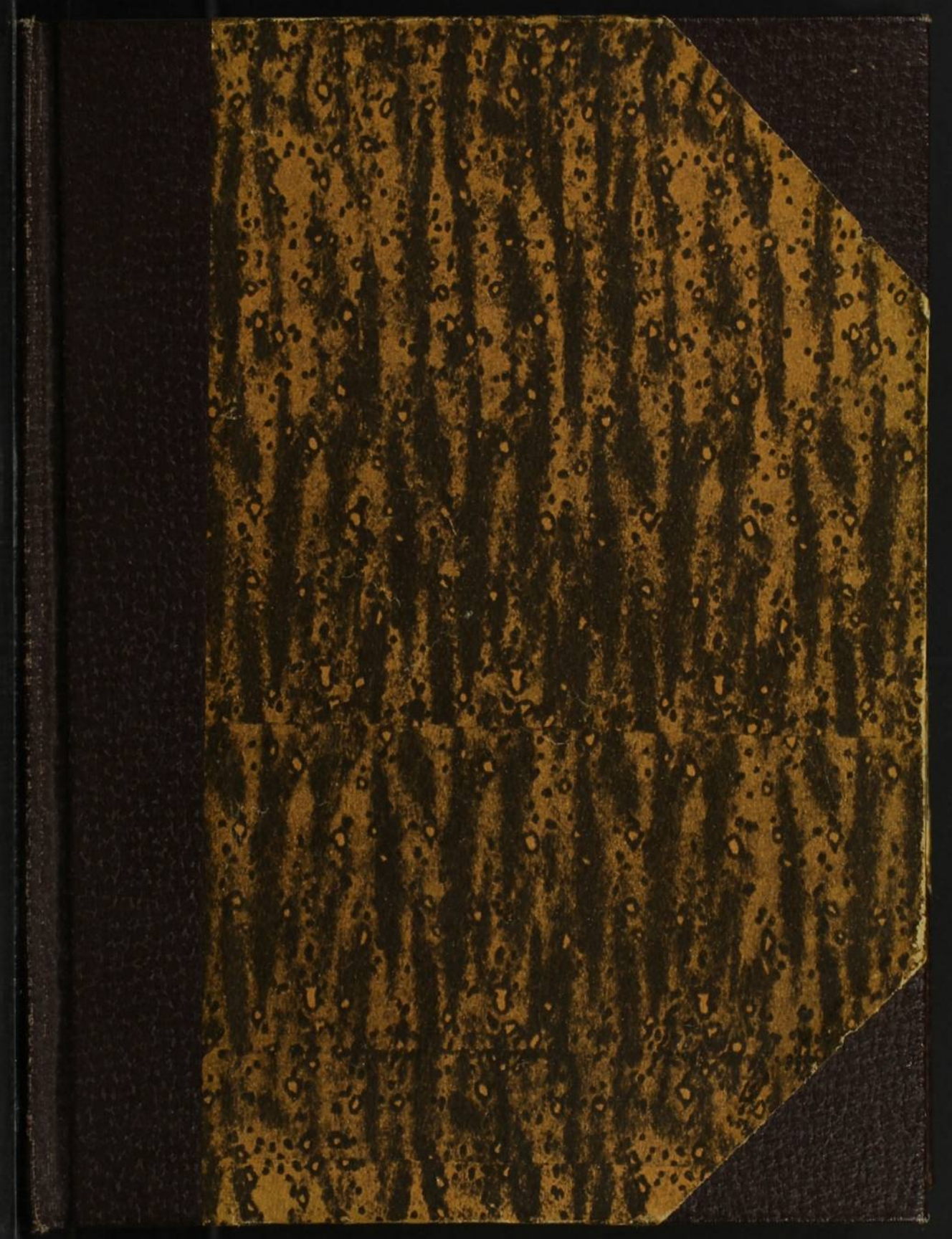

DALTON TREVISAN

GUIA HISTÓRICO DE CURITIBA

ARCHIVO HISTÓRICO DE SANTIAGO

Guia de Curitiba

Curitiba que não tem pinheiros esta Curitiba eu viajo. Curitiba onde o céu não é azul Curitiba que viajo. Não Curitiba para inglês ver, Curitiba me viaja. Curitiba bem cedo chegam na carrocinha que vende galiii-nha-óóó-vos as polacas de lenço na cabeça ~~que nem~~ da protofonia do Guaraní, um aluno de grupo discursa para a estatua do Tiradentes.

Viajo Curitiba ~~com~~ dos conquistadores de coco e bengalinha na esquina da Escola Normal; ~~com~~ do político João Donato no café soprando a fumaça dos charutos de Gumercindo Saraiva; com uns cães engatados pela Avenida que a gaiolinha logo vem; do Gigi que pede dinheiro, os homens não dão (a mãe pôs anuncio no jornal: "não dê dinheiro ao Gigi"); com as filas de bonde, às seis da tarde, um e outro é um rufião na balada de François Villon.

Curitiba, não da Academia Paranaense de Letras com seus trezentos milhões de imortais, a dos bailes no 14 é a Sociedade Operária Internacional Beneficente O 14 de Janeiro; das meninas de suburbio palidas, palidas que trabalham num balcão elas tinham tanta vontade de ir a matinê; de uns homens no Passeio Publico em tomgos noivados com seus meninos de cabelos verdes sob os chorões; dos chás de Engenharia onde as meias virgens aprendem de tudo, não a tomar chá; das normalistas de gravatinha que nos verdes mares bravios são as naus Santa Maria, Pinta e Nina, viajo que me viaja.

Curitiba das ruas transversais com virgens de mesmo todas de cotovelos na janela, às vezes tem um gatinho de fita no pescoço; da zona da Estação em que à noite um povo vira a pedra do tumulo para beber amor nos bordéis e se matar de dor de corno; das cronicas sociais do Eolo que as mocinhas lêm de mão posta no coração; a Curitiba dos caftens — com seu rei Candinho — caftinas e fanchones, viajo.

Não a do Museu Paranaense onde ninguem curitibano não viu, a do Templo das Musas, com os versos dourados de Pitagoras, desde o Socrates II até os Socrates III, IV e V; da rua do crime do 111, do Pombal, do Petit Palais, camisolões azues de

baile ao som do mavioso tango Adiós, Pampa Mia; do Expresso de Xangai que chega na estação como um trem da revolução de 30, Curitiba que me viaja.

Dos bailes familiares de vargem, ~~em que~~ o mestre-sala de braços cruzados no salão para a música se tem cafajeste no baile; do Pavilhão Carlos Gomes onde foi (hoje! só hoje!) levado o maior drama de todos os tempos: "A Ré Misteriosa!"; dos varredores de rua na madrugada com longas vassouras entre o pó que nem os viralatas da lua.

Não viajo em Curitiba, a de Emiliano, poeta perneta onde o pinheiro é uma taça de luz etc.; de Alberto de Oliveira do céu azul; a do Romario Martins em que os indios caraíbas puros batem as suas matracas, barquilhas duas por um tostão; essa Curitiba não é a minha, que viajo. Eu sou da outra, do relógio na praça Ozorio que sempre marcou seis horas e meia em ponto; dos sinos na igreja dos Polacos, lá vem o crepusculo nas asas de um morcego; das dansas no Operário onde bolem as nadegas das pretas mais quentes do país e do estranjeiro; das procissões com velas na noite como um linchamento da ku-klux-klan; do bebedouro na pracinha da Ordem onde os cavalos de sonho dos piás vão beber agua.

Curitiba do turco Jorge na rua trocando uma nota de cem por 98 moedas de um; da Academia de Letras José de Alencar ao som de "Dalila" no piano cresce a caspa na cabeleira dos poetas; do Burro Brabo um cabra misterioso morreu nos braços da Heleninha quem foi? quem não foi? foi o rei do Sião; da ponte preta da Estação que é a unica ponte da cidade sem nenhum rio por baixo, esta Curitiba viajo.

Curitiba das conferencias positivistas, eles são 11 em Curitiba há 13 no mundo inteiro; dos carroceiros ~~de chicote na mão~~ ~~irdeus de~~ uns cavalinhos de franja penteada; do limpador de chaminé ~~que~~ tem uma cartola preta que foi do Príncipe de Gales, esta Curitiba a do cachorro-quente com um chope duplo no Buraco do Tatú eu viajo.

~~Eu~~ Viajo Curitiba das caixeirinhas de 1.002 lojas na rua dos sirios; do tocador de realejo que nunca tocou música, só o macaquinho come um pulga que tirou debaixo do braço; do homem da bicicleta que boiinou as 10 virgens da cidade e pirou na bicicleta. Curitiba dos fotografos parados no Passeio Publico com o painel do avião no fundo e um cavalinho de pau; dos bravos soldados do fogo que passam chispando nos carros de vermelho atrás dum incendio que ~~ninguem~~ não viu; Curitiba tem cineminha com amendoim, pinhão cozido e

reigido

da estação serrando de chicote

café com bolinho de graxa na calçada.

Curitiba que gira nos braços do professor Ney Traple em passinhos de lado de tango argentino; não de Lojas Americanas e Sloper, a dos sirios jogadores de gamão na mesa dum café; das pensões familiares de estudantes ah! que se incendeie-se o resto de Curitiba porque uma pensão é maior que "A Republica" de Platão, eu viajo.

Curitiba dos textos de Lamartine com donzelas morrentes de formicida por causa que cabos de cavalaria, uns viuvos se enforcam de saudade nas correntes de descarga da privada. Curitiba dos sete sujeitos com ataques epileticos na rua; da briosa bandinha do Tiro Rio Branco que desfila aos domingos na rua 15 vai para a guerra do Paraguai, dum viralata morto na porta dum dos cafés, esta Curitiba ao som da valsinha "Sobre as Ondas do Iapó" do maestro Bento Mossurunga que eu viajo.

Curitiba sem pinheiros ou céu azul pelo que vosmecê é — província carcere lar — esta Curitiba, e não a outra para inglês ver, com amor eu viajo, viajo, viajo.

1953

GRAVURAS DE **POTY**

DALTON .VISAN

A Volta do Filho Prodigo

A Volta do Filho Pródigo

S. Lucas 15, 11.

COM O PAI

— Só tu fugiste de mim, ~~eh tu~~, que não és meu filho?

— Meu pai, meu pai.

— Não digas: Meu pai, se não és o filho que achei, e sim, o que perdi.

— Já me fui o meu caminho e estou de volta.

— Não ~~voltaste atrás~~ por mim ou por tua mãe ou por teus irmãos, filho ingrato. Expulso dos bordéis, ~~a tua casa não te negou, vens a ela.~~

— Estou cansado de sofrer, e não posso.

— O meu filho foi-se de mim e não existe.

— Ah! se soubesses, Pai...

— Não quero saber.

— ... o que sofri longe da casa.

se a olhava — me devolvia tua imagem.
— Eras tu, Pai.

— Em casa já fugias de mim, como um pardal que se lhe jogo pão não quer... para bicar a romã madura.

— Não sou digno de que me chames meu filho, Pequei contra a casa, sou a vergonha de meu Pai.

— Eis que meu filho voltou e acho a sua imagem na água do poço.

— És bom, meu Pai.

— Dei-te conselhos para ficares, mas tu disseste: Não ouvirei. Nunca a minha voz fez seu ninho na tua cabeça de pardal.

— Eram muitas vozes, meu Pai, eu não sabia qual era a tua.

— Te foste por fantasia, sem a minha benção.

— Não era de ti que fugia. Oh Pai, de muito longe te achei mais perto.

— Dobra-te a meus conselhos, imita o exemplo do irmão mais velho e não serás o filho desgarrado. Se teu corpo está vivo, a tua alma, oh meu filho, onde está a tua alma?

— Antes, não tinha uma e quando mais me perdi a ganhei, e disse: estou salvo.

— Tua viagem não foi vã, ainda que o mesmo te ensinara na tua propria casa... por menor preço.

— Não, Pai. Onde não há apetite como ensinar o desejo? e a solidão entre a mãe

do lado esquerdo e o pai do outro lado? É a fome que só bolotas de porcos saciam?

— Meu filho, meu filho.

— Achei no longe o teu amor que me arrastou. Aprendi amar a casa quando a deixei, venho na paz.

— Dispensa ir aos exilios para achar bem tão perto; é um erro, meu filho.

— Meu erro, Pai. Sei de volta amá-la como ela quer.

— Ai dos pais se todos os filhos falassem com a tua boca cheia.

— Posto que a mentira seja mais facil, não minto, Pai. No patio, entre tantos rostos vi um rosto e sem olhos no corpo veria entre todos a teu rosto.

— A verdade mora na casa do Pai. Ainda não crês em mim?

— As palavras por sabias nada podem contra uma só estrada, unica arvore, tão logo não sejam as tuas, Pai.

— O meu mandamento era?

— Não... não...

— ... não fugir, meu filho.

— Não sou mais teu filho, Pai. Eu levo a vergonha para tua casa.

— Se sou teu pai te quero bem.

— Eis-me de joelhos, sem nenhum orgulho, Pai. Ordena, que eu parto.

— Fica, e presta contas: que fizeste do dinheiro que tanto custei a ganhar?

— No patio, eu te chamei Pai, sou o teu filho! olhavas para outro que chegava...

— Comprei com ele o amor, o prazer, ah doces delicias da estrada...

— Sabes para tua velhice de algum oficio?

— Sei de histórias.

— Ai de teu Pai que nada gozou na vida!

— Sei, Pai. O meu medo era na guarda dos bens de perder o mundo.

— Abre as mãos vazias de teus bens...

— Perdi-os, meus bens, é certo.

— Em troca do que, do que?

— Nada, quase nada. Gamei a Ti, Pai, voltei para casa.

— Não falo de mim, de tua mãe que não apagou o fogo para que de dia a fumaça de uma chaminé, de noite o clarão de uma janela guiasse o teu caminho. Pede perdão, ah meu filho, de ter fugido.

— Não poder pedi-lo sem que seja ordem tua, Pai...

— Tua mãe chorou os olhos por tua causa.

— Se ficasse chorava por mim em vão.

— Corrias atrás de tuas delicias, o irmão mais velho trabalhava duas vezes, por ele e por ti. Não me desobedeceu.

— Porque cresces a minha vergonha, Pai? Bati palmas na porta de minha casa.

— Não matei o bezerro gordo pela tua chegada? Não tens o meu anel no dedo mal ferido?

— Meu pai, meu pai, não nego.

— O banquete foi para que o filho saiba o que perdeu.

— Eu não perdi... a não ser hoje.

— Na casa tens a segurança, os bons sentimentos, a paz. Não esqueças a lição do banquete, e pensa: o que perdi saindo de casa.

— Foi o que pensei, Pai.

— A voz de meu grito já não te chama entre estas paredes, eis-te de joelhos. Te convenceste do mau caminho, perdoo tua maldade e teu pecado. Os que ficam não consolam do filho que se foi.

— Não queres saber da viagem, Pai?

— Não, o diabo perde uma casa com o filho longe dela.

— Sabes, Pai, o diabo uma vez...

— Proibo-te que fales de tua viagem a um de nós.

— Sim, meu Pai.

— Nem uma palavra a teu irmão mais velho.

— Te obedeço, meu Pai.

COM O IRMÃO MAIS VELHO

— Porque vieste para casa, meu irmão? Ninguém te chamou.

— Vim morrer em casa.

— Nunca se deve deixar a casa em que se nasceu.

— Na casa eu morria; nela, eu era o criado de quarto de meu pai, o pagem de minha mãe, o sobrenome de meu avô.

— O mesmo eu sou!

— Sem te ofender, não queria ser igual a ti, nem a teu... meu Pai.

— Orgulho, orgulho, orgulho.

— Somos vários.

— Somos irmãos.

— Filhos do mesmo pai e da mesma mãe, irmãos não. És mais pai do que o Pai.

— Sou o irmão mais velho, deves obediência.

— Obedeço, estou em casa. Não te enjoas de morar longe dos pecados radiosos que...

— Não, estou bem na casa, é a minha casa, os meus bens, que tenho e não joguei.

— Eu, ai de mim que a todos perdi. Levo tudo comigo na roupa do corpo.

— Tens um anel maior que o meu, no dedo.

— Tiro-o do dedo e jogo — vês? — pela janela.

— Ingrato, de todas as janelas a Mãe te chamou. A mim não nego, não fazes falta. Senti como irmão saudades tuas. A casa progrediu na tua ausencia, e parte de minhas riquezas serão tuas, por seres meu irmão.

— Para que as quero senão gastá-las?

— És então um perdido? Só aprendeste o mal?

— A pratica do mal me salvou da curiosidade do mal, que pode mais do que ele.

— Contarei a meu Pai, se não te portas direito. E teus bens que esbanjaste?

— Eram meus.

— Agora, que os não tens mais, queres parte dos meus. Nada te darei.

— Meu irmão, meu irmão... Nada quero de teu.

— Tens de ganhar o pão por tuas mãos.

— Não é dificil se não quero outra coisa. Venho cansado, não discutiremos; hoje, não.

— Não contestarás a minha autoridade perante ti?

— Não, quero paz.

— Não cobiçarás minha mulher? não roubarás a chave do meu bolso quando eu for dormir?

— Me contes qual o teu bem que posso querer?

— Não desviarás o teu irmão menor? Cuida de tua lingua solta.

— Não o vi ainda. Está mais a salvo, quem sabe, que tu.

— Ora, sou maior que as tentações.

— Só venci a tentação quando o pecado não me quis...

— Tens de respeitar a lei de morar na casa.

— Respeitarei, o que não é crer nela.

— Terás de rezar.

— A minha prece tem palavras que não sabes.

— A prece não tem palavras novas.

— A prece não, o amor.

— Deus ama o justo, o que não peca, nem foge de sua casa.

— Não sabes da parabola?

— É falsa. Deus não preferiu o perdido ao salvo; de que valia então estar a salvo?

— Rangeste os dentes contra mim quando cheguei e não quiseste entrar na casa até que o Pai te trouxe pela mão. Ele ma-

tou o bezerro gordo para um banquete a ti com tua mulher e teus amigos?

— Tremo pela casa com a tua volta. És perigoso em casa: tens no corpo os pecados soltos no mundo.

— É filho do demonio o que não crê nele.

— Delatarei teu serviço, não terás tempo de sonhar com a estrada depois do muro.

— Obedeço, meu irmão.

— Ainda me chamarás de teu senhor.

— Meu irmão, meu senhor.

— Tenho pena de ti, mas defendo a casa contra ti. Só me fales se queres um conselho.

— Sei de uma historia...

— Silencio, te ordeno.

COM A MÃE

— Meu filho, quando é que um filho deixou o seu Pai, a sua mãe, os seus irmãos?

— Não te deixei, mãe.

— Tanto sofri por ti, lavei cada manhã meu rosto com as minhas lagrimas.

— As lagrimas eram meu pão, quando não tinha o que comer.

— Pobre de meu filho, sabes que há fome?

— Pobre mãe! Fome, frio...

— Fome, sede, medo, frio.

— Porque não levaste meu cobertor de lã?

— O que era meu.

— Só levei a roupa do corpo e... meus dinheiros.

— Gastaste o dinheiro de teu pai.

— Era meu, ele me deu.

— Muito se queixou para mim de que o emprestaste para devolver no dia seguinte; e em vez, te foste.

— Não devo negar meu Pai.

— Ainda mentes, meu filho, para mim, que sou tua mãe?

— Não quero ter razão, mãe. Dá-me a paz.

— Não há paz senão em casa, no teu lugar à mesa, na tua cama quente.

— Sim, é a paz.

— Não sabias de verdade tão simples?

— Fui longe para achá-la, não era tão simples de perto.

— Gastei a lingua com tantos conselhos que meu ouviste?

— Minha mãe, minha mãe, não me censures. Errei, eis que me arrependo.

— Meu filho querido. Os teu cabelos estão brancos atrás... perdeste a medalha de ouro da tua padroeira?

— Se era de ouro, mãe, ponho a mão no rosto de vergonha: com ela comprei o amor...

— É feio pecado, filho meu. Deves te confessar.

— Confesso-me a ti, mãe, por teu perdão é que voltei.

— Só Deus te absolverá os teus pecados.

— É velho amigo, da estrada.

— Não blasfemes, oh filho, achado. Deus está no céu.

— Entre os filhos perdidos longe de casa é que Ele mora. O teu amor, mãe, arrancava o meu anjo da guarda.

— É certo que... pecaste contra...

— Certo. Pequei os poucos pecados que aprendi em casa.

— Que teus irmãos não saibam, são puros.

— Sou a laranja podre no cesto.

— Não, filho. Tudo te perdoo, se não perdes o teu irmão menor.

— Porque o menor? O maior me parece bem precisado.

— O maior é um santo. O menor... não tirou os olhos do teu anel, do manto de purpura que o Pai te jogou nos ombros. Banquete não viu como de tua volta.

— Não lhe dás conselhos?

— Como tu, ouve com um olhar parado diante da janela.

— Uma surra cala mais que dois conselhos.

— A mão pesada do Pai, embora as marcas no teu corpo, não te prendeu ao pé da mesa.

— A mão pesada de meu Pai... como a achei leve quando servi a outros amos.

— Serviste tu, meu filho, o filho de teu Pai?

— Para os outros, mãe, sou menos que o menor servo de tua casa.

— Ah, são tristes os teus olhos. E o vento apascentou os teus cabelos rebeldes... De nada te serviu o dinheiro de teu Pai?

— Gastei o meu dinheiro atrás da alegria. Para achá-la, por ser preciso, é que o perdi.

— Lavarás tua alma na agua do poço.

— Ao menos, matarei a sede. Não tenho mais sede, é pena.

— Falas como se lamentasses não ter sede!

— Perdão, mãe.

— Com a alegria de tua volta eu podia morrer...

— Perdão, oh mãe.

— ... não fora o medo pelo irmão menor.

— É uma criança.

— Uma criança com a tua idade, quando te foste.

— Tão moço para que temer? O maior, o Pai, os teus conselhos, mãe.

— Quando fui beijá-lo antes de dormir ele tinha os olhos abertos no escuro... como tu, antes de sair.

— Não sabe o caminho.

— Se tu, meu filho, não o ensinar.

— Nunca o soube eu tambem, a estrada é que me levou com ela no seu corpo de deliciosas curvas.

— Ah! ele é competente na estrada porque a tem no alto da romanzeira. É in-

quieto como o pulo dos pardais depois da chuva. Se tu falasses...

— Falarei, se me pedes. As palavras contra o azul? os pardais?

— Podes mentir, falar do horror do pecado... da fome, do frio!

— Obedeço, mãe. Porque voltei, tremes a tua cabeça na dor do medo.

— És o filho prodigo, todos os filhos da casa não podem contra a alegria de tua volta. O medo é de te perder de novo, não em ti que achei, no teu irmão.

— Não deixo que parta, posto que o espanque.

— Morde tua lingua, meu filho, De maus modos sabes fora de casa.

— Mãe, o mundo é maior que a casa.

— Engano, filho meu, nada é maior que a casa. Não te esqueças de negá-lo ao menor: a casa é o mundo. Põe tua cabeça no meu colo, pintarei com beijos os teus cabelos de preto. Reza comigo: Pai nosso que estás em casa.

— Pai nosso que estás em casa.

COM O IRMÃO MENOR

— Dormes, irmãozinho, de olhos abertos no escuro?

— Meu Pai te mandou?

— Não.

— Minha mãe te mandou?

— Pobre mãe, tambem não.

— O irmão maior te mandou?

— Nem ele.

— Porque vieste? Não te chamei.

— Eras pequeno quando me fui, és meu irmão.

— Filhos do mesmo pai e da mesma mãe, irmãos não.

— Eu, doente, de cabelos brancos, sem dentes. Num tempo tive a tua cara, com essa pequena ruga na testa.

— Uma viagem pode mudar tanto?

— Depois de me perder voltei, arrependido.

— Para que voltaste?

— Não sei; não tinha onde ir. Vim morrer em casa.

— Morrer em casa ou longe dela, qual a diferença?

— Já ouvi essas palavras da mesma boca.

— De quem?

— Na estrada, um moço a cujo lado viajei.

— Aonde ia ele?

— Não sei, era inquieto na fuga.

— Tinha mais coragem do que tu, que te dizes meu irmão.

— Ora, na tua cama quente, o que sabes do caminho?

— Ouço historias dos porqueiros, vigio a curva da estrada, espio o voo dos pardais e — o que é mais — adivinho.

— Irmãozinho, onde queres chegar?

— Mais longe que tu, num lugar de que não possa voltar.

— Não há tal lugar, eu sei, te posso contar.

— Não és dono da estrada, até a curva ela é do Pai, as margens dos dois lados são do irmão maior, depois da curva é de quem tiver pés ligeiros. Até tua ela foi.

— Até minha, por um fio de cabelo do tempo.

— O que há, me contes, se és (se queres que te chame) meu irmão, alem da curva?

— Nada, outra curva.

— E as cidades com suas torres, os patios de musica, os brinquedos...

— Tua casa tem mais que isso.

— És como certos porqueiros: cruzas uma cidade de ouro, e da cidade só vês os teus porcos.

— Eu vi todas as cidades.

— A cidade do amor, do prazer, da alegria? a que chamam cidade de Deus ou do pecado, não sei.

— Não há tal cidade.

— Há uma cidade que não viste. Esbanjaste, sem vê-la, o dinheiro que ia ser meu. Não tenho herança para levar comigo.

— Levar?

— É brinquedo com palavras. Não peço teus conselhos, os da mãe ou do irmão mais velho valem mais que os teus, sei que, a seu modo, me amam. Não me é estranha tua cara de diabo magro com fome, não fora o ridiculo manto de purpura com que o Pai te quis cobrir os ossos.

— Até aqui fui só eu a achá-lo ridiculo.

— Podia usar algum sinal da estrada, uma casa, uma certa estrela.

— Nos descaminhos da soledade dei com esta porta...

— Tua volta quase me perdeu os planos. A mãe mora na janela, o Pai dorme sobre as chaves do portão.

— Querem o teu bem, limpar a estrada adiante de teus pés: a estrada do pão de cada dia.

— O meu pão é uma bolota de porco, como-a para negar a fome, quando ela vier. O Pai e o irmão não sabem que há um pão diferente do pão de um e de outro.

— Não me deixes fora deles, sou igual a eles.

— Um deles, o que vai me delatar, nenhuma casa me fechará no seu pequeno patio.

— Irmãozinho, dorme. No teu sono viajarás pela cidade que elegeste.

— Só invento uma cidade que existe. Não temo a tua lingua venenosa, te conto: amanhã eu fujo...

— Eles não me perdoarão. O irmão maior dirá que eu te induzi, para vingar-me deles, das suas censuras.

— Covarde, hipocrita, com tuas palavras não me amarras.

— Leva-me contigo. Te carregarei no ombro quando estejas cansado, lavarei num rio que sei os teus pés feridos.

— Nada de peso morto nas costas, depois contarás onde fui, para que me tragam de volta.

— Maldito seja eu porque voltei! Sou o filho prodigo que não saiu de casa...

— Deixa-me que todos dormem. O canto do primeiro galo é o sinal da partida. Enxuga as lagrimas de nossa mãe: a tua volta não me deixará voltar.

— Serei tocado de casa como um dos porcos que o porqueiro esqueceu.

— Se te chamo meu irmão é de pena de ti. Adeus, meu irmão.

— Adeus, Irmãozinho...

1953

GRAVURAS DE POTY

DALTON TREVISAN

Lamentações de Curitiba

Lamentos de cunha

A palavra do Senhor contra a cidade de Curitiba no dia de sua visitação:

Suave foi o jugo de Nabucodonozor, rei de Babilonia perto da Curitiba escarmentada sob a pata dos anjos do Senhor como laranja azeda que não se pode comer de azeda que é.

Ai, ai de Curitiba o seu lugar não será achado daqui a uma hora.

Gemerei por Curitiba; sim, apregoarei por toda a Curitiba madrugando a nuvem que vem pelo céu, o grito dos recem-nascidos a anuncia; porque o Senhor o disse.

~~Como um dragão.~~ A chuva de gritos ~~cai~~ na terra sem cair do céu; e no céu verão as costas do Senhor; e no céu sem sol nem lua a tampa descida do céu.

No dia das suas aflições os vivos serão levados pela mão dos mortos para a morte horrivel. Da cidade não ficará um garfo, aqui uma panela, uma caicara quebrada;

não sobrará a cruz no tumulo de Maria Bueno.

O dia virá no meio do maior silêncio — com um guincho.

Estrela da manhã, nasce a gota matutina do seu cancro venereo.

O que fugir do fogo não escapará da água, o que escapar da peste não fugirá da espada, mas o que escapar do fogo, da água, da peste e da espada esse não fugirá de si mesmo e terá morte pior.

Curitiba é uma loba no cio que morde a lingua de dor.

Um mar de moscas varejeiras cobrirá os teus telhados, deitando suas larvas dentro de teus grandes olhos abertos de espanto.

O relogio da praça Ozorio marca a hora parada no dia da sua visitação. As virgens sentirão as dores do parto pelo pecado espalhado nos chás-dansantes de Engenharia. Os vestidos de tuas mulheres serão erguidos até o rosto e não cobrirão a sua vergonha e surgirão para todos verem as suas ignominias.

Os sinais do exercito da morte cobriam os teus muros, a fumaça de tuas chaminés era incenso por Baal. Novos sinais comeram a cara de teus munícipes, ganham a vida como palhaços na tua feira de vaida-

uma árvore arrancada de raízes. Oh lambari do rabo vermelho do rio Ivo, passou o tempo assinalado.

Os abutres afiam seus bicos recurvos sob as asas por causa do dia que vem perto. Teu cheiro de latrina é do espírito imundo de teu povo, eis que é a chaga da visitação do dia. Cada um ostenta o sinal da besta na testa; aqui há sabedoria.

O panico virá num baile de domingo no Operário, no meio do riso; o riso não será riso, diz o Senhor, de cada homem farei um espelho partido, de cada mulher farei um papel rasgado.

Com seu rincho o tropel dos cavaleiros da peste subirá pelas tuas paredes, o bezerro de ouro no Centro Cívico morderá nos teus viralatas a raiva.

Diz o Senhor: Eis que eu entrego esta cidade nas mão de Baal e dos filhos com rabos de Baal, e tomá-la-ão.

Escorrerá devagar o tempo como azeite derramado.

Este é o povo que morreu de espada: cento e noventa mil e sete almas mais uma; todas as almas numa hora e sem um só habitante.

As três estatuas da República, de Tiradentes e do Marechal de Ferro madrugarão com os olhos na nuca para não ver.

Tempo de horror, pendurados pelos rabos nos postes, os basiliscos comerão os

fetos na barriga de tuas mulheres gravidas.

Os ipês nas praças sacudirão os enforcados como roupa secando no arame.

De assombro as damas alegres da Dinorá acenderão os vestidos com querosene gritando nas janelas o fim dos tempos.

O vomito dos mortos lavará o rosto dos vivos.

O mundo ouvirá os gritos de tua vergonha, oh municipes, a imundicie de tuas saias gerará os piolhos e pulgões de todas as nove pragas.

No rio Belem serão tantos afogados que a cabeça dum se ligará aos pés de outro, não haverá cachaça para todos os velorios. Os ratos sairão dos boeiros e roerão todo o dinheiro do Banco do Estado.

Na Agua Verde a matilha dos porcos comerá as crianeinhas no berço. As mulheres parirão rãs, o uivo dos seus partos abrirá o ouvido dos surdos.

Os loucos furiosos no Asilo ficarão calmos e ajudarão nos primeiros socorros. Os medicos se injetarão cardiasol e tomarão choques eletricos.

Nos olhos dos choferes de lotação farei ninhos de sevandijas, mexendo com seus ralinhos.

Os tabeliães vomitarão os selos de seus papéis selados. Os barbeiros ah! os barbei-

ros cortarão com a navalha suas linguas que ruminarão sem poder engolir.

Os açougueiros lutarão contra as pelancas dentro da geladeira e comerão bosta de vaca até rebentar, porque é o dia do Senhor da vingança contra a cidade maldita, mais que Sodoma e Gomorra.

Na cara dos velhos verão os olhos dos filhos e esses terão cara de rugas, será uma confusão chorar os proprios mortos. Ninguem chorará muito pelos outros, cada um chorará a sua morte.

Para embainhar minha espada, diz o Senhor, os vinte e sete necrofilos da cidade casarão no civil e no religioso com suas noivas mortas e enterradas.

Cadelinha de luxo é Curitiba, já vem perto o dia.

Com o choro dos recem-nascidos gemerei sobre ela.

A filha do meu povo será um corredor de enfermaria com seus uivos e maldições. Muitos correrão para baixo da cama e cada um terá mais de uma morte: uma, a que escolher e as outras pela espada do Senhor, que já assobia no ar.

O rio Ivo se tingirá de vermelho mais que o Eufrates.

Um sino baterá no ouvido dos homens e eles cairão no chão como caqui maduro ao seu vento de furia. As filhas vaidosas

de sua cidade suspirarão. Chorarão lagrimas dos olhos dizendo: não há dor como a minha dor. Depois chorarão os proprios olhos com dois buracos na cara.

Os capitalistas comerão esterco de galinha, os filhos dos capitalistas comerão escrotos crus de bodes pela tabela Price.

No cemiterio com os tumulos pintados de ~~amarelo~~ azul e vermelho virados pelo avesso, os ossos ficarão de pé e serão julgados. A boca da peste cuspirá sobre teu ~~rosto de~~ assombro ~~um beijo de lesmas, percevejos, baratas, gafanhotos e escorpiões.~~

Aos calvos de espanto nascerão cabelos, ~~não há~~ tempo de tirar um retrato 3x4. ~~As mães para salvar os filhos arrancarão com as unhas a sua pele do corpo.~~

Ai de Curitiba, perece o teu povo e se quebranta meu coração, porque é o dia de tua visitação, diz o Senhor. Da tua arrogancia, dos teus tesouros, de teus títulos a gente indagará: que fim levou?

Chamai as carpideiras das festas porque muito choro será pouco. Que cada um tenha mais de dois olhos para o choro que for preciso.

Uivai, municipes, rebolai no lixo de tuas ruas, oh vereadores com vozes de gatos, micos e cachorros para confundir a minha espada como se fossem gatos, micos e cachorros.

As águas do rio Cajurú se abrirão como as do Mar Vermelho, os homens com seus dinheiros nas costas tropeçarão na sombra apavorada.

Cada homem tremerá como um platano sacudido pelo vento sul, afinada a voz de eunuco e as descabeladas mulheres correrão diante dos espelhos e não verão ~~interesse~~ no espelho.

Com os dentes morderás teu chão de covas fundas e em nenhum buraco acharás teu esconderijo. Lobos virão de longe para uivar.

Curitiba é como uma espiga de milho debulhada: sabugo esteril. Onde está a paz da cidade?

O terror arrombará as portas, os macaquinhos do Passeio Publico destelharão as casas,a cidade federá como a jaula de um chacal doente.

Onde estão os leões de pedra que guardam as casas de teus ricos e os tatús de rabo amarelo que guardam esses teus leões?

Maldito o dia em que filho de homem te habitou; o dia em que se disse nasceu uma cidade não seja bemdito; porque não foste sempre um deserto, em vez de ser coberta de telhas e outra vez sem um só habitante?

Curitiba, o Senhor chamou o teu nome e como o de Faraó rei do Egito é apenas um som.

A espada veiu sobre Curitiba, e Curitiba foi e não é mais.

Oh Curitiba Curitiba Curitiba, ouve a voz do Senhor como um martelo que enterra os pregos. O teu próprio nome será um proverbio, uma maldição, uma vergonha eterna.

Oh Curitiba Curitiba Curitiba estendes os braços enfeitados de flores ~~de acacia~~ pedindo tempo, quando não há tempo.

A gente indagará: porque agiu o Senhor contra esta preciosa cidade? Um dirá ao outro: porque nela não havia rua para o Senhor.

Não tremas, oh cidadão de São José dos Pinhais, nem tu, pacato municipe de Colombo, a besta baterá voo no degrau de tuas portas. Até aqui o juizo de Curitiba.

~~1953~~

aquarela de gesta

GRAVURAS DE POTY

DALTON TREVISAN

OS DOMINGOS

OU

AO ARMAZEM DE LUCAS

(NOVELA)

OS DOMINGOS

ou

AO ARMAZEM DE LUCAS

DALTON TREVISAN

OS DOMINGOS

OU

AO ARMAZEM DE LUCAS

(NOVELA

1954
CURITIBA

OS DOMINGOS

Foi ~~Marta~~ ela que me chamou para a cama. ~~Ela~~ me seduziu com ~~dois~~ uns copos de vinagrão. Bem que a velha me praguejou: o Lucas não é mais o filho de minhas bençãos. Tua perdição, filho meu, é a bebida. Ela desgraçou teu pai e teus irmãos. Eu sei ~~(só eu sei)~~ (eu só) que não foi o vinagrão: foi o domingo.

Era um domingo, com seus pastéis de carne e seus pernilongos, que o amarrava ali na cama, o coração arfando que nem o papo dum sapo.

De dia, no quarto, não se ouve o relogio da igreja; na madrugada, como asas de morcegos, as horas batem na vidraça. Quando Marta dormir, Lucas descerá a escada e, tateando com os pés descalços para não pisar numa lesma, despejará o domingo para fora dos intestinos. Prendeu, com as duas mãos, o papo do sapo dentro do peito, dormirá sentado até a cabeça cair de sono. Marta dorme, ela ronca, nem se oferece para fazer um chá. Lucas pode morrer que ela não acorda. Ah! se ele morresse, Marta abriria a janela gritando aos guardas-noturnos que su-

bissem para a cama com ela, sobre o corpo de Lucas, quente ainda.

Domingo, no tempo de Lucas, era a casa dum cheiro só, o espelho com sua unica imagem, atrás da porta: o espelho com as suas manchas de moscas. Lucas podia, a qualquer hora, descer ao porão. Lá fora, os sapatos do vento nas folhas secas da laranjeira, quando havia laranjeira. Deitado na cama Lucas se coçava, roía em delicia os dedos amarelos do cigarro, ~~a roupa rescendendo a cigarro apagado~~. Não tinha uma bagana no chão: as chepas cobriam o forro (com ultima tragada, atirava a chepa contra o forro, ali grudada com a saliva, no céu de Lucas).

Lucas não estava mais só. Nunca ~~mais~~ estaria só: na toalha umida de

rosto, como no lenço de Veronica, o sorriso pintado de Marta. Marta eram os cabelos ruivos ~~entupindo a~~ na pia, ~~os seus chinelos embaixo da cama~~, os vestidos com as duas manchas de ~~sovaco~~ suor nos cabides e, no espelho, seu intruso rosto. Fazia parte de Lucas como o sangue da pulga na cueca, um pouco de caspa no paletó ao fim do dia.

Aos domingos, deitado de cueca, ele fumava, roía as unhas, lambendo o sangue no canto dos dedos. Era o seu proprio cheiro, na unha, na meia suja, na camisa usada, no forro do chapéu. Lucas. No fim do cigarro, babava na ponta e atirava-o contra o forro, entre os outros.

Domingo (ela o seduziu, com uma garrafa de vinho, num domingo) é o

dia de Marta, como cada dia tem seu santo na folhinha. Os pernilongos ~~moram no~~ quarto, a janela ~~ficou~~ aberta por causa do calor. Marta gritou para Lucas fechá-la sabendo que ele, depois que bebe, sofre de falta de ar. ~~os pernilongos cantam para Lucas dormir que nem meninas ao redor do poste brincando de roda tiro-rô. Um domingo~~, é domingo na queda dos bezouros sob o poste, ao lado da janela e caem de costas, arranhando as patinhas, sem poder se virar. Os homens de passos lentos por causa dos chinelos. A torneira estragada da cozinha pingando na folha de zinco. Um piá que bate palmas na porta dos fundos para comprar pão ou cachaça. Os corvos bicam o lixo nos quintais: é domingo, dia de Marta.

Sempre que passa um bonde na rua cai das paredes um pouco de cal amarela, cada dia (até a volta da velha que, uma vez por semana, varre a casa), cai o pó de cal no chão, como se fosse a caspa de Lucas.

Vinte anos atrás do balcão, com a mercadoria apodrecendo nas prateleiras, o choro das negras que no negocio do turco é mais barato. O feijão solta raizes, borboletas voam do milho carunchado, Lucas não há de baixar um tostão no preço e enchendo o seu prato comerá desse feijão.

Os ratos correm pelo forro como o ronco na garganta dum dorminhoco. Lucas, sentado na cama, virando a cara contra a parede, chorou. É choro de homem, Marta não comerá de

suas lagrimas. Quem ri por ultimo é sempre Lucas, quando lhe anunciar hoje é o dia de nossa ruina, Marta . . . Tenho um titulo para pagar, não há dinheiro em caixa. Marta jurou não resgatar a fatura da fabrica de garrafas. Quando os oficiais de justiça jogarem na rua a cama de casal, com vomito de vinho no lençol, ela poderá comprar seus vestidos de veludo, tingir os cabelos como uma dama do 111. Uma velha de barriga cheia brincando com os seios antes de dormir, pintando os cabelos com agua oxigenada. Quando ela mexer nos peitos, Lucas dar-lhe-á uma surra de couro, berrando na janela: jacaré comprou cadeira, tralalalalá.

Com a enxada no ombro, cada domingo, Lucas explorou o quintal,

quando batia num caco velho enxugava o suor das mãos: uma panela enterrada, cavocava com as duas mãos.

Marta se chegava na porta: deixa essa pá, homem de Deus, é domingo, venha comer. Não é Marta quem sustenta a casa, lá vem ela, bradando na escada: homem de Deus, tem gente no negócio. Lucas, a cabeça quente das dívidas, não tem mais o luxo do domingo para dormir; ela ronca, uma lesma amarela descendo no canto da boca, a boca de onde sai o fedor do quarto. ~~e um pernilongo que o morde, sem poder vê-lo.~~ Ah, pegar o trem, acocorado na beira do rio, com a lata de minhoca e a garrafa de cachaça, Berro de ~~criança~~ ali não se ouve,

filho

uma em cada mão.

nem mão de ladra lhe remexe no bolso atrás de dinheiro ou retrato de amante: a rolha pulando na água barrenta (que nem o coração de Lucas dentro da noite). No seu mundo de minhoca, peixe, mosquito, roendo pão entre os dedos sujos de tripas secas de minhoca, tomando sol com as cobras dagua, ele.

O bzzz do pernilongo que lhe morde na testa (morda, pernilongo, Marta também), é um corno latejando no lugar. Marta dorme de óculos escuros. Não tira os óculos desde que Lucas lhe deu um soco no olho esquerdo. Marta vê os objetos através de Lucas, sem vê-lo. Ela o fuinhou: achara um retrato da Margot do 111 no seu bolso e, no almoço, quando Lucas virou o prato, estava

ali o retrato. Ele olhou para ela, que o comia com os olhos, de tanto ódio, jogando a cabeça para trás de pouco caso e Lucas, derrubando a cadeira, lhe deu na cabeça com a mão fechada. Ela correu aos berros para baixo da mesa, mostrando as pernas até em cima. Tinha chovido, o chão estava coberto de serragem e ela se rolava, comendo serragem pela boca.

De manhã, quando Lucas acorda, vê a cara de Marta, de escura boca aberta, chama-a de vaca velha. Ela ouve, mas finge dormir, de olhos fechados, com o lustro da noite na cara. Marta se mexe e Lucas, como um bezouro, é atraído para a luz do seu corpo suado. Ele fecha os olhos e começa a beijá-la pelo rosto. Ela se debate que nem uma borboleta, sol-

tando seu pó de veneno sob as asas. Lucas pula da cama, desce a escada de pés nus, pingando pelo chão — antes que Marta abra os olhos. Com a navalha vai cortar a coisa e jogar ela como uma tripa sobre o telhado, até que depois de podre se vá no bico dos corvos.

É o cheiro de Marta que o derrota, antes mesmo de lhe passar a mão na perna áspera de pelos raspados. Ela quer que Lucas lave os pés, toda noite e cheira o ar como se estivessem sujos e não fosse o suor de um pobre, mas honesto para dar de comer a ela e ao filho.

Lucas não vai com as polacas porque não têm cheiro. A carne de Margot tem em cada lugar um chei-

ro. A culpa foi do cheiro de Marta, quando Marta tinha cheiro... Ria-se com as outras (ria de Lucas, a perfida), ria para Lucas; ele não podia, o labio duro. Pagava ao baleiro para levar-lhe o maior pacote de balas: foi aquele moço de azul que mandou para a senhora. Ela ria-se com as outras, ria para ele. Conversava com uns moços da cidade, sentada na grama, mostrando o branco das pernas sob o vestido. Lucas não podia olhar, dava uma ruindade por dentro, quando falava saía um ronco feio. Lucas se perdeu quando viu as duas manchas de suor sob os braços... Mulher de olhos verdes não é séria, a velha o ensinou, desde criança. Até se casar com Marta ele não viu os seus olhos verdes. Com

uns modos de rir jogando a cabeça para trás, de faceira ou deboche, de que as irmãs de Lucas cochichavam. À noite, com tremores no corpo, pensava em Marta, chamando o seu nome da janela. Ouvia a sua gargalhada no céu; era de uma dama do 111, me ponha no colo, me beije, meu amor.

Marta nunca mais riu dentro de casa para Lucas, só quando tem visitas ou com o filho no quarto. Sentam-se na mesa, sem olhar um para o outro, Lucas espalha a farinha no feijão, de cabeça baixa sobre o prato. Chupa a sopa na colher, até que Marta se levanta, vai tomar o seu prato de sopa, de pé no fogão, de costas para ele. Lucas corre para trás do balcão, com um palito nos

dentes, vendendo pão e banana para o jantar da pobreza.

Marta anda pela casa de combinação preta, com manchas de gordura na barriga, para não sujar o vestido de ir para o grupo. Quando Lucas entra no quarto sente no ar a sua catinga de cachorro molhado da chuva. Atrás da porta, nos cabides, cheira o adocicado suor seco dos vestidos. A vaca velha usou roupa de baixo de seda, calcinha de rendas. Lucas bebia cerveja no quarto, olhando pela janela ou para ela — era domingo — de combinação branca então, as pernas cruzadas, sem meias, a carne branca e trêmula na barriga da perna, o fio desfiado das veias nas coxas. Marta cortava as unhas, lambendo um pouco de san-

gue nos dedos. Domingo de sol, com as folhas das laranjeiras caindo numa gritaria: pardais. Anoitecia, Lucas baixava a vidraça por causa dos pernilongos. Os olhos de Marta começavam a brilhar no escuro. Às sete horas se acendia um foco na esquina, ele se deitava na cama, ouvindo os bezouros que caíam de costas no chão, sob o poste.

O bzzz do pernilongo, o lustro noturno na cara de Marta, e o outro, que fala dormindo, senta-se na cama de olhos abertos que não vêm. David dormiu de rabo quente, esta noite. No sábado, quando Marta mata uma galinha, David está a seu lado, pedindo que não torça o pescoço, mas a degole com o machado, para ver sair sangue e bate palminha dêm-

dêm com o sangue do frango nos dedos. David coleciona bezouros presos, vivos, em caixas de fósforos. Quando chove, distrai-se na vidraça caçando moscas para lhes arrancar as asas. Marta achou um pintassilgo seco, a cabeça já comida, embaixo do seu travesseiro. David chorando o enterrou numa caixa de fósforo, no quintal, com flores por cima.

Marta o levou ao médico: era uma doença do sangue, de família. Ela entrou gritando pela porta que o doente era Lucas. Marta é que tem um irmão louco, escondido pela família no galinheiro. Lucas quando serviu o exército esteve podre, com doença de homem, tratada com umas garrafadas. Se tem a sua gota matutina foi de muito chá de erva.

Lucas não era igual ao filho, que ainda usa chupeta, quase um homem. David molha na cama, é um fedor no quarto: não chora, fica ali no molhado, até que do colchão caem uns pingos.

Marta, de saúde delicada, é magrinha, com um buço, que raspa com gilete, sempre com manchas no vestido sob os braços. Foi ela quem ensinou o filho a furtar dinheiro nos bolsos de Lucas, para não gastá-lo com as damas do 111. Lucas nunca teve dinheiro em criança: não dá um tostão para o David, nem aos domingos. A criança nasce ruim, os pais a curam com o tempo; se David o desobedece, Lucas desenrola a cinta e chama ele para apanhar: venha cá, David, para apanhar. Ele vem, com

as mãos na cabeça. Lucas fica cego, e dá com o lado da fivela. Quando se cansa de dar, Lucas o fecha no quarto escuro, sabe que David tem medo do escuro e deixa-o sem comer até de noite. David apanha e, de ruim, não chora. No dia seguinte, lhe beija a mão para pedir abença de Lucas.

David tem uns ataques. Cai de costas no chão: morde a lingua, espuma nos dentes, vira o branco dos olhos. Lucas há-de curá-lo de ataques, filho de pobre não tem ataque. É sonambulo: desce a escada, de noite, para descobrir os segredos de Lucas,

Lucas não é pobre soberbo: o filho vende pastéis para ganhar a vida, como Lucas, que não teve pai rico. Só teve, depois de velho, um cachor-

ro. Lucas não ~~pode mais~~ quer ver o Barão, desde que pesteou, de velho. Tem o focinho seco, onde se deita enche de pelos, derrubando pulgas, e o couro magro se abre de feridas, de tanto se coçar: umas varejeiras azues ali engordam. Nas noites de chuva, estendido num saco na porta, molhado, tosse. No dia seguinte, lá está, pulando para lamber as mãos de Lucas. Sai, peste! e sai, pulando com uma perna trazeira no ar, com as suas gordas varejeiras azues. David vive com o bicho no colo, quando a mãe não está olhando. Esconde-se com o Barão no fundo do quintal para fumar as chepas juntadas na rua. As pulgas vermelhas de gordas lhe correm na barriga nua e, ganindo, se coça sentado, batendo com a

perna no chão. De longe, Lucas sente o lixo podre ganindo. Como o Barão tem dôr de cabeça, David lhe passa a mão na nuca para adormeeê-lo.

Marta, nos primeiros tempos, se queixava: mas você não gosta do teu filho? David não é filho de Lucas, é a mãe escarrada, os grandes verdes olhos loucos. O vício de David era de furtar dinheiro na gaveta do negócio. Lucas não contava o dinheiro, nem revistava os bolsos do caixeiro: venha cá, David, para apanhar. Não fui eu, papai, por amor de Deus, juro que não fui. Não jure falso, menino, Deus castiga. Mamãe, me acuda, papai me mata. Não dê na cabeça, papai, na cabeça não. Lucas tem nojo de criança. Elas

são pidonas, entram com os pés sujos no negócio, esmolam bananas podres, pulam a cerca para roubar laranjas. Lucas cortou a laranjeira no quintal, laranjas é que elas não roubam mais. Elas se escondem debaixo das mesas, e Lucas nunca sabe se está só. Com seus olhos pidões, paradas atrás do balcão, menores que o balcão, passando a mão no vidro das cocadas.

Hoje tem cocadas, meus anjinhos. Tem cocadas côr de rosa, brancas e pretas... Lambam o vidro, meus anjinhos, as cocadas não são para dar. Vá para casa, menino, tua mãe está te chamando.

Lucas atira uma banana ou uma bolacha mofada, e os piás brigam no chão pela banana. O ladrão, de

banana moída

um pulo, sai na frente, com os outros atrás, a ~~bolacha escondida~~ dentro da mão, roendo-a com a mão fechada, se virando ainda de longe, com medo que Lucas a roube dele.

Se as pudesse levar todas elas para pescar afogaria, uma por uma, dentro de um saco como as ninhadas de gatos nos rios. Ninguem arrasta Lucas da margem do rio, cantando de bebado, as mãos peganhentas de minhocas, as suas tripinhas amarelas secando nos dedos: oficial de justiça, fiscal da prefeitura, senhorio da casa.

Marta reclama, lavando a roupa: que nojo, Lucas, você tem minhoca e mosca morta no bolso. Aprenda, mulher, a não meter a mão no bolso a-

Marta, lá vem

lheio. Chorando, no quarto, que por amor de Deus ela o deixe em paz, lá vem ela, bradando na escada, que vai para o grupo, se Lucas não quer ficar no negócio, tem gente.

Tem gente, Lucas. Até dormindo, Marta não cala a boca. Ela dorme de boca aberta, roncando sob uma nuvem de pernilongos. O ninho deles é no banhado, no fundo do quintal. Marta põe a boca no mundo: se Lucas cavasse uma valeta o banhado secava. Lá entende você, mulher, de banhado, o lugar de mulher é na cozinha; De desgraçada, não flitou o quarto, para atormentá-lo. Lucas olha a bomba de flit sobre o baú, Marta dorme; me morda, pernilongo, morda ela também.

Quando desce a escada, Lucas

cospe
~~cuspirá~~ em cada degrau. É escura a escada, estreita, tem os degraus lisos; um dia, Marta escorregará num degrau. Lucas esfrega-a com uma vela as solas dos sapatos de ~~Marta; ela não quer a sua morte, quando pede a Lucas que corte lenha com o machado, antes de ir ela mesma~~? la...

de todos os

A carta anônima ao fiscal da prefeitura foi ela quem escreveu. Marta não quer que Lucas fique rico. O negócio não dá para os impostos; o lucro está na cachaça. Lucas a compra em quintos, sem nota e engarrafa, de noite, batisada com água fervida, sem selo, ~~nem rótulo~~. Êle monta no seu toco duro, cobre as garrafas com capim e se vai, estralando o chicote, na velha carrocinha de um cavalo.

Vende nos botequins do mato a cachaça e bebe, ele mesmo, para fazer propaganda. Galopou um dia inteiro, ~~quase foi esmagado por um trem~~, para escapar dos fiscais. De noite, Lucas arrebenta o cavalinho, ~~no chicote~~, com medo dos bandidos. Êle saía, de manhã, uma vez por semana, no toco duro, para voltar de noitinha, bebado.

O fiscal parou na porta, na hora de fechar o negócio. Lucas ~~sabia~~ soube que era um fiscal ~~só de ver a~~ quand vit aquela cara vermelha, ~~pipocada de varicela~~. Com a sua conversa de viajante de fora, pediu mais um trago, pagou outro para Lucas. Pediu ~~uma garrafa~~, seis garrafas para uns amigos. Quando Lucas veiu com as garrafas o fiscal lavrou a multa. A ca-

chaça lhe deu azia, Lucas arrotou azedo: as seis garrafas são por conta da casa, o doutor pode levar sem pagar. O senhor está querendo me comprar? a cara vermelha do fiscal se inchou como uma lingua de porco cheia de pipocas. Era o fisco estrangulando os pobres. O senhor sabe que pode ir preso, se eu chamar um guarda? Tenha pena de meu filho, Lucas chorou ali na frente de umas negras e tinha os piás passando a mão no vidro das cocadas coloridas. Lucas pegou a mão do fiscal, beijou a mão branca mole e úmida como uma mãe dágua morta. Quando o fiscal saíu, Lucas se vingou nas orelhas dos piás: corvos no lixo dos pais.

Marta pagou a multa, com as suas

economias. Eu bem disse, você não me ouviu, eu sabia que não dava certo... Cala a boca, mulher, o que é do homem o bicho não come.

Marta começou a fritar a sua cesta de pastéis, todo domingo, para o David ir vender. Lucas não pode mais dormir no domingo: para calar a boca da mulher, ~~por causa do seu dinheirinho~~, ~~Lucas~~ ele prepara a massa dos pastéis, móe a carne na máquina. Quando Marta não está olhando, ele cospe dentro dos pastéis. Marta enche uma cesta com pastéis, ~~ou bolinhos de graxa~~, que o David vende na porta dos circos, em jogos de futebol, festas de igreja. Quando não vende todos os pastéis, o jantar de Lucas é café com pastéis.

Marta se prendeu a ele, como um

domingo ao sábado, depois de cada sábado. Se não é domingo, Lucas pode sair no toco duro de um cavalinho, estralando o chicote na estrada. Atrás ele deixa Marta, o filho de Marta, o fiscal da prefeitura, o caixeiro ladrão. Até lá, com a rolha bulindo na água, não chega a sua voz rouca de chamar ao pé da escada: Lucas, tem gente.

~~Até~~ No banheiro Marta vai atrás dele, Lucas não pode mais ler os pedaços de jornais. É um puxado fora da casa, de terra batida; ~~no sábado, que é dia do banho de Lucas, a terra se muda em lama~~. Com a noite, as lesmas se arrastam ao redor da privada, espirram sob os tamancos de Lucas que nem a banha dos pastéis na frigideira.

A primeira vez que Marta veiu "Ao armazem de Lucas — Secos e Molhados" achou a casa um amor. Lucas se enterrou ali até o último tostão. O que ele salvou da família, Marta comeu. Ele, que não sabia o preço do dinheiro, tirou a família da lama em que a deixou, antes de morrer, o pai de Lucas. Por culpa dela é pobre para sempre. O pai de Lucas festejou em farras e damas do 111; A família vendeu até o último pau de lenha, até a última pedra de cal, até o último grão de terra da herança de Lucas. A família lhe abriu um negócio de secos e molhados — "Ao armazem de Lucas".

Era pouco: lhe deram Marta como mulher. Se a velha não a perdoasse de sua má fama, recolhendo-a den-

tro de casa, para comer do prato de Lucas, ~~na mesa de Lucas~~, não se teria casado com ela. ~~Com um emprego público, Lucas hoje era rico.~~ Quando a viu, ~~de perto, com o sol da manhã~~, deitada na sua cama, a boca aberta ~~rodeada~~ de pernilongos, Lucas se benzeu: ~~era~~ ~~era~~ o meu ~~futuro~~ destino, Deus seja louvado. Está vendo aquela ali, de braço com o Lucas? Já fui com ela, é a Marta do 111. ~~Com um emprego público era outro homem.~~ O que Lucas não teve foi um capital para se fazer. Ficava rico num ano, se a sua própria mãe e os próprios irmãos, quando Lucas dormia, não lhe tivessem assaltado o seu capital.

Lucas roubado pelos piás. Roubado por Marta, pelo caixeiro que lhe tira dinheiro da gaveta. Roubado

pelos freguezes de cadernos. Pagavam as primeiras compras, não achavam os preços mais caros e, depois de encher os guarda-comidas, se mudavam para outra rua, noutra cidade — sem pagar o caderno.

Lucas soma o fiado dos cadernos, aos domingos: é uma fortuna. Roubam dele que é pobre, riem-se do aviso de fiado só amanhã, desenhado por Lucas, nas garrafas de cerveja feita em casa. Com os fiados perdidos, Lucas levantaria o seu capital para montar um alambique. Ele nasceu para ganhar dinheiro; a velha conta que os filhos, em pequenos, gastavam todo o dinheiro. Lucas — o menor — tinha o cofre de barro pesado de tostões e comia com ele diante do prato de sopa; de noite,

dormia com o cofre de medo que os irmãos o roubassem.

Segunda é o dia do oficial de justiça fazer a penhora. Lucas o levará pela mão por toda a casa; o negro remexerá atrás dos sacos de feijão enraizado, sem desconfiar da latinha no fundo do porão. Fará a penhora na máquina de costura de Marta. O negro se chegou com a sua pasta sebenta e fedia a casa de cachorro. Antes de puxar a citação do bolso, bebeu da cachaça de Lucas, negro quando não suja na entrada... Se não fosse a mulher e o filho, Lucas recebia negro a bala.

Por dez anos Lucas amou Marta, de traição. Em tantas camas Marta se deitou até que, dez anos depois, ela deitou na cama de Lucas. Marta

Marta lhe ~~[illegible]~~ punha a mão sob a camisa, tirando-lhe sempre dos seios com os unhos.

negou, era tudo mentira, Lucas, de gente invejosa de quem quer bem. Por dez anos gostei de você, oh meu Lucas. Era de noite, à sombra das magnolias. Os dois de pé contra o muro, ~~Lucas pisava as magnolias tão brancas que caíam ao lado deles~~ e murchavam, amarelas. Na volta para a pensão de Marta, ~~na porta da pensão~~, tinha um gordo com os braços abertos. Marta chorou, de longe: é papai, me acuda, Lucas, papai quer me matar. Papai bebe, e quando bebe fica louco. Jurou que me matava se eu saísse com homem. Me salve, meu Lucas.

muros,

Na casa da velha, Marta não entrou: ficou na porta, com as duas manchas de suor nos braços, os grandes olhos ~~de magnolia~~ fora da

no portão de ferro.

cara. Ela o deixou loucо, por querer: corria-lhe as unhas nos cabelos do peito. Os dentes de Lucas batiam que nem uma dôr de dente. Ele entrou, sentou-se na cadeira de embalo, pôs as mãos na cabeça: estou perdido, mamãe, o pai de Marta quer matá-la. Fomos dar um passeio, ~~não cuidei da hora e~~ o pai de Marta está na porta, para matá-la de pau. Marta pode dormir esta noite com a senhora? Sem saber que ~~ela~~ Marta estava na porta, ouvindo tudo, a velha e as irmãs puxaram Lucas pelo braço: meu filho, veja o que faz, meu filho! Largue Marta no portão e fuja correndo para tua casa. Entre pai e filha lá se entendem. Não se faça de bobo, Lucas, Lucas. Você não sabe

quem ela é? Sei, mãe, é tudo mentira.

Na rua, Marta o perdia na rua de magnolias e esmagando-as, com os pés, espalhavam o seu perfume por todas as ruas. Marta gania pela boca fechada como se Lucas fosse a lua. Ela punha a língua dentro de sua boca, comendo na boca de Lucas: você quer, Lucas, você não me quer, Lucas? Levou-a para casa, "Ao armazem de Lucas".

No dia seguinte era domingo. Estavam na cama, bateram na porta dos fundos, como os freguezes de domingo: o gordo, de roupa branca e bengala era o pai, e um sargento de uniforme era o irmão de Marta. Não andaram atrás de Marta por outras camas, não bateram palmas na porta

das casas, o nome de Lucas estava escrito na parede.

A velha o defendeu: você me roubou o meu filho, Marta. Não se arrenegue, Marta, você roubou // que quis. Marta se queixou de Lucas para a velha: usara roupa de baixo de seda, olhasse para ela, magra, sem vestidos. ~~Lucas enterrou no negócio as economias da velha~~. Até "Ao armazem de Lucas" dar lucro — um negócio, Marta, com sortimento dá lucro; me faltou o capital, Marta, para sortí-lo; logo, o meu negócio não tem lucro, Marta — ela sustenta a casa com seus vencimentos de professora: os impostos, o caixeiro, a meia-sola no sapato de Lucas. O que era dele, Lucas deu. Come o ~~seu~~ feijão bichado, ~~e sabendo que~~

com a sua
tem uma latinha escondida no porão ele pode comer bichos no almoço e na janta.

No domingo, se Marta e o filho saem, Lucas fecha as portas e janelas com todas as tramelas. Remove os sacos de feijão, descendo com raízes e, no porão, tateia no escuro até achar a latinha escondida. Com uma das mãos segura a latinha, com a outra acende uma vela e, a latinha na mão, fecha a tampa do alçapão sobre a cabeça. Enche as mãos de notas, empilha-as e conta, muitas vezes, à luz da vela, sentindo o seu cheiro acima do mofo, do podre de trapos, de excrementos de rato: é dinheiro. Quando pega no dinheiro, minhocas vivas se mexem na palma das mãos de Lucas. Enquanto conta, a pálpebra

Vira

correm

entre as

A pergunta lhe seca, Lucas fica de boca aberta, gronhando para o dinheiro:

do seu olho esquerdo lateja: é dinheiro. ~~Ele conta, molhando o dedo na língua seca:~~ é seu, nunca deu a ninguem.

Marta revista seus bolsos, inventa contas de farmácia, vigia Lucas pelo buraco da fechadura no banheiro; ~~ela enterrou~~ a latinha no porão, ~~sob um tijolo, sob a terceira viga~~. Só ~~aranhas~~ e lesmas podem tocá-la. Lucas não podia dormir, por causa dos ratos: esse ruido na noite é ~~de~~ que roem a ~~tampa da~~ latinha? Cobriu a casa de fatias de pão com arsenico e geléia de maçã por cima; os ratos morreram atrás dos sacos, no banheiro, dentro da caixa dágua: foi uma fedentina pela casa, ~~mas~~ Lucas dormiu.

Domingo é dia de almoço na casa

Com um jato de domingo na boca: vinagrão.

da velha. Te arrenego, velha, com tuas bençãos. Deus é grande, meu filho, Deus ajuda aos pobres. A velha não tem nenhum dente na boca: pode falar em Deus. Chora, se Lucas fala mal do pai — respeite ao menos o morto, Lucas, Deus castiga — que desfrutou a vida com as damas do 111. Lucas, o da piedade filial, ficou com a roupa no corpo.

Desde a porta da rua, um silencio por toda a casa. A velha escolhe o arroz, no canto da mesa, entre os homens de pé, em mangas de camisa, com suor de sovaco. As irmãs, de véu preto, chegam da missa: o Espírito Santo não lhes encheu a barriga. Homem não prestou para elas, cada uma é mais uma boca para comer no prato de Lucas. As noivas de

Eles dois circulos de suor nas camisas brancas.

Jesus cochicham nos quartos alumiados de lamparinas, com medo dos soldados negros debaixo das camas. Lucas sabe o que fazem no escuro sob as cobertas as filhas de Maria Inácio. Com seus enjoos de titias: deixe a moela para Lucas.

A velha, de peruca ainda preta, enrola seu cigarro de palha com as mãos trêmulas que nem caçasse moscas. Você está tristonho, filho meu. Não é nada, mãe, Tenho que pagar uma letra amanhã. Pobre filho, se eu tivesse outra peruca para vender... Cala a boca, velha. Morre, velha, que um pedaço de tua casa será meu. A velha quer enterrar os filhos, Lucas já tem um cabelo branco.

Lucas empurra o prato: sopa de

feijão é comida nesta casa? A velha vai para o fogão fritar linguiça. Não tem cerveja? A velha arrasta os chinelos, abre o guarda-louça da sala, mexe nas suas xícaras com sons de níqueis. Os chinelos param atrás da cortina, até que Cacilda sai da mesa, entra no quarto, vira o colchão, abre com os dentes os nós do lenço e dá o dinheiro para as cervejas.

Lucas há-de comer na sua casa sem ter de pagar o pão que come. David, quer um gole de cerveja, Lucas. Eu já te dou cerveja, criança toma água. Fora de casa, na frente dos outros, ele se engraça. É bichas, Lucas.

De manhã, David não quis entregar a Lucas o dinheiro dos pastéis, enquanto Marta foi à missa. O di-

nheiro é de mamãe, não dou. O senhor pode me matar, mas eu não dou. A cesta voou com pastéis pelo ar e David correu para o quintal, o Barão comia os pastéis rosnando para Lucas. Te dou pastéis com veneno de rato, cão lazarento.

Deixa eu chegar em casa, David, que você me paga. Lucas, ainda sentado, abriu a cinta, a velha pôs a sua mão de passarinho seco no ombro de Lucas, meu filho não se enerve, hoje é domingo, dia de Nosso Senhor. Por favor, Lucas, era Marta de pé atrás de sua cadeira: por favor, Lucas, faça isso por mim, não surre mais o David, ele tem bichas.

Me larguem, mulheres, berrou Lucas, sacudindo-se como um cão as suas varejeiras. A velha, que ele

rodeou no braço, caiu no chão e tremia, com as mãos na cabeça, sem poder se levantar. Lucas uivou, sentando-se na mesa, de costas para ela: porque as mães não morrem? Deixe que eu chegue em casa, que vou te curar as bichas para o resto da vida, comia com grandes garfadas de linguiça frita, com espuma de cerveja na boca raivosa.

Os homens calados cruzam os talheres, de cabeça baixa sobre os pratos, eles não se metam comigo, hoje eu arrebento um filho da mãe. Sob a garfada, sentiu a azia: um podre de ovo, por ser filho de pai bebado.

Foram para a mesa da sala, longe das mulheres, diante das garrafas, para jogar poquer, as mulheres vêm

olhar por trás da cortina. A bebida excita Lucas: as damas do baralho lhe evocam as normalistas que, a essa hora, nos dias de semana, passam em frente do negocio, para as aulas, de gravatinha no peito que nem um ás de copas. São como cisnes nadando na agua do passeio publico, as bocas abertas de filhotes com fome no ninho. O grito dos alunos as anuncia, de manso andar, de cadernos na mão, as saias azues que nem bandeiras em desfile para Lucas. Ah, dar de comer nas boquinhas pintadas com papel de seda vermelha...

Atrás delas, por ultimo, vem Marta, com seus óculos escuros, as duas manchas nos braços. A lisa carta sebosa do baralho é, ao toque de Lucas, um arrepio da carne de Margot

do 111: é uma rainha que mata as outras cartas do baralho.

O filho da mãe acusou Lucas de tirar uma carta de baixo, quando deu por cima. São todos irmãos na mesa, Lucas quebra o canto das cartas para marcá-las, embolsa fichas dos outros quando não estão olhando. A velha veiu da cozinha, ficou atrás da cortina que tremia com o corpo da velha. Lucas não quer briga, é porque o filho da mãe está perdendo. Se um homem tem sorte no jogo é porque roubou? Lucas quer receber suas fichas. Não é filho de pai rico, não teve herança, dos irmãos. O irmão cuspiu na mão de Lucas, ficou de pé para chamar Lucas de ladrão. Lucas riu-se na cara dele, ladrão é a mãe. Lá vêm

o dinheiro de

as irmãs de pé atrás das cadeiras, segurar os homens. Lucas dera as cartas: tinha trinca de damas, de mão.

Ele vestiu o paletó, sacudiu-o, contou o dinheiro. David, venha cá. Com as mãos na cabeça: Senhor? Você tirou dinheiro do meu bolso, David. Não tirei, não senhor, juro que não tirei, ele virou o branco dos olhos, com um ataque. ~~Em casa você me paga, ataque de pobre eu curo com fivela de cinta!~~ Lucas cuspiu no soalho: se erga do chão, David, antes do meu cuspo secar!

~~A cabeça lhe estala como o forro da casa velha: filho de pai bebado.~~ Lucas cabeceia na cama e viu, no fundo do porão, a latinha: ~~dentro de la~~, as traças comendo. Não tem mais ar no quarto, ah dormir no telhado,

sob a asa dum corvo, com a latinha no peito. Marta dorme, o filho dorme, é hora de Lucas descer ao porão, a pálpebra já lateja sobre o olho esquerdo. Ele cata um pernilongo para arrancar-lhe as asas e soltá-lo para contar no ouvido de Marta o segredo de Lucas.

Batendo a cabeça contra a parede, Lucas chora no escuro: como descer até o porão, sem Marta descobrir? Marta ronca, e vigia sob o ronco. Se Marta com o filho cobrirem com sacos de feijão o alçapão sobre a sua cabeça, para Lucas ser comido pelas lesmas?

Marta lavou, antes de dormir, a sua combinação preta, para dar sinais aos homens das outras casas. Por mais que lave a roupa de Lucas

sempre fede a trapo úmido, suor seco e açucar preto, sempre amassada de dormir com ela, vestido na cama, porque ele, Lucas, nunca teve um pijama para dormir.

Os vizinhos mandam os filhos roubar laranjas. Vão para as janelas olhar as pernas de Marta quando se debruça na tina. Lucas quis plantar roseiras ao redor da casa, por causa dos espinhos: não plantou, para não dar as rosas a ninguem.

Marta ronda, de noite, pela casa para roubar de Lucas dormindo. ronca, fingindo que dorme, à espreita que Lucas desça a escada e abra a porta do alçapão. É Marta, é o cego que vem toda tarde. É um cego de óculos azues, um cego falso. Vem, puxado pela mão dum piá, vendendo

bilhetes de loteria. Lucas não compra de cego: um cego vende bilhetes do ano passado. Tem asilo de cegos, Lucas paga seus impostos para que os fechem atrás dos muros. Qualquer dia, um deles tira a sorte grande, para ser roubado pela mulher.

Lucas propõe ao piá que cante uma modinha, por uma cocada. Discutem a côr da cocada: côr de rosa, branca ou preta? O piá escolhe a cocada preta. Lucas fá-lo cantar até o cego ficar nervoso, batendo com a bengala no chão. Vivem da piedade alheia, da de Lucas e o piá reclama a cocada, puxado pelo cego, como se Lucas ganhasse cocadas cantando modinhas.

São todos ladrões: cegos, David, pardais, esses roubam o arroz dos

cachorros que latem para os ladrões. Os pardais não servem para nada: nem cantam, nem podem ser comidos, de tão pequenos. Lucas amarrou a perninha de um deles e atiçou o Barão até o pardal sair voando com uma perninha só. De outro, ele vai furar os dois olhinhos cinzentos com uma agulha e soltá-lo para ver se rouba o arroz de Lucas.

No jantar, em casa, do prato de sopa de feijão Lucas tirou um cabelo, na ponta dos dedos e, com nojo, pô-lo sobre a mesa para ela ver: é cabelo. É um cabelo branco de Marta. Lucas olhando para Marta, de cabeça baixa, remexia os buracos dos dentes com palitos, que ia quebrando, um depois do outro, sobre o prato.

Marta pegou o cabelo, olhou-o contra a luz e jogou embaixo da mesa. Não berrou como na noite do parto, para as damas do 111 ouvir. Não tinha uma gota de leite nas pelancas pretas de velha. Foi ele, Lucas, que jurou que o do homem o bicho não come, Lucas. Era sempre domingo, entre as magnolias. Dez anos depois, Lucas a achou sob a portão da pensão. O mesmo jeito de, como era baixinha, se pendurar no seu braço, de mexer nos bolsos, riscando as unhas nos seus cabelos do peito. Lucas tremia todo, ela tinha umas gargalhadas, porque ele tremia. Eu não tenho mãe, Lucas... Tenha pena de mim, meu amor. Papai vai me matar de surra, ele tem

ciume de mim com o meu irmão que é sargento.

As mãos de Lucas tremiam tanto e foi ela quem abriu a porta com a chave que lhe deu. Lucas foi riscando fósforos pela escada. Não quis acender a luz para Marta não ver o quarto sujo, a cal amarela no chão. Deitou-a na cama, à claridade do foco na esquina, os bezouros caindo sob a janela. Ela caiu de costas como um bezouro sem poder se virar. As suas pernas eram fosforescentes como as dum peixe de noite na água. Quando ela bebeu um copo de vinho, sentada nos joelhos de Lucas, deu uma gargalhada e pôs a mão na boca. Depois Marta se debatia como se fosse uma borboleta e tivesse asas. Ela tremia como uma cadela

engatada. Gemia como se fôsse moça, não era gemido: era um uivo que calava até os sapos no banhado do quintal. Lucas tinha de beijá-la para ela não falar bobagem e ouvia o uivo quando ela arrotava o vinagrão. Pedia mais, mais vinho, Lucas. Ele espirrou a ponta dum seio de Marta que nem uma cabecinha de berne.

No dia seguinte, ela dormia. Lucas ergueu o lençol, sujo e vomitado de vinho, atrás de uma gota de sangue.

Fim.

ALTON TREVISAN

Dia DE marcoS

O DIA DE MARCOS

DALTON TREVISAN

O DIA DE MARCOS

NOVELA

CAPA DE POTY

1 9 5 3

A cara do outro no espelho se mexendo com os olhos. Espremeu á espinha entre as unhas, era feito de pus e odiou, com tremor no corpo, a cara. Enxugou o suor das mãos e sentou-se na cadeira, de costas para a porta. Ali no espelho alisou com a unha do polegar o bigodinho. Com a gilete cortou a cara: branca, o nariz maior, com uma espinha na ponta. Voltou ao seu lugar, em face da parede, tirou um cigarro do bolso e, sem fumar, ali ficou, até esquecer o cigarro.

Sob a janela sobem os sons. Uma hora perdida. Reconhecia-os um por um, soubera dos objetos que os diziam. Era facil recuperá-la, a hora querida, com o seu segredo. Podia, se quisesse, reconstituir a vida em qualquer parte da cidade, com os outros. Não perdia nada. Estava com sua roupa azul, pronto para sair. Não se mexia, sentado de costas para

a rua. Se pôs de joelhos e, com as mãos no chão, olhou debaixo da cama. Depois foi ver no espelho a cara que não achou — sob a cama — ninguém. O vento que treme a cortina e lhe batia por dentro ele não o deixava soprar entre si e, incolumes, as coisas.

A mãe, aos pés da escada. Ele desceu com um risinho quieto: se existisse um diabo eu queria ser ele. A chicara na mão falava:

— Pensei que estivesse doente, meu filho.

O gosto da manhã: a espuma azeda da noite entre os dentes. A visão da manhã: o açúcar derretido no fundo da chicara.

— Você não vai para o emprego, meu filho?

Lá dentro, fechado, livre, ninguém pode contra ele. Ela põe a mão no seu braço: Marcos, o contato estabelecido, em face de. Se invadiam o seu território sereno não havia paz. E' preciso ir a alguma parte. Saio de casa — e com alegria estrepitosa — eu saio de casa.

A mãe estendia a chicara como uma lagrima no pires. Marcos se sente amea-

çado por unica lagrima. Nenhum remorso se mais quer se morder na danação: danado? Ao contrário: limpo e de cabelinho penteado.

— Depois...

Por cima do cadaver (eu renasço) de minha mãe, a chicara se partiu no chão, o café entornando aos pequenos goles. Em direção a porta, sentia o café umidecendo sem ruido o tapete — antes que ela pudesse enxugá-lo. No seu caminho os pedaços de chicara, a mancha do café frio no tapete, antes que a limpasse. Sem salvação andou até a porta, o café se derrama e a mãe o enxuga, de joelhos, com a saia: o tapete é novo. Foi para se dar ares cínicos, a indiferença dormia no olhar do espelho. Marcos como rapaz de bem amava sua mãe e temia Deus.

— Vou-me embora, mãe.

— Porque, meu filho, me deixas?

Meu filho, quer arroz? meu filho, quer um copo de leite? meu filho, não quer.

— Meu filho, venha tomar café.

— Já disse que não quero.

— Tem bolinho, meu filho.

— Já disse que não. A senhora é...

O silencio, ah o silencio pode mais que as palavras. No lar, cada coisa tinha o seu lugar: na sala de jantar o quadro da Santa Ceia, na cabeceira de sua cama um crucifixo, o pano de pratos na cozinha: o pão nosso de cada dia nos dai hoje.

Não mais encontrá-la, serzindo meias, toda em silencio. A face ensanguentada sob a lampada, diria sem espanto: é você, meu filho? As lagrimas da mãe reatavam entre os dois o cordão umbilical da infancia. Apesar de ser um fraco, Marcos é implacável na punição de seus erros, embora não os lamente. Do odio contra a casa saía cheio de soberba. Não tem medo de se desesperar quando é hora. Raiva e danação são as armas com que vai bater o rosto inimigo.

Bem morto, se ficasse o resto da vida aqui, refazendo as suas coisas. Só se salvará longe. Aqui é o destino: Joana, os amigos, a casa, um emprego. Partindo, podia voltar — era uma vez — com o orgulho de ter-se perdido. Como era diferente fora de casa: patetico, lirico e na casa nenhum misterio para ninguém.

Do sem fim, de volta, encontra-a sentada e meio adormecida na cadeira à sua

espera para oferecer-lhe leite ou, se preferisse, chá e que, ainda com vontade, não aceitava. Cortar os braços que o apertavam... ah, filho ingrato. Se partisse, havia de — só então — amá-la; que o chorasse, digno de cada lagrima. O amor da mãe pelo filho é um amor inutil para o filho quando for homem?

A frase de incompreensão a cada um de seus gestos:

— Meu filho, o sinal da cruz!

— Não ande, meu filho, em má companhia.

— Está frio, leve o chapéu, meu filho.

No seco tronco o ninho vazio da vida: amava-o, sim, como a um filho morto, morto no próprio ventre no primeiro dia da criação. A casa é que era culpada, se desculpava Marcos. Não usara a força que sentia na mão aberta... Os gestos paternos antes de inventá-los, palavras ditas, todas as situações conhecidas. Marcos não era o outro que devia ser. Era outro que estava parado na porta, ele, o ladrão de seu ninho. Tão facil um gesto não esperado, perder-se e, sem querer, fez o sinal da cruz.

No bar, pediu um trago de rum, a tentação de ouvir: é um rapaz perdido. Constrói o seu dia com as migalhas de ontem, entrou no barbeiro.

Tinha a cara verde, dele ou do outro, o enorme nariz. As mãos suadas lhe manipulam o rosto como olhos imundos sobre o seu rosto dormido, cabeceou de sono. Bocas de prazer lhe sopram a nuca: o seu nome é mordido na boca de Joana. Toma corpo dentro de si e se espreguiça, gata, no velho sofá da memoria. Detem a queda de Marcos num simples cilio, que cai. Afasta o seboso avental branco e, longe de si, Joana. Com o suor, os fios de cabelo lhe picam o pescoço, não mais beijos, feridas de tedio. Onde lavar-se, uma baba pegajosa escorre do próprio nome de Joana. Coça em vão a nuca: nada o limpará. Como se um dedo o apontasse, Marcos se virou: entre a gente, ninguém. Esse devia ser o olho de Deus: buraco preto no muro. Tinha de se esconder, lucido olhar o habitava, mancha de café umidecia o tapete, sem que a enxugassem. Na rua uma porta aberta, entrou: era uma igreja.

Fazê-lo, o gesto facil: sinal de santissima cruz. Sentou-se num dos bancos do fundo: ao menos é mais fresco que

lá fora e, para se perder, mais escuro. O padre na sua verde roupagem rutilante, o anjo com a espada na mão. Reza um Padrenosso: palavras, bolhas coloridas de sabão. Olha os quadros na parede: um santo em tentação, diabinhos com ratos na orelha, duas asas de morcegos, cordas na lingua. Como é interessante o mundo dos diabos. O diabo ali, para tranquilidade geral, é um diabo visível. Não sabe do terror, e ri o seu obliquo olho só. Diabos, nos dias de calor, se refrescam na igreja. Gerava, também ele, a danação a seu redor, erguendo a medo a outra face no espelho. Ei-lo no ultimo banco torcendo as mãos, olhar do padre lhe chega sobre as cabeças: Marcos põe a lingua de fora. Inutil permanecer mais tempo na igreja, Deus não a visitará hoje. O padre fecha os braços, antes abertos para Marcos, de lingua de fora, os anjos ocupados àquela hora da manhã. Com a lingua em sangue, chora e vê a sua mão com um H na palma: a sua marca no ventre de Joana. Na saida, cuspiu na pia de agua benta.

Marcos, ao lado de Ivã, seguia pela praça, o coração matutino: a sua boca era quase uma canção. Sentaram num banco, à sombra, o sol caía em grossas bátegas.

— Antes que eu me vá... hoje, é claro.

Acha que não devo ir.

— As razões não são que me movem.

Acha que não se pode voltar. Ele sorriu, sem jeito de palavra. A boca indefesa sem o bigode, ah você tirou o bigode. Não se engana: Joana era que o perdia. Ele a deixava... A impaciencia de Marcos, que se pôs de pé, a cabeça ao sol. Bem, de noite, no café.

Joana vinha para ele, branca toda ela, distribuindo as suas graças efemeras. Piscava os olhos glaucos, do sol, de emoção talvez.

— Como é lindo o seu vestido, Joana.

O terror da sua presença o devora: preso à mão gorda, um pouco suada, a mole mãe dagua morta. Os birús gritam entre os canteiros.

— Pus o vestido para você ver.

As flores de grandes olhos abertos para eles: a folha verde dos seus olhos cai, cada vez que bate as palpebras. O seu cheiro de um cedro sob a chuva subia dela.

— Sábado!

A palavra magica prende a memoria sob a chuva. O chão molhado e sobre a capa ela se deitou como um grilo na raiz do cedro.

— Saí atrás de você.

Marcos tirou a mão, enxugou-a dentro do bolso.

— Houve alguma coisa?

— Eles sabem.

— Teu pai?

— Papai, meus irmãos. O pior é mamãe.

A moça canta na sua calma voz rouca, entre o grito das crianças. Não se mexe, a mão torcida no bolso, e a mão se molha, aos poucos. Fios de barba lhe picam o rosto: é o suor que corre no pescoço, não o enxuga. Uma gota pinga da testa e lhe cai no olho esquerdo: o pai sabe, a mãe sabe, o irmão sabe. Com os olhos secos ah! sem poder chorar.

— Fale, Marcos, o que vai ser de eu?

As duas mãos suadas ao primeiro toque se repelem Pôs a palavra na ponta da lingua sentindo-lhe o peso. Não carecia de nenhuma palavra, o gesto apenas: mover a cabeça que nem os anji-

nhos nos altares, ao peso da moeda. A palavra rolou na boca sem poder sair.

— Não chore, Joaninha...

Joana estava chorando: as lágrimas fluiam dos olhos como baratas assustadas numa parede.

— Eu caso com você...

A cara se desflorou bem uma rosa entre o vento. Mordeu e enguliu a palavra, de olhos fechados.

— ... querida. Eu falo com a sua família. Joana, hoje, sem falta.

O choro de Joana foi parando aos poucos, quieta, como uma cigarra daquele verão. Deu-lhe o lenço molhado, Joana assoou o nariz, enxugou os olhos com os dedos. O calor passeava suas bandeiras de fogo na frente dos dois. Ele abriu os braços.

—A que horas vai lá em casa, querido?

É a segunda vez que ela pergunta. Não olha para ele, é para alguém atrás dele.

— Na hora do almoço.

— Você vai para almoçar?

— Não, vou depois do almoço.

Joana arrumou a faixa escarlate no vestido e deu-lhe o rosto para beijar e ele beijou. Ela se foi sem olhar para trás e Marcos sofre a sua presença ao longe, imortal. Não se aflige de correr atrás: é sua, num cinto de sangue coagulado. Vai deixá-la vizinha, de riso na boca e pode, se quer, não amá-la. Ah! quando se foi no longe, o grito de sua ausencia o sacode, busca-lhe os olhos entre as flores. Contra Joana não pode, se ausente e fica, de mãos vazias. É quando avalia a sua perfídia, armada sob o vestido branco. Por se saber tão fraco em face do amor vai batê-lo cheio de furia. Joana vem, deitada, abrindo os braços, mas de olhos fechados. O nome que lhe treme na boca é... não é Marcos. Domada entre os cedros, ainda se entregando a Marcos é de outro. Se beija os labios proximos de Marcos não é dele o beijo. Marcos se defende com aquele nome, repete-o até sentir como um dente mole na gengiva. Podia perdoá-la, esquecer o nome... As picadas sob a camisa, que o suor molha, advertem-no. Terá de andar (ergue-se do banco) para onde? Antes, o caminho sempre reto, de casa ao emprego, dele a casa de Joana e à sua, na velha rua, até o último dos dias. Esco-

lhe o seu passeio, dirige os passos sobre a agua e as escadas.

Ivã espreitava a praça inventando a sua volta a Marcos. Viu de longe a entrevista com Joana, quando ela chorou soube do adeus de Marcos. Ali, entre o amigo e ele, Joana.

— Espere por mim, Ivã.

Joana pediu, diante do seu caminho, parada. Tinha a voz rouca, aquela cicatriz no canto da boca, de olhos alegres que riem dele. Falsa ela era. Sabia quanto Marcos a amava, tanto que nem ao amigo falava dela. Ela era facil, de costas ao amante, sentado na praça entre o grito das crianças.

— Eu preciso muito falar com você.

Ele riu, sempre o atrai a boca de Joana, com a pontinha da lingua de fora, como dum lagarto no muro. A pequena cicatriz (uma queda em criança, quem sabe) no canto esquerdo era uma boca mais, uma ferida de amor A moça olhava para ele como se fosse chorar, os olhos cobriam toda a cara.

— Você não gosta de eu, Ivã?

Com voz tão baixa Ivã ouviu o grito. Era grito de amor. Um grito que en-

cheu a praça, sobre as crianças e o homem sentado de costas, no banco.

— Porque foge de eu?

Com raiva, viu-a que brincava com a faixa no vestido: boiando o seu corpo na agua dos olhos.

— Eu não fujo...

Tinha mais raiva porque tremia ao falar; esse tremor...

— Você não gosta de Marcos?

Ela olhava para um ipê, sem vê-lo, o verde se mexia entre os cilios como uma rolha de pescador na agua.

— Hoje é o pedido lá em casa.

Ivã a pegou pelo braço para ver se mentia. Não, olhos oferecidos, sem pudor nenhum. Porque ela chorou, no banco? Chorava de pérfida alegria: a emoção do pedido... Viu o banco deserto no meio da praça.

— Seja feliz, Joana.

Joana lhe estendeu os labios, a pontinha da lingua entre os dentes. Se os beijasse... para salvar o amigo? Joana o via se afastar, com um arrepio nos braços nus: ele tinha razão, mas como ficava tão lindo quando fazia beicinho.

Marcos restaurava as janelas do emprego, com uma vidraça quebrada, contava as pedras de seus passos. Ali se vendia, cada hora, por todo o tempo. Era uma porta alta e curvava a cabeça ao transpô-la cada manhã, às oito horas. Esta — olhou pela nuca — foi a vida que erigi. Não num dia, em longos anos a construi, vazio por vazio. Por ela ando de olhos fechados, nem deles careço. Morro e me proponho: foi o que sonhei, e quis? Soa o tempo nos meus ouvidos: disputar no fim do mês o dinheiro com Joana, defender o bom nome da firma (a firma, o olho que tudo vê, sabe) e honrar o nome de meu pai (os que me chamam, não Marcos, pelo sobrenome). Como a meia suja no fim do dia atiro longe de mim a alma vendida. Diante da porta e sem passar por ela. O seu trabalho era: cavar buracos e, em seguida, enchê-los um por um, com a propria terra. Enterrava o vazio diante da sua mesa, com um lapis na orelha. Não sobrava um grão para o menor dos montes: o vazio era meticulosamente preenchido.

Diante da porta, repete as horas, lá dentro, se passasse por ela: tem as palavras arrumadas em ordem no céu da boca. O corpo deitado de Joana ali espera

por ele; pede tão pouco! Só a terei entre a distância, como uma tatuagem no pulso. Aqui, numa hora, a perco mais um pouco: os seus lábios frios dentro da minha boca. O calor por dentro o queima e, sem aviso previo, a porta se fecha. Posto que buscasse, não podia mais passar. O seu punho se ergueu para bater e abriu os dedos no ar, antes que a tocasse.

Como fugir do sol, se esconder em que lugar? Joana lhe rói por dentro, um rato no silencio do corpo. As mulheres, numa nuvem de perfume, de todas as cores, cruzam por ele, nenhuma Joana. O sol espera em face de cada muro branco. Nenhum plátano na rua, as sombras em fuga. Anda penosamente com a lingua do sol na nuca. Na rota de luz, segue o riso intocavel de Joana à medida que dela se afasta. Molha os labios com a lingua: não é o mesmo que um beijo. Olha dos lados e retem Joana entre a a unha e a carne: sobre o braço esquerdo de Marcos ela se deitou, na noite dos cedros. Era uma branca flor se abrindo na chuva. Com os dentes, com a lingua, comia-lhe dentro da boca que nem filhote de ave. Tem os duplos olhos cegos, onde pulam lagrimas e chuva. Os

cedros gotejam sobre a nuca de Marcos. Abriu os grandes labios (mas loba que era) mostrando as presas. Os seus tantos braços o envolvem, ondas, arrastam ao fundo desse mar. O suor escorre entre as duas bocas que se mordem. De costas, vê as altas copas que escondem, deles, a noite; sobre o braço vela uma cabeça cortada de medusa. Os noturnos cedros derrubam tôdas as sombras; êle diz: "já não..." Beija o rosto sofrente na boca de sangue fresco. Chove sôbre o rosto sem olhos e as gotas, lagrimas quem sabe, correm sob os olhos, ainda fechados. Chama por Joana, vendo o rosto que se desmancha na agua, até que o desviou para que ele não soubesse do seu rosto oculto. Inertes se quedam, lado a lado, sem se tocar. Já não chove, os naufragos da chuva bóiam ao luar. No perfume do cedro o seu vulto que se fecha de sombras. Marcos não vê, siquer, o outro rosto, beija os olhos que, ao toque, se abrem como luas onde êle, cedro, pende.

Marcos a quer, sobre a unha do polegar e louco de amor grita na rua o nome de Joana, a caixeira na porta se voltou para olhá-lo. Por Joana ele clama entre a rua e corre à sua procura, derrubando o jornal na mão dum homem.

Com o lenço no ar, êle a busca e quer, sem podê-la, no meio da rua. Na esquina do café olha para dentro: ali está Ivã. Um homem de costas, na mesa ao lado, prendeu no espelho o olhar de Marcos: é o irmão de Joana. Marcos corre, perdendo o lenço na corrida.

Ivã bebe a cerveja, aos pequenos goles e busca, no espelho, sob a fumaça dos cigarros, a cara de Marcos. Bebe as palavras como pequenos goles e se prendia ao mesmo ponto: a boca de Marcos. Às vezes, perdia-o entre o grito das moscas. Perdia as palavras, não a boca, já indefesa, sem o bigode, para o beijo. Espantava-se (e ainda agora, ao virar o copo, espreitando a porta) de como, ao falar de Marcos, achavam-no feio quando, para ele, era belo. Sabia da boca que, em mansa carícia, Marcos alisava na ponta dos seus dedos como se fôsse dum outro, os seus cabelos enrolados no peito. Se o perturbaram os lábios de Joana foi ao ver, neles, o desenho do amigo. E' a primeira vez que confessa: dos lábios de Marcos quer, não palavra, o seu beijo.

Como não amá-lo se era belo e, sendo belo, sofria? Da alma do amigo de nada sabe Joana, porque é a Ivã que a entrega. Muita madrugada, iam para casa,

não bebados, senão de alegria, meio apoiados um no corpo do outro, ao som dos passos ,uma palavra em voz alta. Era o querido do amigo, pobre amigo que, a esta hora, se perdia na cidade, sem poder dar-lhe a mão. Pedira para irem juntos, Ivã, não de medo, sem nenhum motivo, não quis. Podia, só agora, amar Ivã como ele pedia... Como amá-lo, se havia o corpo de Joana? Ivã apalpou no bolso as suas economias: eram de Marcos. Amizade não é, se tudo o que tem a dar é dinheiro e Ivã se desespera vendo as suas mãos inuteis. E' uma danação cheia de esplendor aos olhos de Ivã; eis que um deles se atreveu... Marcos lhe chamava a unha do indicador de "a unha querida", mais longa que as outras. Quebra-a e vê, sobre a toalha, admirado que não corra sangue.

Marcos se voltou para ver seu caçador que surgia na porta, olhando dos lados. O susto de se olhar no espelho e, no seu lugar, era a cara de outro. Ah! o olhar do outro que, como de um miope, mede-o e reinventa com a sua deformação. Marcos, sem imagem, fora trocado pelo outro: diante de si o espelho e, nele, alheio retrato. Além de se perder, perdeu o amigo que olha a sua unha querida, ir-

ritado por se saber à margem da aventura, intocavel no circulo de espuma do copo. Os pés fogem e, atrás, um ruido de chicaras partidas, o café entorna aos gorgolegos e foge entre os muros brancos, sem unico buraco para se esconder. Alguem foge ao bater de seus passos e o tropel aumenta (corre sem voltar a cabeça) atrás do ladrão. Não pode mais, cai na calçada e a sombra rola longe. Corre ainda, o paletó lhe bate nos pés. Um polícia leva o apito na boca: não se ouve nenhum som. Brejeiras moças à janela lhe acenam com delícias. Foge na rua que é a de sua casa. Fecha a porta com chave, de braços abertos contra ela, onde ninguém — irmão, espelho — pode alcançá-lo. Anda na ponta dos pés até a cozinha, o fogão apagado.

Não se esconde do seu nome, abre a porta do quarto: é a voz da mãe. Tateia no escuro ao lado da cama, sente o suor do corpo antes de vê-lo: pobre cabeça de mãe, enrolada num lenço e, sob ele, umas rodelas de batata. Com a ponta dos dedos quer tocar-lhe o rosto e Marcos, sem baixá-lo, vê o seu esforço para despegar-se do suor e das cobertas. Na testa ferida os olhos apenas se movem, ele se curva para ouvir.

— Meu filho...

— O que é, manhe?

— O seu prato de comida está no forninho.

Ela não sabe que o fogo apagou; sofre há que de horas ali na cama? Marcos avalia o seu poder que, no quebrar de uma chicara, a prostrou, rainha na sua casa de dores.

— Quando lhe veiu a dôr?

— Assim que você saiu de casa, meu filho.

Quando o filho deixou a casa, a cabeça lhe pendeu, passaro ferido no ombro.

— Vá almoçar, Marcos.

Passa a lingua branca nos labios, sem molhá-los, duas rugas de febre.

— Quer um copo dagua, mãe?

Um vento que passa por Marcos sopra entre as cobertas, a cabeça rola no travesseiro, uma das rodelas cai no chão; ele a junta e põe no bolso. Ali está uma garrafa de alcool que a mãe agarra, embebe-o no lenço e põe de novo sobre a testa. Marcos arruma o lenço e o toque lhe abrasa a mão: sente a dôr que formiga na ponta dos dedos. Não a ajuda,

deixa que sofra por ele, entre a garrafa, o copo com a colher, o lenço na testa, quando passeia na cidade. Abre a porta, diz de longe:

— Durma, mãe.

Porque não para de gemer, para condená-lo ao inferno? Dá um passo, impaciente e ouve, entre soluços:

— Um homem esteve ... a tua procura.

E' tempo de fugir, de novo. Chegando na copa vê o pai, sentado, comendo diante do prato. Marcos abre o forninho, tira o seu prato e vem sentar-se na mesa. No seu prato, como a palavra de perdão, um ovo frito. O silencio das bocas fechadas que mastigam cheias de ameaça. Sem tirar os olhos do prato, sabia da cara diaria do pai, raspando o garfo no prato. O pai sabia de tudo e Marcos vigia-o, mastigando com a fome da corrida. Nunca se entendeu com o pai, apesar da mutua boa vontade. Amavam-se, certo, como todos os pais e todos os filhos. O medo de uma palavra os apartava: um tinha tanto do outro, um ria dentro do outro. O sentimento subentendido ainda mais na presença da mãe que, no fluir de suas histórias, lhes traduzia a

lingua. A sua ternura come no silencio, nem gesto ou palavra. Nem eram necessarios entre eles, reviam-se na côr dos olhos, cada um sabia — ou pretendia saber — o que, em todo momento, o outro calava. Desta vez, Marcos não podia com o silencio: no prato o corpo de Joana pingava sangue na mole gema de ovo.

— Falei com o seu patrão. Ele disse que você não foi ao emprego.

— Estou com dôr de cabeça.

Foi a primeira vez que num ano faltei ao emprego.

— Não sou um escravo.

— E' claro, meu filho, também eu gosto de minhas greves.

Mirou-o de relance para saber se era censura. Não, o outro fingia um sorriso no canto da boca, de onde pendia um grão de arroz. Marcos quis num gesto de ternura limpá-lo; a mão no garfo não se demoveu; eram tão desajeitados no seu carinho... De novo, um se escondeu do outro atrás do seu silêncio: de comodidade é que se entendia um saber tudo do outro. Envergonhados de seu amor se refugiam, dele, na indiferença. O

pai recolhia o sorriso que o outro rechaçara, sentiu o grão de arroz e, humilhado, limpou-o nas costas da mão. A mão já não tremia: estavam salvos, por ora. Era seu velho pai comendo o seu desgosto e, sem olhá-lo, Marcos o via seu pai e velho.

— Tua mãe me disse que um homem esteve a tua procura...

Viu a cara aflita do filho, a boca de Marcos se abriu para mordê-lo, sem engulir o ovo sôbre a língua.

— ... ele ficou de voltar mais tarde. Disse que era um assunto particular.

Marcos de boca aberta e, unico gesto possivel, cruzou os talheres como as suas armas inuteis. Ia até o pai no seu reino de silencio; o pai, lá, desta vez não o esperou.

— Você deve dinheiro a alguém?

Rude odio lhe comia na lingua, impedia-o de engulir o ovo e pôs a lingua de fora, depositou-o na palma da mão e no prato, acre bolo de arroz, ovo, sangue.

— Não, senhor.

— Os pais são os melhores amigos.

Nenhuma explicação: o silencio agia por eles, dava-lhes as mãos até que, em

panico, ouviram um gemido da mãe. Marcos pôs a mão no bolso e a deixou dentro do paletó, com um cigarro na ponta dos dedos: ele não fumava diante do pai.

— Pode fumar, meu filho.

—Não, senhor. Não estou com vontade.

Então viu os olhos do pai: eram os que buscara entre as ruas. O pai esperava e Marcos não podia; se o fizesse... O pai se ergueu, baixinho, tão menor que o filho.

— Eu sei que você fuma... O pior, meu filho, é um cobrador.

A mão treme sobre a cabeça do filho que, o gesto subentendido, sem tocá-lo, recolheu de novo. Deixou Marcos pelo quarto, onde cresceu mais um gemido. Não chorei, sou um homem, puxa!

Joana namora da janela a rua; não venta e o pó se deposita sobre a cortina, a cara pintada de Joana, o sapato dos homens. Espera por Marcos, ele prometeu que vinha, na hora do almoço. Essa hora já vai longe, o pai e os irmãos se demoram ao redor da mesa, a garrafa de vermute, ainda fechada, a um canto,

conversam em voz baixa para que ela não ouça. A mãe chega na porta, olha para a filha que a olha e, sem palavra, vai-se. Sem que ela deixe de olhar a rua. Tem os olhos vermelhos de tanto olhar, segue Marcos na sua fuga, cobre-o como uma rã a sua femea. Fora tão bela a seu lado, não porque ele era feio. Vestia-a de delicias e, ainda que efemeras, doces que nem bombons com licor dentro e só para a sua boca. Recorda-o no banco e descobre-o sentado de longe, as mãos no bolso, as mãos que descobrem a ilha do seu corpo. Ela se queixa: me largue, ponha as mãos no bolso, não me despenteie. Não a deixam, são muitas mãos, com simples toque nela plantam uns verdes ramos de cedro.

É em Marcos que pensa, embora a Ivã ame. Este a devasta com a simples visita: é belo. Injusto para Marcos é ser tão belo; como deixar de amá-lo, ainda mais quando não a quer? Os amigos se unem na sua lembrança, lhes confunde os nomes ao chamá-los. Ivã sendo belo, a repousa na sua contemplação e quando Marcos chega a violenta com suas mãos. Agarra-a, nunca na ponta dum dedo, com as duas mãos, deforma-a como quer e agora lhe deu um filho. Pegou a bar-

riga com as duas mãos como uma estampa de madona: eu sinto ele dentro de mim. Joana bem não queria, ele com seu sorriso de duas covinhas, sem mostrar os dentes. Sem amá-lo Joana não tinha poder para negar-lhe; era um diabo em tentação e, por ser diabo, atentando aos outros e ela fez o sinal da cruz. Porque não vinha? Não mais dobraria a esquina, com um tchau; agora era seu. Afastou a cortina para ver mais longe.

Com a mão na porta, ouviu a voz do pai na cozinha:

— Como ferveu depressa a água...

Marcos deu um risinho: foi o demonio. Eu me confesso: ele quer me ajudar. Caminha para a casa de Joana, e porque não? Ele que se pergunta, nada é pior que um cobrador. Ah! desesperar-se até o ponto de fechar os olhos e morrer de desespero. Eis que me perco de mim, Ivã bebe a cerveja e olha a sua unha querida, Joana costura o seu enxoval, meu pai se espanta da agua ferver sem fogo, um patrão marca a minha falta no relogio e todos os relogios marcam uma hora diferente para cada um de nós. Acende um cigarro no outro, a fumaça no olho dum polifemo cego de furia. Sentia a ponta dum cigarro aceso na nuca,

quer a morte violenta e não mansa que apascenta os corações medrosos: testemunha na maior vergonha. Gero o mal que nem um caqui podre no seu cesto. Tudo que toquei, entre sorrisos, poluí. Em vão preferi os bens da graça, para a qual não fui dotado. Mosca de asas arrancadas corro na beira dum pires com vinagre e na beira eu como açúcar. Erro se penso: só mais um dia ou um cigarro (acende outro e traga, com delicia, a ponta dos dedos). Não dispor, não digo dos outros, de mim, para arriscar tudo na queda dum cilio. Sem nojo, dou cada dia inumeros passos, que me desgastam e dos quais nenhum quis dar, inuteis se não me levam a escada escondida e dou-os, embora tudo e deles não me arrependo. São as pernas que andam, não que as dirija no seu passeio sobre as aguas.

De costas contra o muro, Marcos sente um podre de ovo: é a coisa que sobe. Um jato de vomito lhe saiu da boca, com o cigarro da boca. Apóia a cabeça no braço e vomitou, de novo. Enxugou as lagrimas e a boca na manga do paletó, acendeu um cigarro, enguliu em seco, entre a lingua e o céu da boca, era ela. Roía a sua hora madura cuspindo os

amanhãs. Oh Mãe, eu tenho medo. Parou, com o pé no ar: Oh mãe, o que foi que eu fiz? Em voz alta o misterio se perdia. Lavo as minhas mãos no seu proprio suor e fechou sobre a cabeça o pulso, magra espada do prazer. Tinha uma cicatriz na cara, roendo. Parou diante de uma vitrina: ali estava, como uma cruz na testa. O espanto de ter sempre a mesma cara: os eventos fluiram por ela sem gastá-la como a chuva pela parede. Beijo ou danação a afetou, nem a barba cresceu Este sou eu, e mostrou a lingua, e pôs a mão na cabeça. Estou velho: nenhuma ruga na testa. Sou diabolico: o branco dos olhos. Via correr por ela a barata de sua morte. Para fugir de Joana, do seu corpo não mais inconsutil, foi que eu nasci?

Com uns ares de diabo magro com fome ele detem o seu passo, a perna no ar. Um colar de suor lhe cobriu a boca e não pode parti-lo. Nem chorar pode e sente o suor que lhe riscou a cara como uma teia de aranha. Fria, lucida, uma simples palavra lhe acende o cigarro na nuca: danado. Então, abriu a boca e quando o coração estalou deu um grito na rua. Apressa os passos para alcançá-la: sabe-a diante da janela, atrás da

cortina, enchendo o dia com seus pulcros olhos. Dobra a esquina e para, de costas na parede: a casa ali está, com todas as janelas fechadas. Não dá um passo mais, nem bate a veneziana fechada. O coração lhe bate que nem umas batidas na porta. Tinha dado o pulo: os pés no ar. No céu um relogio soa as horas e, a esta hora, o pai e os irmãos o caçam entre as ruas, como um dos diabinhos de Jeronimo Bosch. Entrou na cidade para ver a caspa na cabeça das mulheres.

F I M.

Curi liba

Dalton Trevisan

CRÔNICAS
DA
PROVÍNCIA
DE
CURITIBA

DALTON TREVISAN

CRÔNICAS DA PROVÍNCIA DE CURITIBA

Capa de POTY
1953

APELO

Senhora:

faz depois de amanhã um mês que está longe de casa. Nos primeiros dias, para dizer a verdade, não senti falta, foi bom chegar tarde, na conversa de esquina. Desde a porta um silêncio que, se estranho, era, perdão Senhora, um cheiro de pintura nova. Não foi ausência por uma semana: o seu batão ainda no lenço, o prato na mesa por engano, a imagem no espelho.

Com os dias, Senhora, o leite pela primeira vez coalhou. A notícia de sua perda veiu aos poucos: o jornal caiu no chão, ninguem guardou na gaveta. Toda a casa era um quarto vazio, sem o ruido das chinelas na cozinha, a boba conversa na janela com o canário. Para não

dar parte de fraco fui, Senhora, beber com os amigos. Uma hora da noite eles se iam e, eu também, vinha para casa, de janelas agora escuras, sem o perdão de sua presença a todas as aflições do dia, como uma luz por baixo da porta.

Falta, não de carinhos, das pequenas brigas por causa do tempero na salada, que é nosso jeito de querer bem. Vã busca entre as paredes (a vassoura no canto, regador no prego, pó sobre o espelho) do seu auxilio tão discreto, como um fraco perfume no quarto, de glicinea, por exemplo.

É saudade, Senhora. Às suas violetas, na janela, não lhes poupei água e, Senhora, elas murcham. Não tenho botão na camisa, calço a meia furada. Ninguem informa onde está o sacarrolha. Nenhum de nós sabe, sem a Senhora, conversar com os outros: as bocas fechadas mastigando. Venha para casa, Senhora, por favor.

PRAÇA TIRADENTES

Ela era linda, ele gostava dela. Ela olhou para ele como quem olha uma cadeira, uma árvore, uma coisa. Aí o coração patético do homem bateu que nem o papo dum sapo, todos olharam para êle porque ouviam o coração. Ela era linda. Ele gostava tanto dela. Ele não era bonito, ela não gostou dele.

Ele deu para ela: um corte de vestido estampado, um pente de matéria plástica, dezessete pacotes de pipoca, alguns de bala azedinha, cinco ou seis garrafas de gasosa de framboesa, um vidro grande de perfume "Noites de amor", um cigarro (falsificado) de maconha, 100 grs. de bombons com licor dentro, um crucifixo, um pente de vidro (diferente), uma foto com linda dedicatória,

o bigodinho, um par de sapatos. Daí, êle pediu: você me dá?

Ela disse que não. Ele pediu, por amor da mãe, em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo. Ela disse que não, pela segunda vez. Não, ela disse. Com os olhos da morte na cara (a amiga dela é quem contou) ele pôs a mão na bôca para não chorar; aí a cara se mordeu como dum cachorro louco, onde choravam os olhos da morte que, para ele, eram os do amor. Não deu um passo, não tirou a mão do bolso, ela tremia toda como se apanhasse na cara.

— Sua bandida!

Ela derrubou a sombrinha, a mão parada no ar que nem tivesse a sombrinha azul.

— É o meu fim! — a sua voz vinha de longe, ali a dois passos da moça. — Você não é minha...

— Por favor, tenha pena de eu!

O homem tinha um revólver calibre 38 na mão. Aí foi que a amiga saiu correndo, uns homens pulavam de medo, até uma senhora gorda de chapéu foi atropelada por um auto. Ela se desmanchou aos olhos de todos que nem um

vestido fora do corpo. Um coração parou, o dela, o dele, a amiga não viu, quando o relógio batia as quatro horas da tarde de domingo na Praça Tiradentes.

UM DIA

Como dizer do puro azul? Não mais palavras de mais, todas elas necessárias como para cada flor o seu número de pétalas. Um homem na caverna que lasca na pedra uma cabeça de bicho: é um bicho, o bicho. Ninguem entenderá, e paro diante da janela vendo o dia como uma cara no espelho. Inutil compará-lo a qualquer outro dia, nada o distingue: o sol, o azul, o ar. No céu ventam delícias, um ipê sorri maravilhas submissas ao meu poder humano.

Sou um cronista descobrindo o dia em frente da janela. Sem palavras para contá-lo, a sua glória me veste, sem nenhum adjetivo. Todas as coisas anteriores conduzem penosamente ao seu esplendor: tempo e silêncio lhe inventam

côr, forma e perfume: recebo-o com o susto dum telegrama na porta.

É meu, um dia ao menos. Sigo diante da janela, a cidade aos pés, o pássaro de luz voa no seu bater de pálpebras. É — simples dia — um dia como uma tatuagem no peito.

Enfrento a morte do outro lado da janela, com as armas do seu prodígio matutino. Se, efemero, morri mais um pouco para descobri-lo, não quero contá-lo, sem poder: um dia é um dia é um dia é um dia é um dia é um dia.

O CICLISTA

Curvado sôbre o guidão lá vai, numa chispa. Sobre duas rodas pedala na rua de prodígios, voa pela cara do guarda crucificado de braços abertos. No labirinto urbano persegue a morte com o trim-trim na sua campaínha: com uma só mão dirige o seu passeio na nuvem, entrega sorvete — sem derretê-lo — na hora exata.

A bicicleta é sua lâmpada de Aladino e quando ele monta liberta o gênio prisioneiro no pedal. Indefeso homem, fragil a máquina, investe impavido colosso, tira de fininho entre o poste e o caminhão; o ciclista, por muito favor, perdeu o chapéu.

Se atropela é gentilmente como uma abelha que morde e morre sem o seu

ferrão. Veículos inimigos lhe trituram o fino esqueleto, entre gritos nos pneus: se não morre ali mesmo, bate o pó da roupa e — com uma perna quebrada — ele parte, à bicicleta nas costas.

Opõe o peito magro ao parachoque do ônibus, salta o buraco no asfalto, voa sobre a escada e as águas. Num corpo só, touro e toureiro, golpeia furioso o ar nos cornos do guidão e cai, no seu próprio pó. No fim do dia, o homem guarda num canto da casa o seu pássaro de viagem. Enfrenta o sono a pé, trim-trim, as asas dobradas sob o braço e, na primeira esquina, trim-trim.

BONDE

Espera o bonde, na fila, às seis da tarde. Solteiro, comerciário, de 20 anos, como um jóvem é heróico. Na meia hora de vida roubada por esse bonde podia ter feito grandes coisas, por exemplo: beber rum da Jamaica, dar um beijo em moça, ancorar numa ilha. Salta dum pé no outro, impaciente de tomar o seu lugar no mundo, assim que o bonde chegue: um navio fantasma atraca no seu mar de verdes olhos.

Não lhe dói mais o calo no pé direito, nem pesa o guarda-chuva no braço, a um pirata que bebe rum em crâneo humano não interessa a selagem das duplicatas, o Capitão Kidd nunca deu desconto de 3% para vendas à vista. Singra o mar na sua nau Santa Maria, Pinta e

Nina, vai daí que um sujeito lhe bateu no braço e o heroi saltou em terra.

— Seu moço, para onde vai esse bonde?

— Por cem milhões de percevejos fedorentos!

Como bom rapaz, não praguejou como um lobo do mar excomungado, e deu a rota do seu bergantim. É um moço — vinte anos, puxa! — com a idade do homem de negócios, o guarda-chuva é sua bandeira negra de tíbias cruzadas. Nesse bonde que ninguem não viu ele quer fugir para o mar, abandonando uma mulher de cigarro na boca, triste no cais. A seu lado, na fila, ferozes homens barbudos e pálidas filhas do Vice-rei da ilha das Tartarugas boiam, náufragos como ele, atirados à praia pela maré. Um velho de olhos azues de contramestre, com um pacote de bananas, sorri para o moço. Uma espinha lhe lateja na testa, até isso!

Morte aos velhos! As palavras engolem o seu grito de guerra no crepúsculo. Um velho é um canhão de museu, tem uma gana de afogar o velho que não o deixa andar no mar. Corpo de cavalo marinho, uma dama igual àquela triste no cais sopra novos ventos às ve-

las do seu bergantim. Arrasta as correntes da âncora que lhe tolhem a partida: piedade filial, temor a Deus, condição social, amor à pátria. Com as duas mãos tapou os ouvidos ao canto das sereias, em vão vogava em maré de piratarias, o bonde que chega lhe abriu a sua garganta de baleia, onde Jonas esperava por ele com um baú da Jamaica.

A conciência de sua idade lhe doi no calo do pé, na espinha da testa, nas suas raizes de platano na calçada. A maruja iça a bujarrona, o velho foi subir com o pacote e derrubou as bananas pelo chão. Ele juntou as frutas, apoiou o braço do velho para galgar o estribo e subiu também, sem lugar e de pé na popa. O bonde joga tanto como no mar grosso, dele não se pode ver o céu. O velho tirou uma banana do pacote e, em gratidão, é a segunda vez que oferece; de pé no cesto da gavea um capitão grita "Terra" vendo os telhados de Itaca chegando ao longe.

SÁBADO

O dia tem cara de sábado; não, eu é que estou sábado. Elaboro o domingo com o afã paciente de uma cozinheira o seu bolo de nozes: brinco de cortar o cabelo, engraxar o sapato, vestir terno azul marinho. Uma população de botas sobe no trem, com seus caniços na janela. Pouca gente na rua, os platanos se enfloram de conversas de pardais.

Meninas já não brincam, de vestidinho branco no portão. O escriturário debruçado sobre o papel diz, com o lápis no ar: não te gastes, amanhã é domingo. Os cães conspiram na esquina: se amanhã é domingo tem osso de galinha.

Antigas donzelas põem os cotovelos na janela: ai, tomara que não chova domingo. Se é um gordo quer, urgente, o

domingo no seu prato de macarrão. Se a amada não veiu, não faz mal: amanhã é domingo, estará na saída da missa.

Se tem alma de artista, pinta o retrato da filha, com uma fita no cabelo, filha e mãe chateadas. Se noivo, almoça com vinho na casa da sogra. Se é doméstica, o dia é no Passeio Público, os macaquinhos comem banana. Se tem dôr de dente, ah! Senhor que dia desgraçado: os dentistas não estão em casa aos domingos. Se é um morto, a morte dói menos: amanhã é domingo.

É domingo e, como todos os domingos, nada para fazer num domingo, um dia perdido porque amanhã é segunda-feira.

ABIGAIL

Meu nome é Abigail, de uns tempos para cá não vivia bem com meu homem. Quando nós casamos ele gostava de mim, trazia cigarro para mim quando vinha do emprêgo, uma vez até uma garrafa de vinho ele trouxe, isso em Paranaguá e nunca vi um homem gostar de beijo como esse. Era um outro homem, com vergonha na cara e que fazia a barba aos sábados, não o que não ia para a estiva e ficava em casa brigando comigo, me dizendo nome em frente das crianças. O homem mudou até de cara, comia de cabeça baixa sobre o prato que nem tivesse mais ninguém na mesa, pegava o chapéu e saía para a rua dizendo que não esperasse ele aquela noite mas eu via, na janela da cozinha, uma bra-

sa de cigarro ali no muro. Quando chegava era de madrugada bebado de cair, cheirando de cerveja e pó de arroz de mulher da vida. Uma vez até uma china deixou a boca de batão na camisa dele, eu esfreguei na cara suja dele, de quem é essa pintura, perguntei. Ele não disse nada, mas também não me surrou, o que fazia uma ou mais vezes por semana.

Até parecia costume, ele chegava de chapéu de palha meio de lado espalitando os dentes sem tirar os olhos de mim, eu lidava no fogão ou com as crianças, esses anjinhos que o bandido diz que não são filhos dele. Não conhece a tua cara, eu dizia. Ele gritava com elas e chorando de medo corriam para o quarto, choravam atrás da porta. De começo ele discutia antes de me dar, no fim eu apanhava sem conversa mesmo. Tu me mata, homem de Deus, eu berrava com a boca no mundo. O bruto nem piscava, era cada soco que fiquei de olho roxo e com cada mancha por todo meu corpo. Um vizinho chamou uma vez a polícia, ele foi preso, mas foi pior, quando soltaram ele apanhei tanto que a meu pedido ninguem mais chamou o guarda que morava na mesma rua. Não era tão ruim, porque depois da surra

ele me punha no colo e me dizia que era a sua negrinha, por causa que tenho os cabelos bem pretos e já sou uma velha cheia de filhos. Com os anos ele se queixava de dôr nas costas, era carregador de café no porto, e cada vez que eu pedia dinheiro para matar a fome dos anjinhos ele espumava de raiva, me atirava o prato de comida na cara e até rasgou umas roupas que lavo para fora.

Da última vez saíu de casa e não voltou por oito dias, diz que a casa dele era um hospício e bebia com umas vagabundas na rua do cais. Eu fiz a minha trouxa e mandei dizer para ele. Era hora de almoço, ele voltou, nem quero me lembrar, antes tinha matado um, diz que meu amante, o grandississimo tarado. Eu estava na janela, parecia que esperando a volta dele, entrei para arrumar um pouco o cabelo e fiquei de costas para a porta, mas de forma que via ele no espelho da parede. O homem entrou arrastando os pés de quando tinha dôr nas costas e se encostou na porta do quarto, com o chapeu de palha meio de lado. Me virei devagar esperando a surra. Com a mão no bolso ele sô me olhava, com uma cara meio de amor porque esse homem sempre foi louco por mim, como se es-

tivesse me querendo e achando bonita. Foi-se chegando com aquela mão no bolso e desconfiei da intenção dele. Leandro! gritei, já era tarde porque ele tinha a navalha na mão e me cortou a cara, o peito, as pernas e deitada no chão eu pedia Mãe do Céu salvai-me porque estava morta naquela hora.

Apanhei muito na companhia desse homem, nunca tinha me feito uma desfeita dessas. Depois ele me beijou as seis feridas no corpo e não tinha bafo de cachaça, ele não precisou beber para me matar. Ele fugiu e ninguem sabe onde está. Foi ciume, da que é a negrinha dele. Quase morri, mas já estou boa e nem fiquei mais feia com essa cicatriz na orelha que o cabelo cobriu.

A FLOR

Nunca tinha visto demoradamente uma flor. Sabia dela por informação, não distinguia uma da outra, quem sabe a julgasse indigna do coração dum homem. Ora, um dia, por preguiça ou desespero, plantou uma flor no quintal.

A flor é coisa delicada num reino feroz de cães, gatos, pardais. Era um galho feio e torto, sem nada de flor. Na seca, chateado molhou o pedaço de pau, no sol mesmo. Nunca ligou nela, inutil no seu canto da casa, cadeira quebrada. Num sábado, arrancou com as próprias mãos um capim que cobria o magro arbusto. Não chovia e, quando os vizinhos jantavam, ia de noite molhá-lo em segredo, não era amizade, orgulho talvez.

Cogitou do nome: não sabia. Não o associava a nenhuma forma, côr ou perfume. Esqueceu-o, não molhava, nem arrancava o mato. De volta a casa, ele se abaixou para apertar o sapato e viu, no quintal abandonado, uma flor, com seu grande olho aberto para ele. Há dias era uma flor, não o chamara, tinha o seu amor próprio tambem. Apalpou-a: era uma flor, entre os seus dedos batia um coração de andorinha. Nunca tinha visto uma flor e soube sem erro: era uma flor, qual o seu nome?

BENEDITO

Benedito arrasta os pés de tanto correr estrada e pular arame farpado, dá boa noite para a mulher com a panela no fogo. Entre gemidos, senta diante da gamela para lavar os pés. Esfrega nos dedos as manchas secas de sangue, enxuga-os no trapo que tirou da sua velha pasta, entre balas, piões, bonecas de pano, pedaços de cordas, santinhos, etc.

A luz na casa é a do fogo mesmo ali com a bruxa no seu caldeirão. Benedito passa o pente nos loiros cabelos, cada dia mais ralos, bate o pó no macacão azul. A mulher resmunga, ele coça com o toco de dedinho o bigode e quer saber dos netos, então ri.

Conta que buscou no campo a erva da benzedeira, não achou. Errou por uma estrada, bebeu um copo dágua

numa casa, andou com duas crianças no caminho da escola. Tem a voz mansa, vendo a mancha vermelha na cara da velha, que prova o caldo numa colher de pau. Sente-se o avô de todas as meninas, brincando de roda com elas, um laço de fita nos seus cabelos brancos.

Sentam-se em silêncio na mesa, a mulher enche o prato de sopa. Benedito em delícias chupa com ruido a colher, o caldo lhe escorre pelo queixo. No meio da colherada a mulher estende a mão aberta: quer dinheiro. Benedito baixa os olhos, comprou bala de hortelã para dar a uma negrinha. A mulher de pé, no outro lado da mesa: seu vagabundo duma figa. Ela senta e, ao clarão do fogo, vê que Benedito chora, a colher de sopa esfriando no ar.

ELA E EU

Amadureço para ela como um caqui no galho. Sinto o seu beijo na nuca quando estou só. Tem os meus olhos nos retratos antigos. Cão que guarda a casa, não dorme para me lamber as mãos. De manhã é entregue sob a tampa na garrafa de leite. Como uma caftina distrai as horas que fazem sala.

Não se traja de negro, não tem voz cavernosa: é violenta, tímida e miope como eu. Ai, como ela me quer bem: trata a minha tosse, lava os meus pés, ela me veste com seu dinheiro, dela foi a primeira calça comprida, a namorada, o bigode. Cada aniversário, desembrulho, antes dos outros, o seu presente: enrolado em trinta papéis não o descubro. Desenhou a palma de minha mão. Na

febre enxuga o meu suor na testa. Sabe das pintas de beleza no meu corpo.

Sei que é ela pelo gosto de manhã na boca, a secreção no canto dos olhos, o sangue da pulga no pijama. Graças a ela não tive meningite em criança. Me poupou do rum da Jamaica, do navio de Sindbad. Come no meu prato e dela não sinto nojo.

Imortal como o açucar derretido no fundo da chicara. É o sal na minha comida, o cheiro da meia usada, um pouco de caspa no paletó. A minha morte é meu anjo da guarda.

CARTA A CATARINA

My darling Katherine (Mansfield): amada Miss Beauchamp que tinha pulmão pleurítico e como Jennie, Betsie, Minnie, as cavadoras de ouro, fugiu em cima dum barquinho de papel, lá da Nova Zelandia, deshonrando as trêmulas cãs do Papá (casada por um dia com um, contam que dormindo na casa do outro), c'est la vie, má Miss Beau...

Bebia capilé no elegante garden-party de coroação do rei Eduardo, dear, oh dear, tomou pileques infernais no quarto, vomitando pela janela, com lírica franjinha na testa, up lá lá!

Gostava de segurar pintarroxos entre as unhas roxas, soltá-los pela janela aberta... Saco de ossos retorcido sobre a cama por fazer, escrevendo cartas ao

marido distante (nunca gostou dele, really), para contar que almoçou: presunto, pãezinhos frescos, vinho, um charuto, uma laranja nada boa por sinal, errando por estalagens malditas ela amava um postilhão (oh! de bigodes com pomada) do carro do rei.

O marido bate à porta, como o pai dela batia à porta, tosse, pobrezinha, que tosse. Magra mais que o seu garfo, de cachecol no pescoço, adieu Ty, dama só em Paris (sem homem), telegrafando aos amigos mandem cigarros, chocolate, uma garrafa de uisque três vezes abençoada. Olhava a chuva pela vidraça, Bill and Jack, desejando coisas tão queridas que não tinha: dois filhos — ama chinesa — uma sombrinha verde, por causa que a tosse.

Poor Tig, no seu espartilho grenat ou era violeta? com um fraco por velhote de cravo no peito. Rezava pelas ruas no medo de ser violentada por um soldadinho preto (o qual, no quarto, se escondia debaixo da cama) e cuspia, quando nem os velhos nem os soldados olhavam, ela cuspia sangue numa garrafa de rum, arrastando a sua perna reumática, que era a esquerda.

REPORTAGEM

Com a explosão ardeu a Buick 49, reduzindo a pequeno monte de cinzas o corpo, que não pode ser identificado pelos documentos; um violão em chamas era o seu retrato rasgado pelo destino. Em Manaus causou a mais profunda consternação a notícia de sua morte. Teve o mesmo fim de Carlos Gardel: morreu queimado. Ao saber da infausta notícia, o seu colega Francisco Carlos foi tomado de forte crise de nervos, necessitando de socorros médicos. Mil pessoas velaram o corpo do cantor. Na sua maioria era mulheres vestidas de preto, algumas de óculos escuros. Pela madrugada os boêmios da cidade ali acorreram em última homenagem, partindo dos redutos de prazer alegre. Gravou várias

canções com Mario Reis, entre as quais a de grande sucesso: "Deixa essa mulher chorar".

O espetáculo do enterro — centenas de milhares de pessoas — foi coisa nunca vista. Dos edifícios chovia papel picado sobre o carro do corpo de bombeiros. Centenas de pessoas choravam convulsivamente. Várias desmaiaram sendo socorridas pela assistência pública. Dezesseis jóvens perderam os sentidos. A polícia foi obrigada a usar de violência para conter o povo nos cordões de isolamento.

O esquife mede pouco mais de um metro e quarenta centímetros. À lenta passagem da carreta, empurrada pelo povo, senhoras e senhorinhas, e mesmo alguns cavalheiros, eram acometidos de crises nervosas. Repetiram-se as cenas de desmaios de pessoas que não resistiram ao choque de ver partir para a eternidade, reduzido a um pacote de cinzas, aquele que foi o rei da voz. A carreta funebre chegou às portas do cemitério tendo gasto exatamente três horas no percurso. Uma dama de luto fechado se deitou sobre o caixão chorando amarguradamente, foi retirada nos braços de Orlando Silva. Dezenas de mulheres lan-

çaram-se sobre o esquife chorando também. A multidão lutava para aproximar-se do cantor silencioso; foi necessário um choque da polícia especial para conter o povo. Da sacada de um edifício de dez andares, uma senhora de cabelos grisalhos gritava "adeus, Chico Viola", acenando com a bandeira nacional.

Milhares e milhares de pessoas permaneceram no cemitério agitando lenços brancos. Dezenas de sepulturas ficaram arrazadas, bem como jardins totalmente destruidos. Os funcionários do cemitério calculam que os prejuizos se elevam a milhares de cruzeiros. Ao que se propala, cinco mulheres não identificadas tentaram contra a vida. Carmem Miranda telefonou dos Estados Unidos enviando pêsames a todos os brasileiros. Uma caixeira se recusou a ir para o emprego e afirmou que a vida para ela não tem mais sol. Não podendo suportar a dor da morte do cantor, a jovem Maria Conceição, de 23 anos de idade, embebeu em álcool as vestes e ateou fogo. Foram as suas últimas palavras: "Celestino, não deixe o canto brasileiro morrer".

CIRCO

Ao redor do circo iluminado de todas as cores rondam os piás para entrar de ratão. Sobre as mesas na rua umas negras vendem café com bolinhos de graxa. O peludo de uniforme recebe as entradas. Entre os mastros pintados de vermelho, o trapézio do salto da morte: há espetáculo mesmo com chuva.

Três pancadas na madeira e, no silêncio, o estalo das cascas de amendoim, tosses, as caras se iluminam sob a luz do palco. No seu guarda-roupa deslumbrante, a grandiosa montagem e comparsaria, os atores chegam em cena com medo de tropeçar no tapete. A criada anuncia: o Conde de Monte Cristo. Ele entra com um sorriso para Mercedes: o Conde de Monte Cristo tem dois dentes na boca.

Os floreios da linguagem arrancam aplausos à distinta platéia: oh! bom dia, sr. Marquês. O marquês: oh! bom dia, cara Condessa. Na geral, os praças balouçam as pernas no ar sobre a cabeça dos atores. O toureiro morre, em Santa, derruba uma vela acesa no altar. O toureiro senta no chão, sopra a vela e cai morto de novo.

As vozes dos piás no escuro, há uma pauleira entre os vendedores de pipoca e do capilé. Um cachorro que entrou de ratão cruza o palco. Os mastros tremem quando passa o trem no campinho. Estalam as tábuas: são duros assentos. O grande ator que honrará esta noite a ilustrada platéia diz o seu monologo, o cachorro passeia no palco, o ator diz "passa!" no meio do diálogo.

O ponto está com tosse esta noite, a sua tosse não deixa ouvir os atores. A heroina de "A ronda dos enjeitados ou Perdição de virgem" foge do sedutor, com seu lenço de seda na mão: "para trás, miserável!" (silêncio), "respeite a tua mãe!" (palmas). Gargalha o vilão, de bigodinho pintado: "ainda hás-de ser minha!" O mesmo cachorro entra, pela terceira vez, em cena.

BILHETE

A quem interessar possa:

comprei o revólver calibre 32 cano curto com a desculpa de ladrão na rua; o revólver está na mão direita e o dinheiro no bolso é de quem achar primeiro. Não briguem por causa dele, por favor.

Tem um ladrão na casa: é um ladrão, que não rouba do alheio. Abre as gavetas, vira a meia no avesso, anda pela casa e não sabem dele. Sei porque é a mim que rouba (um objeto no peito, sem nenhum valor, é de estimação). Lambe-o com sua lingua furtiva de bicho, esconde-o no lenço e com ele salta a janela.

Não levo dôr, com um buraco no peito. Sinto é de me fecharem no caixão, um lenço amarrado no queixo, sem gri-

tar o meu ódio. Não posso mais de tanto nojo. Hoje é um dia tão bonito e tenho de me dar um tiro. Queria ir bem quieto (os pardais na laranjeira desculpem o barulho) sem acordar ninguém de casa.

Não tinha razão para... Tinha, sim. Nesta última hora tenho medo de não morrer. Quem gosta de dormir com baratas saindo de dentro dos olhos? Se a barba cresce no morto que lhe cubra toda a cara. Bem no fim estou com dôr de dente. Dôr de dente não, é medo. Minha última vontade é de que haja inferno, o meu lugar entre os maus. Não chorem por mim, eu não estou chorando, são baratas que descem para comer na boca. Não venham me ver em cima das quatro cadeiras, o defunto agradece o ódio dos vivos.

NO JARDIM

O lívido rosto à sombra da laranjeira, com meias de lã, esquenta ao sol como um lagarto que comeu mosca. Os copos de leite estão quietos que nem túmulos brancos no cemitério. Que sede! e, o seu retrato na dourada moldura oval da sala, morre mais um pouco entre a manhã.

Suor frio na testa, coça o queixo, é preciso fazer a barba, rapaz! A mãe está na porta:

— Quer entrar, meu filho?

A vida lhe escorre pela ponta dos dedos. Um cacto desfalece ao sol. Um copo dágua, mãe.

O vento lhe pousa um cabelo de sol sobre as unhas roxas e põe a mão contra o sol: não é transparente ainda! Que

sede. Brincam as sombras ao pé do muro que nem um canteiro de gatos.

— Água, meu filho.

O copo estendido é a colheita do jardim na manhã. Bebe até a última gota e pisca os olhos para a mãe que lhe enxuga a boca.

— Está melhor?

Ronrona, perú gordo de domingo: hum, hum. Uma cigarra grita que há incêndio no canteiro de cravos. Ele cofia os seus finíssimos bigodes de mandarim, espirra uma, duas, três vezes. Nuvens brancas secam no arame do quintal.

O sol, entre as folhas da laranjeira, lhe põe um beijo na nuca. O coro das cigarras ficou louco de alegria. Pula o jardim a fria sombra dum corvo. Ele dorme, uma lágrima lhe seca nos olhos sem rolar pelos bigodes de mandarim.

SINDBAD

A aventura não está na distância. A coragem que se tem para fugir de casa já falta no ato seguinte. Em vão na estranha terra querer ser um estrangeiro a si mesmo: pequei sem nenhuma fantasia os poucos pecados que aprendi em casa, no mesmo jeito de morder o pão. Os sentimentos diários ah! da solidão (entre o mundo sonhando na casa, em casa sonho com o mundo); da breve camaradagem; dos amores pagos sobre camas de colcha vermelha; do medo em toda parte de morrer longe: do que? de quem? A longa espera nos bares, com sua hora mais triste: a de comer, em silêncio.

Estou no mar depois de estar em casa. Nunca sai do mesmo lugar, nem tirei

os pés de meus velhos sapatos. O pior do mar é que se perdem grandes coisas em terra. Náufragos acendem fogos na praia e se afogam sem permissão de abordagem na ilha. Náufrago, eu também, chorei o exílio das águas num leito de asfódelos. Prisioneiro do mar, entre longes de prodígio, catando os piolhos da viagem, engordo ao sol da sua, da minha solidão.

No fim dos portos, na mesa do bar, esperei um desconhecido entre a garoa: era sempre eu que chegava. O gesto que se quer inventar: me retorço como uma rã fisgada e refaço o desenho dum tapete nas sacadas de Bassorá. No tanto viajar, em vez do mar, da terra, do céu me diverte mais o meu olho na escotilha. Foi a avareza, a maldita avareza que me arrastou para a escada e a ponte. Na volta fecho a porta e, antes de catar os piolhos, conto os meus dinheiros e, na adega, as garrafas e, na despensa, as azeitonas pretas. Prefiro ao homem qualquer objeto, de cânfora ou ambar pardo.

Das viagens, confesso, a partida me interessou. O mais chato da viagem não é a viagem nem a volta — é ter de contar. Das viagens só vendo o navio, o lixo entre a espuma. Aqui ou ali no porto ou

pelo mar a parte nenhuma, sem nunca lá chegar. O tédio é a navalha que se abre no sovaco de um marinheiro. Como encher as horas mais numerosas que as ondas do mar senão, no ar parado do porto, com mentiras, as mentiras que são os gênios submissos que arrastam as velas?

O mais triste da minha viagem é que sou tudo que quis ser em criança: o marinheiro Sindbad.

ESTILO

Hoje que lanço a mão na pena você dói mais que uma espinha na ponta do nariz. De noite me levanto da cama, vou suspirar na janela. Condessa, porque tanto me fuinhais? O seu nome baixinho no ar zumbe que nem um moscão de cavalo. Vivo triste pra burro, sei que tu tens um calo no pé direito, mas não faz mal.

Por ti serei maior que o ciclista do Globo da Morte. Cabeça de fósforo já me queimei a cabeça. Chorei outro dia no meio da rua, até parou gente que fosse desastre, um guarda noturno quis me consolar, guarda, não seje burro, vou preso mas sou fiel até a morte.

Mas como eu ia dizendo onde há mato tem cascavel, um dia você há-de se arrepender, aí é tarde, estou lá embaixo

da terra, aí chegarás sobre a minha cruz: morreste infeliz, não foste digno do meu amor. Vossa Senhoria pode que morra de rir, não sou fingido, hein? Mamãe já reparou, não comes meu filho, tusso muito, sinto umas palpitações por você que é mais doce que em piá arrancar asas de mosca.

Me dá vontade de tomar um porre desgraçado, escrevo-lhe estas mal traçadas linhas, se você não me quer pego lepra, me afogo no Passeio Público, bebo um copo de vidro moído com gasosa de limão. Sonho muito com um rostinho lindo, adivinhe quem é, anjinho do pau oco. Deixa estar, você quer homem lindo, de bigodinho: bigodinho eu tenho, não sou lindo, mas porem sou simpático, isso não vale nada?

Sei que é vergonha na minha idade uma coisa dessas, vou atrás de vossmecê que nem quando eu era gurí ia atrás da bandinha do Tiro Rio Branco. Sei que é difícil nestes tempos arranjar uma boa moça com prendas como quer minha mãe, sinto uma bruta paixão, eu morro de desinfeliz.

O LOUCO

Manso, anda pela casa, de barba crescida, os olhos na cara olhando de fora para dentro. A família lhe penteia o cabelo, põe-no à janela, com a vidraça descida, para se distrair. Castigo do céu não, é moço bem, coitado. De tanto pensar, dizem.

Mora na janela, de cotovelos sobre uma almofada verde e espera, como as moças da rua, o seu namorado, com quem conversa, sem ninguem vê-lo. Beija as próprias mãos, entre as mangas sujas de gordura, porque come nos dedos. Baba-se de feliz quando tem formigas: estala-as na unha, nunca sai sangue. Caça moscas na vidraça e quando tem fome morde duas ou três moscas gordas. Cospe no gato, no cachorro, no espelho da

sala; fica furioso, quer partir a cara do outro, é a que odeia: a cara do louco ali no espelho.

Se chove passeia na chuva, a água pinga pelos cabelos, tão moço e todos eles brancos: vão buscá-lo, chamam-no pelo nome, é puxado pela mão. Com o raio, por causa do nervoso, é fechado à chave no quarto. Uiva, quebra o prato de comida, depois um silêncio: dorme, inocente. Canta, de noite, aos berros sobre os telhados. A menina de tranças sai na porta, ele quer falar: sai um ronco feio. Ela foge, o louco salta as pontes do cotidiano. A sua loucura move a casa e os homens na rua.

CHOVE, CHUVA

A fumaça da chuva sai pela chaminé das casas e treme sobre a cidade. Um lado do coqueiro está seco, chove chuvinha, molha a formiga com a trouxa na cabeça, os óculos do míope e do estrabico. As pessoas mudam de pé no ar sob a teia de aranha, as flores dos guarda-chuvas se abrem ao seu lento fiar. Piam os pardais entre as folhas, nada como uma meia de lã.

Na cidade há no mínimo duas mil pessoas infelizes porque têm a sola furada. Por onde pisais, meninas, nas ruas de lama sem sujar os sapatinhos? Piás descalços na chuva e um afogado afunda pela terceira vez no rio Belem. Os turcos que vendem maçãs na rua quando chove comem maçãs? Os guardas abrem os

braços na esquina, e apitam: porque choves, Senhor? Mães pensam nos filhos longe de casa, uns dedos na vidraça, dona mãe, me deixa entrar.

Batem os sinos da chuva em cada lata vazia... Todos querem o guarda-chuva esquecido num dia de sol, quando havia sol. Velhos baús são abertos para encher o dia, dia ruim para as traças. Os velhos têm pé frio e choram na cama de pobrezinhos. Os cães arranham a porta para entrar. A sopa de caldo de feijão te queimou a língua.

Tão bom que seria se não chovesse. Ah se não chovesse eu me chamava João. E os sorveteiros, o que fazem do seu sorvete quando chove? Homens chegam em casa, arrastam o pé no capacho e sentam para comer, dizendo: chuva desgraçada. Se chove é chato andar de chapéu. O vento solta a cabeleira da chuva sobre os telhados. Todas as árvores chovem. A chuva amassa o barro, dá de beber aos mortos.

PROTESTO

Senhor redator:

Assíduos leitores de sua querida seção "Na polícia e nas ruas" a ninguém mais chama a atenção uma notícia diária de "Ciclista atropelado" ou "Mais um ciclista atropelado". Ontem, por exemplo: "O caminhão dirigido por motorista não identificado apanhou o ciclista que pilotava a sua bicicleta de chapa 11.801, fraturando-lhe o braço esquerdo. A vítima foi removida para o Pronto Socorro". Antes de ontem: "Ciclista atropelado e ferido — A vítima que teve uma das pernas fraturada foi removida para o hospital em estado de choque".

Qual foi o nosso espanto, sr. redator, de nós pequenos, lendo o seu editorial sob o título de "Ciclistas irresponsáveis:

Outro ciclista foi estraçalhado pelas rodas dum caminhão..." Não é o sr. redator, que todos nos tratam, mortos e estraçalhados, de "outro ciclista" e "mais um ciclista". Por muito favor, o número da chapa da bicicleta, nem nome temos, somos mais um ciclista atropelado, nós, as vítimas de "verdadeira onda de acidentes, que são o resultado lógico da irresponsabilidade e imprudência dos ciclistas que abusam acintosamente das posturas do tráfego". E o sr. redator nos classifica de "condutores de veículos de duas rodas".

A nossa bicicleta não sabemos se é um veículo de duas rodas; ela tem mais de pássaro ou barco à vela que de simples veículo. Tem, para dizer a verdade, duas rodas e uma asa, que o sr. redator não contou. Porisso que "Na polícia e nas ruas" ao falarem de nós fazem como "tripulando" ou "pilotando a bicicleta" e não, acintosamente, de uns condutores de veículos de duas rodas. Essa asa é que nos põe acima das posturas do tráfego, a morte é que nos leva na garupa, sr. redator. Tripulamos a bicicleta numa cidade de prodígios, que não é a sua, com leis de gravidade, de motorista ou pedestre qualquer.

Ai, sr. redator, que somos frágeis, o nosso grito de socorro — trim, trim — não se ouve no bruá-bruá das seis horas na praça Tiradentes. O sr. assistiu: "Diáriamente assistimos aos riscos a que se expõem homens, crianças e até mulheres correndo como desesperados, sem obedecer sinais ou sentidos". Se desesperados corremos, sr. redator, é para não morrer, porque ninguém se entende nas ruas desta cidade, pilotamos de olhos fechados sobre os fios da luz. Atraz de nós, nos mordendo a nuca, correm como desesperados, eles sim, uns monstros de parachoques, todos com fome de ciclistas. Ah! se fossem só os veículos de quatro rodas, sr. redator. São as pedras soltas, os trilhos de bonde, os boeiros sem tampa, a poça dágua, e o pedestre, sr. redator, não sabe que o seu lugar é na calçada. Flor de ipê ou grito de criança nos derruba no pó e, se nos derruba, lá se foi um braço fraturado ou crâneo esmigalhado.

Propõe o sr. uma campanha repressiva contra nós "pois se maior não é a cifra de acidentes, deve-se exclusivamente aos motoristas, que praticam malabarismos, para não colher estúpidos indivíduos". Matem-nos, sr. redator, há uma

gota de sangue em cada rua de Curitiba. Não juramos vingança e, posto que mortos, devemos ser "estúpidos indivíduos". Tarados não somos, sr. redator. A maioria, pais de família, alguns noivos particulares, gente de bem todos. Não basta que nos matem, pardais que o próprio vento derruba das árvores. O veículo de duas rodas não tem parachoque, sr. redator: é nosso peito magro. A notícia de nossa morte é depois da rixa no botequim: "O motorista quando conseguiu segurar o caminhão de placa 2-75-15 já havia passado sobre o corpo do infeliz ciclista. Esmagado sob as rodas morreu instantâneamente". Somos de boa paz, sr. redator, morremos instantaneamente. Ou: "Foi arrastado cinco metros sem um gemido, sob as rodas do carro tanque". Qual é o ciclista, qual é a bicicleta, ninguem sabe, alem de que morreu. A cifra de cães mortos nesta cidade é menor, sr. redator, que de nós, ciclistas. Arrastados cinco metros ou nos erguemos sem um gemido, tripulando com um braço só, com uma perna só, com um olho só. Ou morremos ali, sr. redator, sem um gemido.

O trim-trim da campainha é o bater de nosso coração contra os veículos de

quatro rodas de uma cidade inteira. Eles nos passam por cima, sr. redator. Em pedaços, moidos, esmigalhados, abusam de nós, fracos e de nós, pequenos: "o irresponsável ciclista perdeu a direção e se atirou sob as rodas do caminhão carregado de madeira..." A bicicleta e o corpo eram um só ciclista, quando separaram a cabeça do guidão torto, ele morreu. Faça a sua campanha contra nós, mate-nos sem piedade, sr. redator. Nossa conciência está limpa. Tão estúpidos indivíduos não somos e cada vez que o sr. pula na calçada ao som gentil de nosso trim-trim eis que, do galho de ipê à torre da catedral e, já de bicicleta dourada, à nuvem, um de nós embarca contra a mão no céu.

O RIO

Um rio corre por Curitiba. Um rio côr de barro onde os piás fariam sardinhas. Só teria uma ponte, que existe e anuncia a sua nascente: a ponte preta da estação. Nas margens há margaridas silvestres e um cipreste. Só me convem o rio no quintal lá de casa e, nas tardes, eu pescaria lambaris de rabo vermelho. Na falta de chuva era o coaxar de seus sapos, pernilongos habitariam o meu sono.

Não seria um rio de uso particular. Era de todos que o merecessem. Das famílias com crianças que tomariam, nele, o banho do sábado; algumas morriam afogadas, não culpem o rio. À meia noite, mãe aflita solta sobre a água uma

vela acesa no pão para achar seu túmulo.

A cidade ficaria muito importante com o seu rio; teria um nome, que os vereadores por lei não podiam mudar. Nome simples, por exemplo: rio das cobras. Ou rio da vargem. Rio das cobras é mais bonito. Não tinha cobras, uma cobra dágua para dar nome.

Ah, alguns amariam o rio. A maioria da população jamais saberia dele, não cuspiria na sua água. Um rio escondido, de nascentes perdidas e que, estranho rio, não morria no mar. No mais, era rio simples de águas sem nenhuma qualidade medicinal. Era proibido fazer piquenique nas margens, mas pode andar de canoa, jogar pontas de cigarros e às árvores, no outono, cobrir de folhas o seu corpo de deliciosas curvas.

Ah, que me esqueço: o rio, embora citadino, tinha saracuras para, com seus gritos, chamar a primavera. Seria simplesmente notado: eu moro no lado esquerdo do rio. Te espero, meu amor, na margem do rio. Além do mais, um rio gentil: margens de macia grama para os namorados e chorões para escondê-los.

No geral, eu disse, era um rio manso. Ah, se o enfurecem (fazer dele um

lago, um ponto de turismo, uma ilha, etc.) cobrindo a ponte preta inundava a cidade e os afogados seriam tantos que a cabeça dum boiaria sobre os pés do outro. Um rio não tem rancor, era de novo o bom rio, o rio das cobras, e Curitiba seria chamada a cidade na beira do rio.

DALTON TREVISAN

A MORTE DUM GORDO

(NOVELA)

DALTON TREVISAN

A MORTE DUM GORDO

e

O BÊCO

e

BOA NOITE, SENHOR

1954
CURITIBA

Antes do sol,

~~De manhã,~~ Raul pulava da cama, abrindo as janelas, recebendo o leiteiro na porta, de peito nu. Tossia, acendia a luz no quarto, acordando a mulher para que Ana, pela fumaça ~~vertical~~ da chaminé, anunciasse o dia de Raul.

Ele abria a porta para Michi, o gato. Assobiava para o pintassilgo, chamado Chico, ~~que ouvia, rodando a cabecinha negra, como bebendo água~~. Punha alpiste no cocho e mudava água da tigela, sujando o soa-

lho, que Ana enxugava cada manhã, de joelhos.

Deu tristeza no pintassilgo, jururú, fechando as rodinhas pretas dos olhos. Não podia ficar de pé no poleiro, tremendo, onde as patinhas não se agarravam. Arreou-se sobre uma asa, no cocho de alpiste. Raul fez um ninho de algodão e, como Ana ensinou, pôs um prego enferrujado na tijela dagua. O pintassilgo enterrava a cabecinha no cocho, beliscando com furia o alpiste, cuspia as cascas. Levou três dias, morrendo aos poucos, deitado sobre o próprio excremento, os seus piolhos vermelhos correndo sobre o bico. Raul cobria a gaiola de noite, com um chale de Ana e, sob o chale, ele

ele morreu por tua causa, Ana.

ouvia o bico do pintassilgo quebrando as cascas de alpiste.

Naquela tarde de verão, estava morto, a cabecinha dentro do cocho, com um grão de alpiste no bico: pôs o alpiste sobre a lingua e, antes de engulir, morreu. Raul abriu a portinha, assoprou-lhe no bico e sob o rabo: seco, frio, morto.

Raul olhou com raiva para Ana: O Chico, que ele amava, morria e não Ana. Ela vivia de cama, doente, Raul era um velho de tanto esperar a morte dela. Raul sentava-se diante do unico prato, na mesa, mastigando com a boca cheia: comia num prato fundo com a colher. De noite, quando Ana dormia gemendo, ele saltava descalço da cama, tirando a

comida fria do armário e comia de pé, no escuro, sem acender a luz.

Era verão e, naquela tarde, deu tristeza em Raul, como no pintassilgo. A sua boca se encheu de um gosto amargo. Com um olhar parado sobre as comidas, sem ver a coisa que lhe comia por dentro. No jantar, Raul teve uns arrotos, de fora para dentro, entre duas garfadas, que o fizeram dar cabeçadas no ar. Não podia esquecê-la, cada vez que mordia a tinha dentro da boca e demorava-se para engolir até perder o folego, lá estava ela, como uma lingua alheia na sua boca.

Raul caía sobre as pessoas com todo o seu peso. Os objetos lhe eram proporcionais: gordos, moles, para ser comidos. ~~O mundo se tornou~~

frágil a seu peso, as cadeiras estalavam quando ele sentava. Batia-se nas portas, a colher lhe escorregava das mãos, antes fortes e cabeludas. O seu corpo era uma caixa de sons: os borborigmos, sob a cueca xadrês saindo para fora da calça e a dôr de barriga, que o fazia correr com cuidado entre os móveis, para não bater a barriga.

Com a furia do pintassilgo que, morto, tinha um alpiste no bico, Raul baixava a cabeça sobre o prato, cheio de comida. Em moço, comia sem ruidos, não deixava Ana, que gostava de torradas, mastigá-las na sua frente. Agora comia com as mãos: o queixo sempre se babando, com um grão de arroz pendurado. Enchia a boca,

no gosto de comer: quem come não está morto.

Saía toda noite para a rua, com o seu chapéu branco de palha, arrastando os pés atrás das meninas. Só para as meninas Raul sorria. Tinha um bigode grisalho para esconder a boca sem dentes (quatro ou cinco podres, amarelos, soltos nas gengivas); e falava diante das mulheres com a mão na boca.

Raul era gentil com as filhas do vizinho, que espiava pela janela, atrás da cortina, quando corriam no jardim, gostava de vê-las dansando nas festinhas. Raul bebia, sentado entre os homens, a sua cerveja. Até a cerveja lhe fazia mal, tinha de se levantar durante a noite e, de manhã, o banheiro estava alagado.

Um bicho comia na cara de Raul: o bico ruminante (era um gosto ruim de quem chupa os buracos dos dentes), os olhos de boi fora da cara, os seus enormes olhos rubros, com uma lágrima prestes a pingar.

À noite, Raul com o seu chapéu branco na mão visitava os hospitais. Andava lentamente entre os corredores, ouvindo os gemidos atrás das portas, lendo os nomes dos doentes: este não sou eu, este não sou eu. Via correr pela luz debaixo das portas os pés de suas mortes.

O seu corpo, de que tanto cuidara, o traía: era o inimigo de Raul. Não era seu aquele corpo gigante, branco, mole de diarréias sangrentas. Raul acordava de olhos abertos no escuro, molhado de suor, imobiliza-

do dentro do alheio corpo. Preso sob a grossa casca de bicho, o suor lhe secava sob as axilas. Uma gota no umbigo, essa, não secava. Ana dormia, gemendo mesmo dormindo: para de gemer, mulher.

Raul falava com a gaiola do pintassilgo, sem o pintassilgo, quando Ana não estava olhando. Coçava agradecido as pulgas do seu corpo. No corpo a morte como um esquilo roía a sua noz madura. Ele avaliava com horror que a alimentava que nem um filho temporão no ventre: como uma toupeira em hibernação ela dormia no fundo dele. Nu, diante do espelho, Raul se olhava na barriga, falando ao corpo com voz aliciante. Coçava em furia com as unhas a ca-

beça e depois olhava, entre as unhas, os cabelos de sua morte.

Chegava bebado em casa, se olhando desde o espelho do corredor, repuxava a pele, deformando a boca, com olheiras no espelho: estou mais magro, este sou eu. Mostrava a lingua, magra filha da fome. Acendia a luz no quarto, não olhava para Ana, encolhida no seu canto. Ela tinha os olhos fechados, mas não dormia. Se se debruçava para ela via-lhe o tremor nas pálpebras; Ana não dormia até a volta de Raul para casa. Ele não podia desamarrar os cordões dos sapatos, deitava-se vestido sobre a cama, de sapatos. Antes de dormir, repelia as mãos que lhe tiravam os sapatos, esfregavam os pés frios (Ana é que os esfriava, ao tocá-los

com suas mãos descarnadas) e o cobriam. Raul dormia antes de saber se ela o beijava, como quando eram noivos.

Há que de anos ele não beijava Ana? Casou com Ana, obrigado pelos próprios pais, porque lhe fizera mal, quando servia como pagem na casa de Raul. ~~Ele a amava e fizera-lhe mal por toda a vida~~. Não a ensinou a ler, tudo o que sabia era por ele: era a sua obra gemendo ali na cama.

~~Ana o amara, fora ele o único homem na sua vida~~. A não ser que o beijo de Antenor... Ana o amava, ainda velha e nenhum sentimento era mais penoso a Raul. ~~Ele se encarniçava em extirpar-lhe o seu amor~~. Se Ana não o amasse ele po-

dia ser feliz. Ana o amava, como no primeiro dia, de fita no cabelo. Raul falava com ela sem olhá-la, para que Ana soubesse que não existia para ele. Não a via, simplesmente. Ela não existia, embora dormisse na mesma cama e comesse na mesma mesa. Era, para Raul, não mais que a vassoura no prego.

Raul não lhe matara o amor, nem a mudara no menor dos gestos: o resto de água no copo que ela bebia, o jeito dos dedos ao segurar o garfo, de sentar na ponta da cadeira, eu já vou me levantar, Ana dizia. A cada arroto de Raul, Ana lhe ergue os olhos, com susto: gritará com ela? Nunca descobriu que grita com ela não porque arrota, mas porque o olha quando ele arrota.

Raul mascava fumo e, quando Ana lhe falava, grunhia com a boca cheia e, sem responder, ia até uma janela para cuspir; sob todas as janelas da casa secava um negro rio de cuspo. Na sala, ele resfolegava com falta de ar, olhando as janelas com aflição. Ao sentar na mesa batia-se contra ela, fazendo tremer os talheres. O rumor de suas grossas bochechas cheias era de um pé andando na lama. Raul se sentia doente de fome. Cuspia o seu odio sobre a cabeça baixa de Ana: todos os médicos eram ladrões. Marcava hora nos consultórios, e os doutores não o ouviam, brincando distraídos com o lapis ou olhavam pela janela, dando-lhe as costas. Um deles lhe disse, com gotas de sangue no avental: seu

Raul, se o senhor soubesse o inferno que é minha vida... São uns charlatães, Ana, que te matam para te roubar, Ana.

Ana, não os doutores, era a sua doença: crucificara-se por ela, e não lhe reconhecia a paixão. Nunca tivera ocio para se contar este segredo: eu vou morrer um dia. E, numa tarde de verão, ao se olhar no espelho, Raul viu a sua morte lhe entrando pelos olhos. Não era justo, oh Senhor. Bradar na cara silenciosa de Ana: não é justo que me roube, você, a ladra de minha vida. Ana é que devia morrer no seu lugar, Raul se repetia: não é verdade, não vou morrer. Vou dormir e amanhã acordo, sem nenhum gosto na língua, sem manchas azues pelo corpo. Raul

amadurecia para ela como um caqui vermelho no galho.

Raul, ele rezava e, no meio da prece, chorava: vou me sentar nesta cadeira e, quando fizer o sinal da cruz, um milagre aconteceu: estou curado. ~~Fechava os olhos, nada~~.

Entrava, de chapéu na mão, num cemitério, qual de tantas cruzes era a sua? Não lia os nomes nos túmulos porque, se o fizesse, iria ler o nome de Raul em todos eles. ~~Ela lhe apertava o cerco, subrepticia como o cheiro da terra depois de uma chuva~~. Raul sempre amou o seu corpo, branco e liso, cheirava o seu odor nos pés, nas axilas, na cueca. Como trocar a sua morte pela de Ana, se Ana é que estava morrendo na cama?

Raul sonhava com a morte do pai, cego, num quarto escuro, sentado na sua cadeira de embalo, chorando de medo. Ele tateava o rosto de Raul com as duas mãos, pedindo que não o deixasse morrer, que acendesse a luz, para ele ver o rosto do filho. Raul, embora seu pai, deixara-o morrer; não fez um gesto para retê-lo: ele se derreteu como uma estátua de sal para o chão.

Ele saía de casa fechando a porta à chave — com Ana lá dentro. Da cidade ela só conhecia a rua de sua casa, saía de chale na cabeça para ir a missa ou se despedir dos parentes mortos. Desde que engravidara do primeiro filho, Raul não saíu mais com ela, porque tinha vergonha de Ana. Fechava-a dentro da casa, de

vergonha porque era feia e velha, de roupão até de noite, descabelada. Raul, que era rico, lhe dissera que eram pobres e Ana, gulosa por queijo, nunca mais comprara queijo. Quando Raul lhe trazia um pedaço, ela, com seus grandes olhos assustados, perguntava se não estavam gastando demais. Você é tão burra, Ana, ele lhe dizia. ~~Ana não entendia porque a chamava de burra, se eram pobres.~~ Para ajudar, nos gastos, Ana fazia em casa geléia de peras e gengibirra para as visitas;

Quando Ana pedia dinheiro, Raul nunca dava: atirava o dinheiro sobre a mesa ou no chão. Ana costurou um tempo para fora, depois que casou ela fez os seus vestidos. Os vestidos fora de moda, que eram tristes

de ver e, para as suas visitas, usava ainda os sapatos brancos do dia do casamento. Não se pintava, a não ser com papel de seda, como quando era criança e Raul lhe gritava se não tinha vergonha, quando a via com as faces coradas de papel encarnado. Os cabelos que, em moça, usara em duas tranças até a cintura, cortara e usava lisos, presos numa peruca.

Raul, ao atirar o dinheiro, a acusava de esquecer a luz acesa, de não somar as contas do caderno, de não contar os pães. Punha o chapéu e saía como todas as noites, mesmo com chuva. Ana chorava que tinha medo de ficar só na velha casa, porque tinha medo do escuro. Ela sentava na cozinha, sentindo os passos dos ladrões na areia do jardim, pu-

xando nos trincos das portas para entrar. Ana acendia todas as luzes da casa, corria de um quarto para outro, e os ladrões corriam por fora da casa. Ele gritava que Ana podia ir para casa da mãe dela e gritou anos depois da morte da mãe de Ana. Se Ana não o deixasse em paz, uma noite ele saía para não voltar. Ana chorava: vá chorar na casa de tua mãe.

Chegava de madrugada, bebado e se deitava vestido, com a luz acesa por Ana, para atormentá-lo. Uma noite, voltou de olho preto, com arranhões pela cara, a carne cheirosa de pó de arroz, a camisa manchada de batão. Onde ele iria todas as noites, com chuva e trovoadas? À casa de suas amantes? O prazer de Raul

não era a amante, era de ouvi-la perguntar: onde é que você vai? sem que ele respondesse. Aparecia, misterioso, com um cravo na lapela que, depois de murcho, escondia com outros, numa gaveta fechada à chave.

Na casa silenciosa, Raul ouvia um soluço afogado entre as paredes. Era como se Ana chorasse com a mão na boca, mordendo o choro na boca. Punha-se à escuta, virando o grosso pescoço vermelho: nunca soube se era Ana.

Eram só os dois na enorme casa velha. Velhos, eles também, não recebiam visita, nem dos filhos, com os quais Raul brigara: quando entravam na casa dos pais era para contar as xícaras no armário, para dividí-las quando Raul morresse. Ana fa-

zia o serviço da casa, Raul ~~mexia na horta~~, juntava as folhas secas no jardim, ouvindo os risos das moças, no outro lado do muro. Subia no muro, oferecia peras maduras para as moças. Sabia do olhar de Ana, vigiando-o por trás da cortina. Em vez de afastar-se da cortina para Raul não descobrí-la, Ana se encostava nela, e Raul, ainda de longe, via a cortina crispada pela mão da Ana. A mãe dela lhe dissera, em criança, que pera dava tifo e Ana não comeu mais pera.

Raul irrompia aos gritos pela casa: o que está me espiando, oh mulher impossivel? De costas para ele, Ana não dizia nada, com a mão crispada na cortina. Raul gritava até ela di-

zer que molhava as violetas na janela e sem nenhum regador na mão.

Raul não falava com Ana durante dias e semanas, meses talvez. Sem falar, fazia um gesto de por a mão na cabeça, onde está o meu chapéu branco? Olhar para a porta, abra a porta para o Michi entrar. Uma cara de ódio: cala a boca, mulher.

Ana o adorava, Raul eram os seus olhos, a sua lingua. Se deixasse de amá-lo, Ana morria, de infeliz. Se Raul a olhasse quando fazia tricot, Ana errava o ponto. Ouvindo o ranger dos seus passos na areia, Ana tinha de enxugar na saia o suor das mãos, ou sentia cólicas, correndo para o banheiro. Nunca pudera dar de mamar aos filhos diante de Raul, ele lhe secava o leite nos seios.

Ana se queixou dos seus pés sujos de lama, que ele não limpava na porta e Raul espalhou um caixão de cinza por toda a casa. Quando estava em casa, não queria a porta do banheiro fechada. Uma vez que Ana se fechou ele deu pontapés na porta, escutando o silêncio de Ana no outro lado. Ana se escondia no fundo do quintal, atrás duma trepadeira de chuchu, para enterrar a sua sujeira com a de Michi, o gato.

— Você não quer bife, Raul? Tire, está bom.

— Não quero.

— Antes você gostava de bife...

— Não é que não goste de bife; gosto de bife. Agora não quero bife.

— Está bem molinho. Eu fiz para

você. Só um pedacinho. . . Eu ponho no teu prato, quer?

— Engula você, mulher!

Desde o dia de casados, Ana não aprendeu a não oferecer os pratos a Raul. Ainda não sabe se ele gosta de pimentão ou não.

— Você quer pimentão, Raul?

— . . . .

— Você não quer um pedacinho?

— A senhora sabe que o pimentão me faz mal, me enche de gases, oh mulher.

Trata-a de senhora, quando briga com ela. Se Ana lhe oferece um prato, não responde, porque ela sabe que Raul não deve comer demais, quer matá-lo de tanto comer.

Se Ana não lhe oferece um prato, pensa: quer que eu morra de fome.

Sabe que tenho duas bocas para alimentar. Quando Ana tinha os seus achaques, ele dormia de costas para ela. Chegava da rua lavando as mãos com alcool, Ana sabia que vinha de uma casa de mulheres. Foi lá que aconteceu: Raul não podia mais ir para cama com elas. Dizia que era da cerveja; como ele não tinha bebido, sabia que não era. Na cama, Raul era um velho. A velhice era isso: não ser mais respeitado. Elas riam-se dele, que pagava as bebidas, sentado na sua mesa, enquanto os homens saíam com as mulheres para os quartos. Ana lhe servia o café frio, as crianças na rua não tinham medo dele. Se erguesse o guardachuva elas lhe atiariam pedras... Perdia as forças pa-

ra calçar as meias, para trepar no muro, espiando as filhas do vizinho.

Todas as mulheres tinham um segredo contra ele. Só ele não sabia o que escondiam seus risos, quando passava, rindo para elas, com a mão na boca. Elas — Ana entre elas — riam-se do beijo que Antenor roubara de Ana...

Como um cão doente que vomita e depois lambe o seu vomito, um arroto lhe devolvia o gosto azedo, que Raul não podia engolir, ruminando o arroto. Esquecia de abotoar a vista da calça, não podia dar o laço no cordão dos sapatos. Não podia ler os necrológios no jornal sem os óculos, trocava os nomes das pessoas, esquecia-se das coisas, tinha de escrever: comer amendoim, escrever a prof.

Teresa (ela lhe enviará, gratis, um presente consolador maravilhoso), não fumar mais que 15 cigarros por dia, etc.

Não tirava os olhos do espelho no guarda-roupa quando se despia para dormir, vendo o seu corpo, ~~com os olhos tremendo~~ você, Raul, é um velho. Sentia o olhar zombeteiro de Ana, nas suas partes pudendas. Olhava-a, ~~de soslaio~~, Ana rezava, a cabeça entre as mãos. Estou morto para ela, estou morto para todos. Não estou morto ainda: a filha do vizinho lhe atirou um beijo sobre o muro em troca de uma pera.

Raul não tinha o prazer de toda a sua vida: o choro de Ana. Ele corria a casa, abrindo os armários, erguendo a tampa da lata de lixo, enquanto Ana tremia, com os olhos ar-

regalados para o tricot, de mãos paradas no ar. Até que Raul chegava aos berros, por causa de uma pera na lata de lixo. Ana punha as duas mãos contra o rosto. Olhe para mim, Ana. Se você não me olhar, eu não sei o que faço. Ana tinha de olhar para ele, como o seu príncipe da história que, quando abria a boca, um sapo falava por ele. Se Ana o olhasse, com a mão na boca para não gritar, nada acontecia. Uma vez Ana não olhou, para não ver o sapo na sua boca. Raul a deixou caída no chão. Entrava aos brados pela porta, ~~a boca cheia de sapos.~~ Ana sem tirar as mãos do rosto, abria os dedos e, com um olho só, olhava para Raul. O olho seco, entre as unhas roxas de Ana, não piscava uma vez.

Raul podia fazê-la chorar, era o tempo de secar as lágrimas. Ana se escondia dele, na escuridão do quarto, onde não podia vê-la, sob as cobertas e com um lenço enrolado na testa, atrás de uma dor de cabeça. De noite, na cama, tinha-o à sua mercê, de pijama aberto no peito, deitado a seu lado. Ana contava sempre a mesma história, era uma história em que Raul dormia antes do fim.

Cada noite, Raul chegava em casa mais cedo, cansado de olhar vitrinas, de correr atrás das negrinhas, de entrar nos bares, um copo o deixava tonto, de pés frios. Sentava num banco de praça, para se distrair da morte, pensando em por dentadura, usar remédio contra a calvície, com-

prar as pílulas virilizantes do anúncio. Entre a gente esperando o bonde, ele de olhos baixos, no meio de todos. A noite era fria, tinha as mãos no bolso. A praça se esvaziava de gente e Raul ainda no seu banco, de olhos abertos como a estátua da praça deserta.

Antes de voltar para casa, de tarde, entrava nas igrejas e se ajoelhava, estalando o banco, seguindo as cenas da Paixão nas paredes. Raul enterrava, de noite, despachos pelos campos. Copiava as cartas das cadeias de fortuna, caprichando na sua letra gorda. Tinha fé nos anúncios de cartomantes: escreveu para a prof. Tereza que lhe enviaria, grátis, um presente consolador maravilhoso. Queria fazer passes em Ana. Pra-

guejava sobre os formigueiros e, no dia seguinte, as formigas tinham comido todas as folhas das roseiras.

Ana, proibida de pisar na porta de uma igreja, pôde voltar às suas novenas. Com seu chale preto na cabeça era a sua viuva, Raul não fazia nenhum gesto no portão, enquanto a via cruzar a rua, com medo dos autos. Ana lia as palavras na sua boca fechada: reze por mim, Ana.

Raul fugia ao olhar dos outros que o refletiam: era ele aquele? Ele era uma coisa mole e branca e umida como uma mãe dágua morta. A cabeça lhe rolava, prestes a se quebrar no pescoço: era ela. Encostava-se nas paredes, derrubava o chapéu no chão, um rio de suor lhe descia das axilas: ainda não foi, não desta vez.

Perfumava-se depois do banho e sentia as pessoas a seu lado cheirando, sentindo-lhe o mau odor: eu cheiro a meu excremento.

Fazia contas de quantos dias tinha de vida, dividindo o seu número de dias pelo dinheiro no banco. Podia gastar por dia... Ah, se pudesse multiplicar os seus dias como os pães de Cristo. Sentava-se na mesa, sobre ela um papel cheio de números, enquanto o seu rosto se cobria de suor. Enchia novo papel de cálculos, o rosto pingando. As gotas lhe corriam pela cara, até ele sentir o sal nos lábios; com o lenço xadrês, ~~da mesma fazenda que a cueca,~~ as enxugava.

O gosto na boca não era de tanto contar os dias? Não podia mandar

Ana contá-los, ela não sabia contar senão os dedos da mão.

Diante das casas funerárias, Raul fugia com os olhos, para não ver as pompas roxas, os caixões em tamanhos de 10 em 10 cms.: todos os caixões do seu tamanho. Uns mortos encolhem como um pessego murcho ao redor do caroço. Outros incham de gases e, no verão, se não os enterram fundos, a barriga se abre com um estouro. Raul apertava a sua barriga, gemendo, como um cachorrinho arranhando na porta.

Via a própria morte: duas moedas sobre as pálpebras, para fechá-las. Oh Senhor, só duas moedas...

Raul seria enterrado no mesmo dia, para não cheirar? Com que flores Ana vestiria o seu corpo, ela

queimaria, sob o caixão, para esconder das visitas o odor de Raul, incenso ou alfazema? Raul não queria flores dentro de casa, porque mofadas elas cheiravam a defunto na sua catinga de cachorro.

Raul chorava de medo da coisa, de noite na cama, com a cara virada para a parede. Chorava a sua morte, quando ela viesse. Ao olhar para trás não tinha a que se agarrar, como a mão dum afogado na água. Raul se dizia: eu devo me alegrar, eu tinha uma razão para estar alegre, qual era? Ah, a morte de Antenor, no jornal. E se alegrava, até ver as manchas pretas no seu corpo.

Para Punha, olhando as meninas, a mão na boca, mexia os dentes podres e moles: cheirava a mão, ela fedia.

Podre como se uma varejeira azul tivesse botado suas larvas dentro dele, enquanto Raul dormia e limpava o nariz com o dedo, esfregando o muco no tricot de Ana.

Quando entrava em casa, pendurando o chapéu branco no cabide (se caía, não tinha força de juntá-lo), via que Ana fazia silêncio. Com quem Ana cochichava? Ela falava sozinha com suas agulhas de tricot, com suas violetas na janela: falava dele, a inimiga. Depois do almoço, Raul fingia dormir na cadeira e ouvia o cochicho de Ana entre as roseiras, não podia entender e, com sono, arrotando, dormia. Sonhava que era viuvo, entrando no cemitério para levar flores a Ana, rodeado das filhas do vizinho que, na beira do túmulo,

punham a língua para ele chorando de tristeza.

Ana não podia sair de casa. Ele não proibia, mas a atormentava, na sua volta: mulher imprestavel, o leite coalhou, a carne queimou, o fogo apagou. Espionava os gestos de Ana pela casa, mesmo ele ausente, pela terra molhada ou seca nos vasos de violetas, pelas cascas de alpiste varridas ou não sob a gaiola de Chico, o fio gasto nos novelos, etc. Para ela não sair de casa, Raul é que lhe comprara o roupão vermelho, um vestido de veludo de segunda mão, de que a defunta era maior que Ana. Às vezes, deixava a porta aberta: Ana, veja, eu deixo a porta aberta... para ver se ela fugia com Antenor.

Raul se desesperava porque ela não aprendia: ele punha o chapéu na cabeça, sem dizer-lhe adeus. Não a cumprimentava, no seu aniversário, embora Ana, a boba pensando que esquecera, lembrasse a Raul o dia: um dia igual aos outros, ele dizia, com as mãos no bolso. No aniversário dele, Ana fazia bolos, gastava as suas economias da venda de trabalhos de tricot em manteiga e ovos, enfeitando a casa de flores (você é uma infeliz, Ana, não quero flores dentro da casa, elas dão tísica, Ana). Esperava-o, sentada na ponta da mesa, com todos os bolos inteiros, com a caixa de fósforos na mão direita, para acender as velinhas. Raul festejava fora, com os amigos. Não comia nos dias seguintes nenhuma fa-

tia de bolo, embora gostasse de bolos, Ana sabia. Não aceito agrado de mulher, Ana, mulher que agrada quer dinheiro. Raul guardava a lata de formicida sobre o armário da cozinha, para que estivesse sempre diante dos olhos de Ana.

Nos primeiros tempos, quando Raul saía, ela corria para o jardim, se debruçando no portão, esperando que ele se voltasse, na esquina, ~~para dar-lhe adeus~~. Raul nunca se voltou, para dar-lhe adeus. Durante meses, Ana esperou que ele a visse no portão, de fita verde no cabelo.

Ana não aprendia: um dia enfeitava os cabelos com seu laço de fita, esperando-o no portão. Mulher no portão não é mulher séria, Ana. Raul, você não se lembra de quando

me achava bonita, com um laço azul em cada trança. Naquele tempo, Ana, você tinha tranças... Eu não queria cortar minhas tranças, eu cortei porque você me mandou, Raul. Mulher burra que você é, Ana. Não aprende nada: não sabe ler (aos gritos a ensinou a desenhar o nome ANA, com um rabinho na perna), não sabe fazer contas, não sabe comprar um sapato. Ana, mordendo os dedos, com a cara entre as mãos, seguia-o, entre os dedos abertos, com um olho só.

Eram casados há mais de dez anos, quando ela contou, sem pensar: no dia do nosso casamento, Raul, o teu irmão Antenor me deu um beijo. Na boca, Ana? Credo, Raul, no rosto, desse lado. Raul a fazia contar todas

as noites a história do beijo. Ana, está pensando no beijo do Antenor? Confesse, Ana, que ele te beijou na boca. Você com o meu próprio irmão, no dia do meu casamento... até Ana sair gritando do quarto, com as mãos na cabeça, se escondendo dele ~~no fundo do quintal,~~ atrás da trepadeira de chuchu.

Ana não tirava os olhos do relógio na parede. O relógio era o olhar de Raul que a seguia por onde fosse. Ele entrava na cozinha, de chapéu na cabeça: a comida está pronta? Ana punha os pratos sobre a mesa arrumada. Raul não tirava o chapéu, saía, sem dizer adeus. Voltava uma hora depois: a comida está pronta, Ana?

Ana tinha sempre um relógio no bolso do roupão: era um relógio velho, que Raul lhe dera, porque não trabalhava mais, com um ponteiro só. Ana tirava o relógio do bolso e fingia ver as horas, correndo para o fogão.

Se Raul deixava a porta aberta, corria até a casa dum vizinho, para brincar com a sua criancinha de colo, que de tanto beijá-la a criança a arranhava, chorando, os vizinhos a tiravam de Ana. Chegava aterrorizada, com as mãos no ouvido dos gritos da criança. Ana falava para o espelho, enfeitava os cabelos com cascas de laranja e fitas, chorava em silêncio, sem fazer barulho para Raul não ouvir. Bordava roupinhas de criança, ela que não tinha nenhuma

com um fio de cabelo

boneca na casa. No fundo do quintal, Raul achava latinhas e flores arrumadas, com as quais Ana brincava de casinha.

Os filhos a visitavam, de passagem pela cidade, na ausência de Raul. Ele, cheirando o ar, achava os restos de cinza no cinzeiro, ~~embora lavado~~, o barro dos sapatos na areia do jardim, o laço de fita ~~usada~~ na gaveta de Ana. Ela contara das bebedeiras, dos retratos de outras mulheres, do dinheiro jogado na cara, para armá-los contra ele? Mentia da sujeira que Raul fazia com o pintassilgo (que Ana chamava de pintassilva), do caixão de cinza espalhado pela casa para ela limpar, exibia os esconderijos de Raul: o dinheiro dentro do chapéu branco, peras verdes

para as suas meninas madurando nas gavetas, a lata de formicida sobre o armário... Aos sábados, comprava sete sonhos que escondia na gaveta das meias, comendo um cada dia. Fôra visto passeando, de mão dada, com uma mulher, na rua do cemitério. Outra vez, na porta dum quarto na maternidade, se abanando o carão vermelho com seu lenço xadrês. Me deixe em paz, Ana... Porque não vai para a casa de tua mãe?

Onde está minha meia daqui? a minha camisa de seda? Raul lavava as suas próprias meias, Ana as daria como seu presente de aniversário a Antenor. O homem está morto há anos, Raul... Ah, se ele fosse vivo, você daria minhas meias de presente a ele?

Raul chupava a colher de sopa. A cada chupão esperava que Ana fosse gritar. Fui eu que a fiz como ela é. Olhou-a, sobre a colher de sopa esfriando no ar: é a minha obra, mais que meus filhos. Está com uma cara feia de bicho — não a quis diferente. Até surda, de tantos gritos de Raul. Via as pregas da pele se desenhando como uma teia de aranha na cara de Ana. Ela está se acabando. Os filhos não vêm, eu é que sei. Se queixa para mim, todas as noites, não me deixa dormir.

— No dia em que eu estiver morta, aí é tarde, Raul...

A mão de Raul se erguia sobre pratos, talheres num gesto da Santa Ceia ali na parede, com a sua mão

coberta de rugas (de judiar de rãs em criança, Ana sabia):

— Cala a tua boca, mulher infeliz.

Era que as moscas o atormentavam, sentiam-lhe o mau cheiro. Ele punha as duas mãos sobre a cara e gemia, com os cotovelos na mesa, debaixo delas.

— Como eu sinto frio, Raul. Não sei se é do frio ou de tanta dôr... Quer me trazer um copo dágua?

— Você não terá herança de mim, Ana. Você gasta tudo em remédio...

Pedia a Ana para contar-lhe a história da morte de Antenor, que pulava entre as galinhas, se acocorando com elas comia terra e fazia pipi. Queria beber no urinol, se a mulher não o cuidasse. Bebeu creolina, an-

tes de morrer. Raul perguntava: ele fez isso, Ana? ele chegou a esse ponto, Ana? Ele sentia o gosto do teu beijo, Ana?

— Você andou mexendo nos meus bolsos, Ana. Você me tirou dinheiro do chapéu.

— Tirei, para pagar o padeiro.

— Não tinha dinheiro em casa?

— Tinha, mas gastei. Paguei o leiteiro ontem.

— Quem não tem dinheiro não tira do bolso alheio.

— Não sou ladra, depois de velha.

— Oh, mulher infeliz.

— Pegue o teu dinheiro, pegue.

— Não me provoque, eu rasgo este dinheiro na tua cara.

— Não sou ladra.

Raul rasgou a nota e jogou na cara de Ana os pedacinhos. Atrás da porta, Raul via Ana que se ajoelhou para juntá-los.

Ana gemendo na cama, de noite, com a face voltada para ele, porque sentia o halito da doença.

— Você não pode parar de gemer, Ana?

— Sinto uma dôr, ela dizia.

— Quer que chame alguem?

— Não, já passa.

Raul, antes de dormir, ouviu: queria que você passasse a mão nos meus cabelos, e dormiu.

Ele tinha o mesmo sonho, todas as noites: criança, entrou no quarto do pai, que não o via, porque estava cego. O pai chama-o com a mão de dedos abertos para ele. Raul, para

não vê-lo, se escondia atrás da cadeira do cego, que olhava a porta, como se Raul fosse entrar por ela. O pai estava morrendo, Raul tinha medo dele e mostrava-lhe a lingua pelas costas, que não o via e chamava docemente de meu filho. Tocava-o com a ponta dos dedos e Raul sentia a morte entrar-lhe no corpo. Queria gritar e acordava, ouvindo, não o seu grito, o gemido de Ana.

Raul vomitou, pela primeira vez. Lavava o rosto pela manhã na pia e, com areia dentro dos olhos, abriu a boca: um jato de vômito azedo lhe encheu as mãos. Esfregou por todo o rosto o seu vômito. Sentou numa cadeira, Ana, me acuda. Ouvia os ruidos da manhã na casa: pios de pardais, ratos no forro, os corvos no

telhado. Uma indisposição, pensou, o pepino que comi ontem.

Não era mais um homem, era uma boca suja. Tremia tanto, enrolado nos cobertores na cadeira, que Ana ouvia na cozinha o tremor da cadeira. Com os olhos vermelhos atrás de uma bacia para vomitar: em cada quarto da casa tinha uma bacia. Ana ouvia as suas ânsias e o achava, os cabelos colados de suor na testa, com a bacia sobre os joelhos. Ele não tinha tempo de chegar ao banheiro: uma golfada lhe saía da boca espirrando a parede e os móveis.

Era tempo de matar o porco. Raul, sentado diante da janela, ouvia, entre os gritos das crianças, o berro humano do porco pendurado de cabeça para baixo. Raul se via

de cabeça para baixo, ele, o porco. Perdido como o porco, os dedos tateantes dum cego achavam o seu coração para a ponta da faca. Era Raul que estava ali pendurado, bramindo sobre os telhados, entre o grito alegre das crianças: elas viam matar o porco. Em Raul um instinto de uivar. De erguer os olhos para o céu e uivar, como o porco. Ele se via, numa poça de sangue, com as mãos e pés amarrados, rodeado de crianças que molhavam os dedos no seu sangue pelo chão.

Raul mandou Ana chamar o médico. Gritou do quarto para Ana, porque ela não voltava. O doutor olhou para ele e para Ana, do outro lado da cama, como a dizer minha pobre viuva. Raul queria saber o

que havia com ele, aquele gosto na boca. Olhava as suas mãos que tremiam, sem poder pará-las de tremer. O doutor sorriu: não é nada, uma pequena indisposição. Pediu álcool para Ana e esfregou as mãos, diante de Raul. Eu me sinto mal, doutor. Ainda tinha pudor de se confessar: eu vou morrer, doutor. Me salve, doutor, que eu o faço rico. Com esta medicação o senhor se sentirá outro homem. Ana com o seu rosário de contas negras rezou, mais de uma hora, de joelhos ao pé da cama: reza por mim, que estou morto? No dia seguinte, era outro homem, abrindo as janelas, cortando os calos do pé com a navalha e assoando o nariz: na janela tapava uma narina com um dedo e soprava forte pela outra.

O quarto todo escuro, Ana gemia como uma barata subindo pela parede. Não queria médico, com medo de gastar o que não podiam, pedia a Raul que a deixasse gemendo no quarto de janelas fechadas. Ao seu médico, depois de ser auscultado na sala (quantas pulsações, doutor? O seu coração é de um moço, seu Raul) ele pediu: doutor, o senhor podia ver minha mulher que está de cama?

Após o exame (Ana não quer saber de médico, ela está aí que não me deixa mentir), o doutor disse a Raul: a sua senhora está muito mal, preste-lhe o conforto moral que puder. Chamou outro médico, para conferência, ele pediu exames, olhou para Raul como quem diz meu pobre viuvo. Ela se acabou aos poucos, dou-

tor, eu é que sei. Eu sempre dizia: deixe o fogão, não lave a roupa, se matando no serviço, ela está aí que não me deixa mentir...

Raul pensava: não tenho mais nada. Vendo Ana que morria, perdeu-lhe o ódio, já morta para ele: estendida sobre a cama, se afundando para baixo, se chegando para baixo da terra. Com a boca aberta, sem abrir os olhos, um soluço na garganta. De repente, ela fechava a boca, quieta. Raul se debruçava na cama, chamava Ana, Ana, o soluço se repetia.

Raul, na cozinha, contava as xícaras de porcelana no armário, para dividí-las entre as filhas do vizinho. A uma daria a colcha de tricot, a outra — a mais moça — o vestido de veludo.

Via a sua própria morte na morte de Ana: os vizinhos chegando na ponta dos pés, com grãos de risos nos lábios mundanos. Parados na porta, vendo a mulher morrendo e pensando a mulher está morrendo, é ela, não sou eu. Telegrafou aos filhos: venham, sua mãe muito mal. Veiu o padre, Raul não se opôs; Ana recebeu a extrema unção, abriu espantada os olhos: de que paisagens vinham cheios? Ana se ergueu sozinha na cama, se viu no espelho do guarda-roupa, deu um grito feio. Ela se viu no espelho, cochichavam. Raul sabia: Ana gritava de ver Raul entre ela e o espelho.

Depois, não abriu mais os olhos. Variava, rolando a cabeça no travesseiro, molhado de suor, de olhos fe-

chados para não ver quem estava no quarto. Forcejava a mão sob as cobertas: Raul sabia (sabiam os filhos?) que buscava o seu relógio, para que Raul não gritasse, por não ter acendido o fogo. Agitava as pontas tortas dos dedos, que depois mordia: batia roupa, lavava o soalho. Não o olhava, não podiam com tantas despesas.

Raul seguia o lento costurar da morte, queria desviar os olhos e, tremendo, seguia o seu preguiçoso fiar. Ana não conheceu os filhos, no dia seguinte, chorando deitados na cama, ao lado de Ana que morria e, com as mãos no rosto, saíam do quarto, sem olhar para Raul. Ele ~~era prático~~ não tinha lágrimas, lavando ~~os braços e os pés~~ as mãos de Ana com um pano

úmido. De novo, o silêncio na garganta do nadador que se afunda, em que o gritador perde o fôlego. Ele tinha as duas mãos na cama, chamava Ana, Ana, punha o espelho diante da boca fechada. Ana soluçava, abrindo a boca: ele molhava um algodão na água e pingava-lhe dentro da boca, gota por gota, até ela se engasgar. A caveira rebentava sob a pele repuxada de dor, a boca negra chupando todo o ar no quarto.

Raul não dormia, senão poucas horas e dormindo sonhava que era ele, Raul, se afogando ali na cama, se vendo no espelho do guarda-roupa. Estava ali olhando a sua morte, que morria antes do que ele, até que, acordando, um gosto co-

nhecido na boca lhe dizia: estou aqui, sou eu, querido .

Ana se acabou, o soluço se enchia de longas pausas, as pálpebras, ~~pregadas~~ como as janelas da casa, não se abriam, ~~— em que olhos moravam?~~ De alto a baixo de todos os espelhos pendiam negros panos e se os erguesse, o que veria Raul no espelho?

Os olhos abertos, os brancos dentes dos mortos, a boca aberta: aberta ela, Ana, à entrada de sua própria morte.

Os olhos se abriam e Ana, depois de morta, chorava.

Ao mexê-la, ela roncou pela boca. Era o nome de Raul na boca de Ana...

Escolheu para Ana um vestido preto, um par de sapatos novos, os sapatos mais caros que comprou para ela. Encomendou enterro de terceira, não eram ricos. Ajudou a lavar-lhe os pés com álcool, tocando-lhe as partes de que Ana não tinha mais vergonha, limpou nos lábios o beijo de Antenor. Ao vê-la morta descobria os cabelos brancos na cabeça de Ana.

Como era verão, espalhava-se um odor penetrante na sala: os cravos ou a morta? Via-a morta, chorava diante do cadáver de Ana: não era por ela que chorava. Espantava ao pé do caixão as moscas, ~~que, elas, queriam o beijo~~ de Ana. Raul agradecia os pêsames, falando em voz alta, por-

eram quatro moscas que roubaram o beijo

que tinha medo de Ana, ela que estava ali não o deixava mentir.

O enterro saíu. Raul ficou só, com todos os quartos vazios na casa, fechando as janelas e as portas — o monte de ciscos no canto com a vassoura encostada. Tinha pressa de fazer as suas contas. Ele esperaria o padeiro, atrás da vidraça, para contar os pães. ~~Fechava as portas e as janelas com as trancas de ferro~~. Michi miava para entrar, Raul não abriu a porta, porque ela entraria com o gato.

Na casa, o rumor longínquo do silêncio, como o canto dum grilo invisível. No quarto, a cama, com os dois travesseiros e no travesseiro de Ana o buraco de sua cabeça.

Raul ouviu o rangido do portão de ferro, os seus passos na areia, que vinha buscá-lo. Esvaziou a gaveta de Ana: entre os seus papéis amarelos, umas prendas antigas, medalhas, santinhos da primeira comunhão, as cartas de Raul no tempo de noivado, um cacho das suas tranças, ainda negras, ainda com sua fita azul, ainda negras!

Raul se coçou, com medo de se despir para olhar sob a roupa: ele trazia, no seu corpo, as pulgas da morta.

Como um tênue cair (o sopro do cravo que cai no chão, se partindo em pétalas) ele ouvia o bater de outro coração no seu ventre: o coração de sua morte. Ela o lambia com sua língua — como uma mosca com sua tromba.

Quando Raul achou o relógio no bolso do roupão vermelho, ouviu as asas do pintassilgo e cobriu os olhos com as mãos. Era tarde: não tinha olhos. Não ouvia uma segunda respiração no quarto? Raul vomitou sobre a cama e se deitou, sem ver, sobre o vômito: ele a fechara dentro da casa sozinha com ele. As moscas lhe comem na boca sem que as espante.

Fim.

O BÊCO

Há uma luz no bêco, da janela no quarto de Joana. Eu, debaixo dela, o Tiberio podia me ver. Tinha luar, eu me deitei de costas na sombra do muro, Joana comeu a minha língua dentro de sua boca.

— Não! não faça isso. Não quero!

— Porque, Joana?

Penteava os meus cabelos molhando a ponta dos dedos para penteá-los.

— Tem estrela no céu.

— Ué, bobo, nunca viu?

— Deixe ver a lua dentro dos teus olhos, Joana.

Eram duas luas, então, uma em cada olho.

— Você dorme só no quarto?

— Com meus irmãos.

— Dorme de camisola?

— Pra que ele quer saber?

— Dorme sem nada?

Quando saltava a janela para o bêco ela vinha nua debaixo do vestido.

— Você comia a meleca do meu nariz?

Ela tinha o dedo no nariz.

— Comia, sim. Diga: dorme sem nada?

— Credo! durmo com um vestido velho.

Me levou pela mão para longe do muro, coçando a perna da mordida de uma formiga.

— Venha ver uma coisa.

— Não, aqui não.

— Bobo.

Tirou o seio do vestido como um peixe de dentro do rio.

— Ih! cada zolho...

O beicinho tremia:

— Beije aqui.

Não lhe beijei o pé descalço: era um pé tão sujo.

Rondei o bêco, até que viu os meus olhos no muro. Um clarão da porta aberta da cozinha, o Tiberio saiu na porta, eu me deitei na sombra. Ele via Joana, mas não me via.

— O que está fazendo aí, menina?

— Nada, papai.

— ...

— Eu estou vendo o luar, credo!

— Recolha-se.

Tossiu, jogando o cigarro na raiz da pereira, entrou, deixando a porta aberta. Juntei o cigarro, antes que apagasse e saí fumando como um ladrão de peras.

Esperei na chuva, sob o poste da esquina. Eu via a janela fechada, chamando-a baixinho de alma de cobra, até que ela se abriu, uma hora depois.

— Fumou ontem à noite, anjo?

— Não.

— Jura?

— Juro.

— Hoje?

— Fumei, uma vez.

— Quando, anjo?

— De tarde, depois que te vi.
— Em que lugar?
— No meu quarto.
— Fechou a janela?
— Não, só a vidraça.
— E a porta?
— Claro.
— O sol batia na cama?
— Sim.
— Tirou o sapatinho, amor?
— Claro.
— Pensou em quem?
— Em você.
— Onde?
— No meu quarto.
— De dia ou de noite?
— De noite.
— Entrei por onde?
— Pela janela da cozinha.
— Teus pais?

— No cinema.

— As crianças?

— Dormindo.

Riu-se um pouco na porta e veiu, era na escura capela da igreja. Eu, a cara medonha, gritei que ela me traía. Fôra a uma sortista: o seboso valete de paus era o outro, com quem me traía.

— São falatórios, João.

Quando ela dizia João eu podia comer a sujeira do seu nariz.

— Que bom se eu pudesse morrer por você, João.

— Você foge comigo, anjo?

Com a cabeça baixa fez que sim, que sim, entre o sinal da cruz, porque o padre estava olhando para nós.

Não vinha na janela, ora, proibição do Tiberio, ora as costuras ou os

irmãos menores, de que lavava os pés e cantava para eles dormir. Em vez de ir-me embora, eu olhava a janela fechada.

Por uma semana ela não apareceu. Se ela morresse eu subia de joelhos os degráus da igreja. Na rua, Joana não me viu, fez que não me viu. Enfiei uma agulha no retrato que ela me deu, o sangue pingou de minha mão. Uma noite, Joana estava na janela, parecia triste e só.

— Naquele lugar, João — disse ela, apontando o cigarro caído, com a brasinha apagando — naquele lugar você atirou um cigarro da última vez que falamos.

— Quando, anjo?

— No mês de janeiro... dia 22.

— Mas caíu no mesmo lugar? — disse eu, apontando o cigarro.

— Sim. No dia seguinte você não veiu. À noite, para matar saudade de você eu olhava o cigarro caído.

— Ele ficou tempo?

— Ficou uns sete dias, acho. Uma noite choveu, a água o levou. Eu fiquei triste: era você indo-se embora.

A sombra do poste na janela era uma cabeça de mulher, o vento chama o nome de Joana no bêco. Eu a vi como uma flor branca de chuva se abrindo na janela. Corria para ela, a sombra do poste. Bater na porta, acordar de seu sono o Tiberio, xingar de carniça a Ursula. Viu-me sob o poste, como um relógio de sol. Tinha um sorriso que me matava,

xinguei-a de alma de cobra, carniça. Dormiu, não é?

— Não dormi, fiquei com medo.

— De que?

— Do meu pai.

Ela ria, a ingrata, com uma casca de feijão no dente.

— E' o fim. Eu brigo com você, se não for no meu quarto, de noite. Se for, creio no teu amor e ficamos noivos. Se não... você morreu para mim.

De olhos um pouco tristes, sem sorrir, era falsa até na côr dos olhos: de dia são verdes, de noite cinzentos.

— Vou, João. Eu te gosto.

— Baixe o rosto. Vou te deixar um beijo.

Ela baixou o rosto como a lua sobre um telhado do bêco.

— Esse beijo será o último de nosso amor.

Beijei-a e desci da janela.

— Me dá tua mão.

Ela deu.

— Será o último?

Ela puxou a mão e pôs no coração como se doesse.

— Não sabe?

— Não será, João, não será.

Abriu o vestido amarelo e tirou um seio murcho de frio. Chamou-a de dentro da casa a vaca velha da Ursula.

— O destino vai marcar a nossa vida, Joana.

Eu me fui, na noite de lua, assobiando "Rasguei o teu retrato" pelo

bêco. Às duas horas, de tanto sono, dormi até que fui acordado com batidas na janela. Olhei pela vidraça: era ela. Abri a porta, mas não entrou.

— Pensei que não viesse.

Ela, muda.

— Sabe que horas são?

— Mais ou menos.

— São três e meia da manhã.

— . . .

— Alguem te viu?

— Dois soldados.

— Viram você pular a janela?

— Não.

Ela entrou, descalça, para andar pela casa sem acordar o Tiberio. Tirou o casaco de pelúcia e o vestidinho verde, ela disse que era o seu vestido novo. Mas a deixei nua e,

ao vê-la, toda nua, enxuguei o suor das mãos antes de tocar nos dois seios pretos de velha. Nu também, quando entrei sob o lençol, ela me chamou de gordo.

Eram quatro horas, quando a convidei para sair. Ela me pediu que a seguisse, já que tinha medo dos soldados. Não ventava mais, não tinha uma estrela.

— João.

— Que é, anjo?

— Você gosta de meu vestido novo?

— Gosto, é bonito.

A leve neblina se evanescendo entre o ar saía da boca de Joana.

— Quer uma bala de gosto ruim?

Tirou do bolso do casaquinho a bala.

— Quero, anjo.

— Agora, gosta de mim?

Parei no poste e assisti a subida na janela. Fui-me afastando aos poucos, de costas. Da janela, Joana me atirava beijos.

Chupei a bala, tinha gosto ruim mesmo. Dei adeus e também atirei beijos no ar (cuspi no chão a bala).

— Vou de noite na tua casa.

— Que horas?

— Entre uma e duas.

— Então, tiau.

— Tiau.

Com ela podem vir o Tiberio e a Ursula. Para não dormir, fiquei sentado na cama ouvindo a música na porta do cinema, os passos do vento no bêco. Era sábado ou domingo, não me lembro, de vez em quando

gritava um bebado na rua entre a conversa dos sapos. A uma e meia, Joana empurrou a porta e entrou, parada no meio do quarto, sem olhar para mim.

— Havia gente na rua? — perguntei.

— Havia.

— Te viram?

— Não.

— Onde eles estavam?

— Iam caminhando na minha frente.

— Quem eram?

— Uns homens.

— Quando abriu a porta eles não olharam para trás?

— Acho que não.

— Acho que não... você é louca, Joana. Por onde saíu?

— Pela porta da cozinha.
— Porque não pulou a janela?
— Fazia muito barulho.
— Deixou a porta aberta?

Eu estava sentado nà cama, Joana escondia as peças de roupa atrás da cadeira.

— Fechei com um cavaco.
— Barbaridade! se o vento der na porta?
— Ela abre.
— E abrindo?
— Os cachorros entram na casa.
— Se teus irmãos choram?
— Mamãe acorda.

Meu Deus, a Ursula.

— Teu pai se levanta, não é?
— E' capaz.
— Nunca vi maior loucura!
— ...

— Você ri ainda? Louca.

Eu já estava vestido, quando ouvi (e ela também) duas batidas na porta da frente. Apaguei depressa a vela.

— Vista-se, Joana.

— Sim.

— Não faça barulho.

Ela me pedia as peças de roupa, na cama, que eu lhe dava, de costas, porque não me deixou olhar. O Tiberio batia na porta. Saímos pelos fundos, descemos correndo o bêco. Os sapos pararam de cantar nas poças dágua. Joana pôs a cabeça no meu peito e me beijava na boca, nos olhos, no nariz, contando um, dois, três até sete. Voltei para casa, vi de longe, na praça, um homem. Tinha uma capa cinza e era alto. Foi quem

bateu na porta, viu Joana sair de casa.

Joana me contou que, entrando pela cozinha, ouviu barulho no corredor e se escondeu atrás do barril dágua: era o Tiberio, que chegou de cueca na cozinha, bebeu água e foi dormir.

— Foi ao circo que não veiu na janela?

— Não tinha dinheiro.

— Não pediu a tua mãe?

— Ela não tinha.

— O Tiberio?

— Tambem não.

— Para onde foram os cobres?

— Armazem.

— Quer dizer que não há dinheiro na tua casa?

— Sim.

— Quer que eu te dê dinheiro? — estendi-lhe uma nota de cincoenta.

— Não.

— Vergonha?

— Não.

— Medo de tua mãe?

— Sim.

— Porque é muito?

— E'.

Joana na janela e eu sob o poste. Puxei uma nota de vinte e ela, depois de dobrá-la, guardou no corpinho.

— Quero ver ele.

Tirou o seio com frio na noite.

— Estou vendo.

— .....

— Estou gostando, é bonito.

— .....

— Pode guardar.

Joana ganhou uma almofada verde da Ursula para não doer os cotovelos na janela.

— Foi ao circo, anjo?

— Não.

— Ficou na janela?

— Fiquei.

— Fazendo o que?

— Chorando.

— Por causa?

— Meu irmãozinho.

— O que morreu?

— E'.

— Saudades?

— Sim — disse chorando.

Esse irmão morreu em Antonina, com seis anos, foi enterrado lá mesmo. A noite passada, a Ursula falou nesse menino e Joana saíu da mesa com uma dôr de barriga, sem querer

mais comer. Fechou-se no quarto e chorou. Chovia, não tinham luz em casa: uma vela se apagando no quartinho. Um trem partia da estação e lhe disse que com ele partiam as suas dores. Logo chegou um trem. Este trem sou eu, Joana.

— Você nunca viu teu irmão depois de morto?

A cara de Joana se quebrou de choro, punha a mão no nariz e as lágrimas corriam entre os dedos.

— Quero vinte.

— Para que?

— Gastar.

— Não tenho trocado, será que tua mãe troca?

— Acho que sim. Vou ver.

Voltou dizendo que a mãe estava cercada pelas crianças.

Eu corria, sob a chuva, quando dei com Joana atrás da vidraça. Fingi ter esquecido o dinheiro e voltei, sem olhar para trás. Abriu a janela e chamou. Quando ela me chamou parou de chover. Da janela ainda molhada, ergueu o vestido para que eu visse, eu vi.

Tinha luar e Joana cantava na janela, de almofada verde. Não sabia que eu estava ali, mas cantava para mim, na sombra do muro. Eu fumava com o cigarro na palma da mão para o Tiberio não ver a brasinha. O luar era tão forte que, junto ao muro, o Tiberio me viu e desci o bêco quando Joana cantava sem me ver, eu girava ao redor dela como um peixe morto boiando sem poder afundar.

Em Curitiba no ano 1948 ou 1949, eu não me lembro bem, eu não sei se foi no ano 1948 ou 1949 que um homem veiu lá em casa com desculpas de namorar a minha tia. Ele se chamava Ezequiel, eu não sei qual é o sobrenome dele e nem quero saber. Mas minha tia não o queria porque ele era um homem feio e alem disso sem profissão, eu fiquei gostando dele porque levava um rádio e deixava-o lá em casa por alguns dias.

Certo dia ele apareceu com um auto e disse a meus pais que queria passear no auto com meu irmão e eu. Meus pais consentiram. Eu fui na frente com ele, e meu irmão atrás. Ele nos levou a uma rua deserta e parou a lata velha dele, que é como

dizem para um certo tipo de auto. Ele pediu a meu irmão que se deitasse porque outro homem ia passar por ali. O outro homem não gostava de criança. Com uma voz que eu não sabia se era dele ou do outro homem ele me perguntou qual era meu nome, Joana eu disse, quantos anos você tem, oito anos eu disse, você quer uma boneca de cachinhos, quero eu disse e ele me prometeu todas as bonecas de cachinhos se eu não gritasse. Depois já estavamos de volta para casa.

E isso repetiu-se várias vezes. Lembro-me bem uma vez que ele pediu a minha mãe para levar-me passeár e ela deixou. Mas ele mentiu a minha mãe e levou-me na casa onde ele morava. Ele me deitava na cama

e dizia que era a filhinha dele que morreu, chamada Rita como a minha tia. Como é teu nome, ele perguntava, Rita eu dizia. Na casa dele sempre ia durante o dia.

Lembro-me que ele tambem nunca me beijou na boca. Certa vez foi tambem no quarto dele, mas não foi na cama e sim no guarda-roupa, ele deixou-me em pé dentro com a porta aberta de maneira que eu fiquei da altura dele.

Depois nós mudamos para Antonina, ele foi lá um ano depois. Ele apareceu uma tarde que meu pai estava na rua, estava só a mamãe, eu e meus irmãos, conversamos um pouco, depois minha mãe foi fazer café, eu meu irmão e ele ficamos na sala. Ele mandou eu ler um jornal

e meu irmão ficou desconfiado dos movimentos que ele fez. Depois papai foi embora para o mar e minha tia casou-se com outro ainda em Antonina. Ele nunca mais foi lá em casa e não sei se morreu, o nome dele era Ezequiel.

— Eu vou na tua casa.

— Está muito frio.

— Não faz mal.

— Faz.

— .....

— Se tiver gente na rua, não vá, ouviu?

— Sim.

— Se for, a que horas vai?

— Uma ou duas.

— Está bem. Tiau.

— Tiau.

Atiramos beijos um para o outro e vim para casa. Perdi o sono e dormi às quatro da manhã. Joana não veiu, sonhando na janela com o Ezequiel.

Ao beijar-lhe os dois pés ela disse que não queria. Os cachorros arranhando a porta podiam acordar o Tiberio. Ela esteve hoje no guarda-roupa com o Ezequiel, a Ursula fazia café para os dois. Falta pouco tempo, é meia noite e seis minutos.

Ouvi a música na saída do cinema, logo ela entrou em casa com a mãe. Fui para o poste, abriu a janela.

— O que você fez hoje?
— Nada.
— Conversou com alguem?
— Com ninguem.
— Medo?
— Não.

— Frio?
— Sim.
— E hoje?
— Quer que eu vá?
— Quero. Vai?
— Vou.
— Entre e feche a janela.
— Tiau.

Fiquei de espreita no bêco. Não veiu ninguem. A Ursula, pelos fundos, avisou o Ezequiel para não vir.

Alguem bateu na janela, mas era a chuva e fui dormir, quando seus dedos bateram no vidro e eu tremia de pé na cama, ouvindo a chuva que caía na calçada.

Joana deixou os chinelos molhados na porta. Vestia um casaco vermelho sobre o vestidinho de pelúcia, com um sorriso na boca pintada. Fi-

cou deitada, enrolando um cacho de cabelo na testa. Eu fumava, queimando os dedos e apertava-lhe o nariz, mordia as bochechas, queria deixar o meu dente no seu peito preto. Joana tinha a mão na boca de medo do silêncio na casa. Sentado na beira da cama eu cuspia no soalho. E' o teu amor que eu cuspo, lhe disse, nem que seja preciso cortar meu coração e jogá-lo para os cachorros do Tiberio, antes que apodreça no meu peito. Eu não podia ver a cara de Joana, escondida atrás dos cabelos. Pulei da cama, andando à roda do quarto. Esperei dez minutos, ela uma vaca deitada no pasto.

— Quanto?

— Cem.

— Cincoenta serve?

— .....

— Então, vista-se.

Era para pagar o casaco vermelho.

— Você ouviu, João?

O medo de Ezequiel nos deixa de mãos dadas, sentados na cama, até que o suor corre entre as nossas mãos. O Tiberio acordou porque os cachorros estão arranhando na porta. Ela tremeu quando ouviu o assobio na rua: é o Ezequiel, Joana? Vinha do bêco, era um assobio de homem no bêco. Um galo cantou e nós dois nus, sentados na cama, de mãos dadas, de costas um para o outro.

BOA NOITE, SENHOR

Ele me esperava à saída do baile. Parado na esquina, arrumou as pontas da gravata borboleta e, ainda de longe, sorria para mim. Quando me deu boa noite, fitei-o magrinho que era, de idade incerta, respondi: boa noite, senhor.

Foi andando a meu lado, disse que me viu dansar com aquela loira. Era linda, ele achava, com sua boca pintada. Explicou dar sorte no amor dos amigos. Respondi que não queria mais vê-la. Ele disse que sofrera

muito com as mulheres, deu com raiva um puxão na gravatinha azul, não queria saber da própria mulher, ele que era casado.

Alisando, com a unha do polegar, as grossas sobrancelhas ele falava tanto, tão depressa, que a sua voz ficou pastosa de saliva escorrendo no canto da boca. Confessei que a loira se despedira, no portão, entre beijos. Acendi um cigarro e, quando minha mão tremeu, perguntou se ela me provocara, mas não respondi. Ele disse que compreendia muito bem, as mulheres enlouqueciam os moços, sem piedade deles. Ele podia matar uma loira que traía os moços com seus perfidos olhos verdes. Eu vi que seus ombros tremiam e, arrega-

lando os olhos, cochichou ao meu ouvido:

— Veja: eu não tenho olhos verdes!

Ele piscou para mim, uma vez cada olho. Embora falasse do ar frio, das folhas secas de plátanos na calçada, da cara engraçada dum musico no baile, ele me provocava. Eu não sabia nada do mundo e, a cada palavra, sua voz era mais rouca. Disparava nos dentes as palavras que tombavam pestilentas entre o ar frio. Intrigava gentilmente os plátanos, a loira, a própria lua rolando sua cabeça no céu. O som daquela voz era de uma lesma escorrendo branca no muro. Ele não falava da loira, de mim ou dele: era dum outro e, falando, como se eu soubesse quem era.

Perto de uma igreja ouvimos o grito de morcegos cegos. A noite voava, rodando entre as horas, preta como um carro de defunto.

Ele me perguntou que horas eram. Eu não tinha relógio. Paramos na esquina de minha rua, ele intrigou a loira, disse que tinha uma boca pintada, a visão era promessa de delícias loucas, mas seu olhar era frio, seu loiro coração era amargo. Ele sabia de outras bocas, a sua, por exemplo, que são raínhas de mil gozos. Molhou os lábios com a ponta de uma língua vermelha: ele tinha a espuma dos moribundos na boca. Há muito tempo ele me conhecia, eu nunca o vira, mas ele sabia tudo de mim, quem eu era, porque um rapaz belo merecia o trono do mundo. Eu podia

lhe pedir até dinheiro, ele disse, dar-me-ia presentes como eu não tinha ganho de nenhuma loira. Perguntei-lhe porque a odiava, se era moça de boa família, ele ficou silencioso e, de novo, tremiam-lhe os ombros.

Ele olhou o seu relógio no pulso: eram três horas da manhã. Eu disse boa noite, senhor. Ele não respondeu, subindo os seus magros dedos brancos ao nó de minha gravata. As mãos trêmulas como dois ratos de focinhos úmidos correndo sobre a minha camisa.

— Você tem cabelos no peito...

Eu seguira, cada vez mais confuso, os seus gestos de um padre no ritual da missa.

— Ora, qualquer homem tem.

Os seus olhos parados luziam como uma poça dágua, eu podia jurar que eram verdes.

— Como você é forte!

Eu quis rir, de vaidoso, o riso me engasgou na garganta, saiu um guincho de morcego cego.

Ele já falava do tempo ameaçando chuva. O trovão correu pela noite igual a um carro de rodas pulando nas pedras. Ele ficou quieto, ouvindo o trovão e fez um gesto. Fez o gesto outra vez, era um dos gestos da loira, a ponta da língua se mexendo como um papel debaixo da porta:

— Você não tem medo?

Um gato pulou do muro, quando olhei do gato para o homem vi a rua

até a esquina. Ele tinha se ajoelhado como diante dum altar.

Gotas de chuva estalavam sobre as folhas como passos de gente correndo. Eu disse boa noite, ele começou a chorar, o seu rosto se abriu como uma rosa murcha de onde caem as pétalas. Tinha a boca aberta que comia noite com seus dentes de ouro. A chuva lhe escorreu na cara como se toda ela chorasse.

Ele seguia a meu lado, segurando a minha mão, o relógio brilhando no seu pulso.

— Esse é o meu presente?

Ele olhou o relógio:

— E' de estimação, herança de minha mãe.

As folhas úmidas brilhavam sobre a calçada. Todas as árvores pinga-

vam. Duas portas antes de casa, parei.

—E' preciso que...

Não ficava bem chamá-lo de senhor.

— ... volte daqui.

Para não me pegar na mão, guardei-a no bolso. Ele me pediu:

— Fique mais um pouco.

Mirei o seu pomo de Adão que subia e descia como se ele bebesse as gotas que caíam das árvores. Todas as árvores pingavam. Fiquei parado na porta de casa, olhando o relógio na palma de minha mão. Ele me perguntou que horas eram.

ÍNDICE

A Morte Dum Gordo 5

O Bêco 65

Boa Noite, Senhor 97

CADERNOS DE CORDEL

1 — Guia Histórico de Curitiba.

2 — Lamentações de Curitiba.

3 — A Volta do Filho Prodigo.

4 — O Dia De Marcos.

5 — Crônicas da Provincia de Curitiba.

6 — Os Domingos ou Ao Armazem de Lucas.

7 — A Morte Dum Gordo.

PEDIDOS: à rua E. Perneta 466 — Curitiba.

EDITORA GUAÍRA LTDA.
Rua Julia da Costa, 531
Curitiba — Paraná

49541

49541